REVISTA DA SEMANA

17 de Janeiro de 1953 — Cr$ 4,00 em todo o Brasil

BIBLIOTECA NACIONAL ... Janeiro

NO TEXTO:

PETRÓLEO - SANGUE DO MUNDO

O "PAGÉ" DO SERTÃO CARIOCA

ONDE IKE VAI MORAR



88 150

JÁ SAIU O LIVRO MARAVILHOSO DOS MIL ASSUNTOS...

O MAIS BELO
E MAIS ÚTIL

almanaque de 1953



CONTENDO:

20 CONTOS

NARRATIVAS HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS HISTÓRIAS INFANTIS

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR

UM ROMANCE COMPLETO:

"QUO VADIS"

O MARAVILHOSO ROMANCE DE H. SIENKIEWICZ, RICAMENTE ILUSTRADO A CÔRES POR FORTUNIO MATANIA

"EU SEI TUDO"

AS BANDEIRAS DE TÔDAS AS NAÇÕES NAS CÔRES PRÓPRIAS

PÁGINAS EM POLICROMIA

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

CALENDÁRIOS:
CATÓLICO ★ CIVIL ★ ISRAELITA ★ PERPÉTUO ★ PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS E TÔDAS AS INFORMAÇÕES ASTROLÓGICAS ÚTEIS PARA O ANO

PREÇO 25 CRUZEIROS

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU VALE DO CORREIO

PEDIDOS À CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO



As notas que em muitas e muitas ocasiões foram motivos de discórdia, de negócios, de felicidade, caminham, como dóceis cordeiros, para a guilhotina, já que estão condenadas à morte

A MORTE DO DINHEIRO

É impressionante o sangue frio dos funcionários da Caixa de Amortização encarregados de substituir por dinheiro novo as velhas e amarfanhadas notas que se cansaram de correr de mão em mão por êsse Brasil afora.

«O meio circulante aumentou espetacularmente nestes últimos vinte anos», explicou-nos o sr. Telmo de Souza, diretor interino. Conseqüentemente aumentaram o número de notas em circulação. Todo o Brasil é surtido de dinheiro pela Casa da Moeda que cunha o trôco e pela Caixa de Amortização que o distribui, atendendo às necessidades dos Estados e do Distrito Federal. Ora o Brasil não estampa nem imprime aqui o nosso dinheiro. Êle vem novinho, estalando, de Londres, impressão feita pela firma Thomas de La Rue ou então pelo American Bank Note. O que se faz aqui no Rio é apenas a substituição

UM GAÚCHO QUEIMA MILHÕES ★ QUANDO O VIL METAL VIRA CINZA ★ CHEIRA MAL O DINHEIRO ★ A TENTAÇÃO NÃO TEM VEZ NA CAIXA DE AMORTIZAÇÃO ★ CHEGAM DE LONDRES NOTAS ESTALANDO: 35 BILHÕES

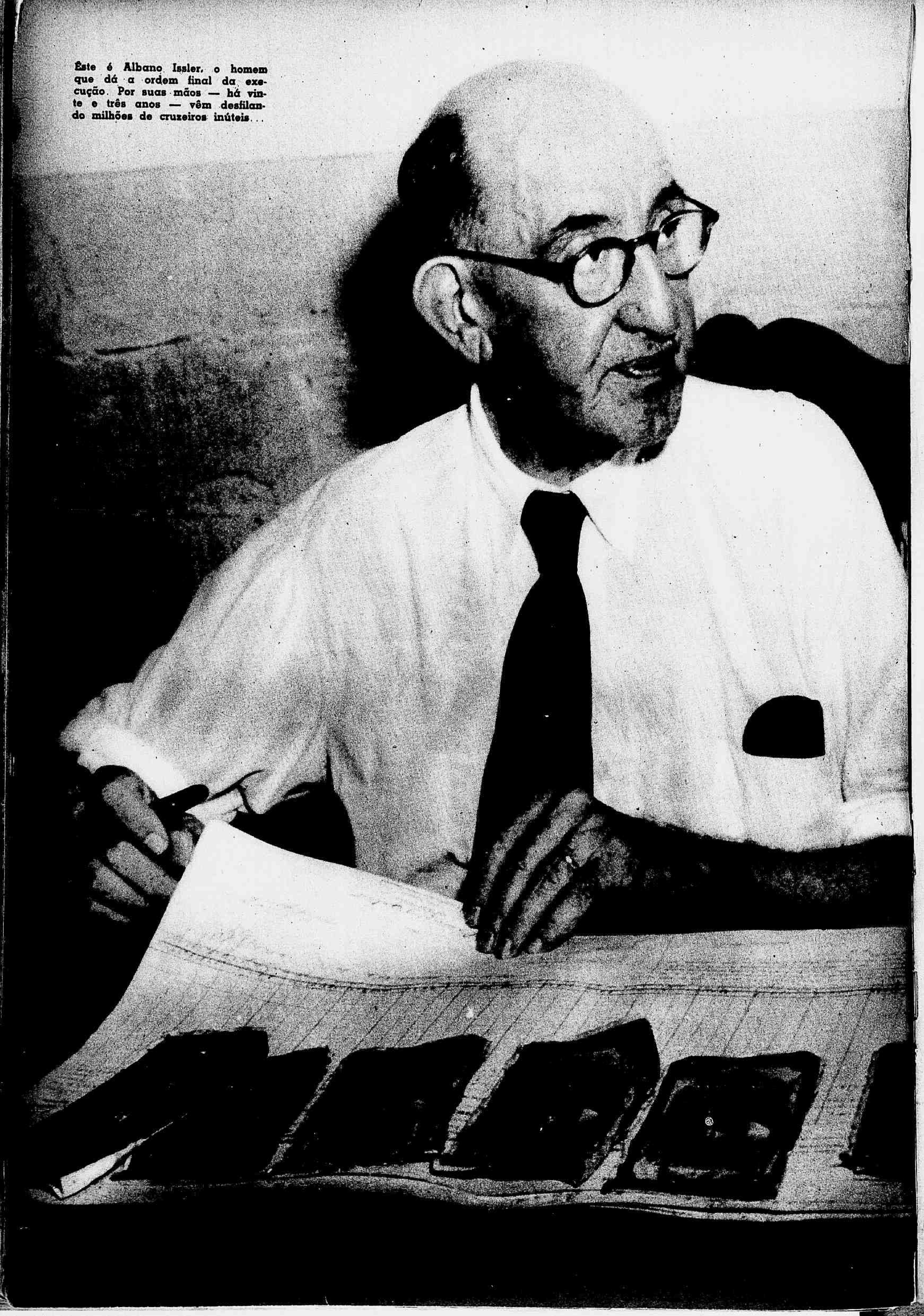
Texto de NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES
Fotos de ALBERTO FERREIRA

dessas notas depois de ficarem materialmente imprestáveis. Elas ficam imprestáveis pelo uso excessivo ou acidentalmente por deteriorização (incêndios, rasgaduras, etc.) e então são queimadas em fornos especialmente construídos para êsse fim.

Essa operação da queima é autorizada por uma Junta Administrativa, cujo presidente nato é o próprio Ministro da Fazenda. Até há alguns anos atrás era feita de dois em dois meses. Porém agora, dada a necessidade de inutilizar uma maior quantidade de notas, as queimas são quase diárias.

O dinheiro vem das Delegacias Fiscais contado e acompanhado de um mapa que indica sua estampa, série, etc., tudo enfim o que o caracterize e identifique. Aqui no Rio, na Caixa, é contado novamente por diferentes grupos de funcionários, que se tornam responsáveis pelas diversas quantidades que lhes são entregues.

Antes de ir para o forno é recontado pela terceira vez por uma Comissão de Queima. Ali, sob os olhos vigilantes de Albano Issler, um veterano funcionário gaúcho, que já tem



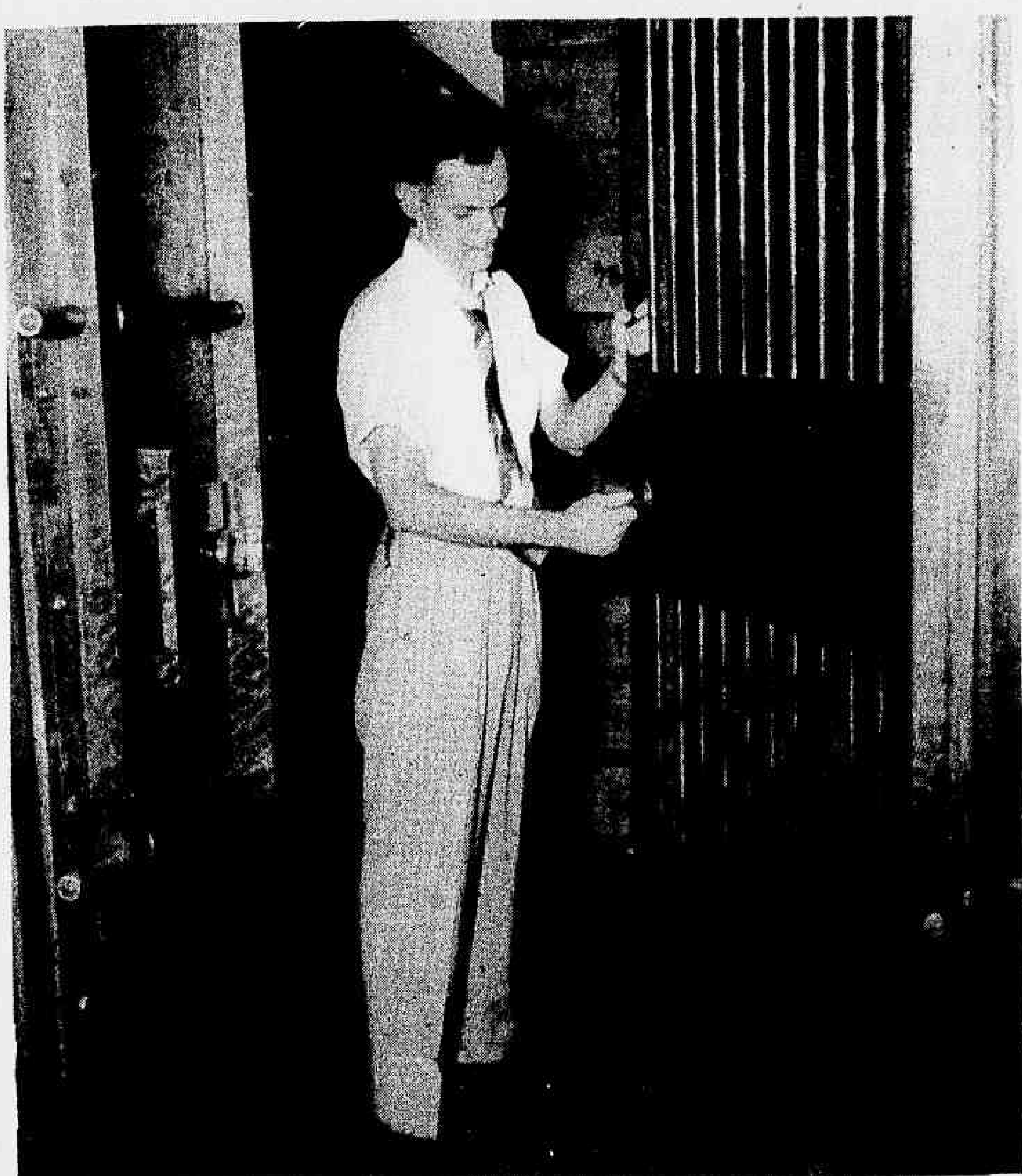
Êste é Albano Issler, o homem que dá a ordem final da execução. Por suas mãos — há vinte e três anos — vêm desfilando milhões de cruzeiros inúteis...



Dos Estados chegam estas montanhas de dinheiro velho. De Goiás, onde as notas demoram mais, chegam as piores. Juntas vão ter destino comum.



Até que, finalmente, ensacadas, confrontado o número de sacos com os mapas elas esperam, já na câmara ardente, a hora de virarem cinza.



Para que não haja desordem na substituição, o dinheiro é encarcerado. Êste funcionário passa as chaves nas grades. A sentença já está lavrada.

queimado fortunas inteiras, o velho papel tão suspirado por todos, agoniza sob suas mãos e vai para o destino de todos os mortais: converter-se em cinzas.

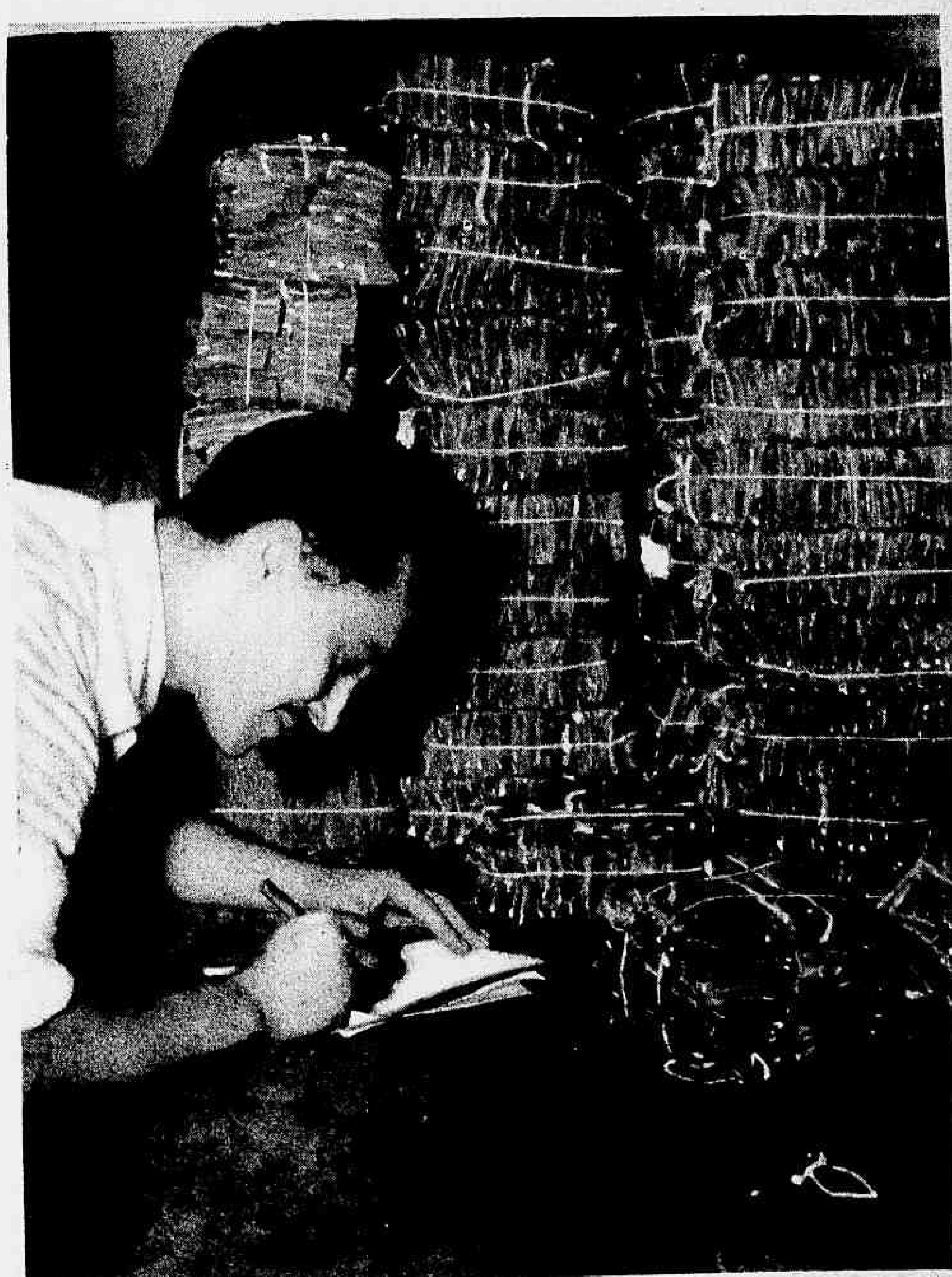
A queima começou em 1835. Tudo era então risonho e franco. Dinheiro velho, desaparecia sem dar maior trabalho. Em 1927, já a coisa começa a complicar. Tínhamos então queimas mensais ou bimensais. O número de notas em giro era de 40.000.000, com um valor de um bilhão de cruzeiros (mil réis).

Hoje temos aquelas cifras altamente multiplicadas. Correm de mão em mão, do bôlso de um para o outro (sabe Deus como) a quantia de 398.000.000 de notas de vários valores, somando um total de 35 bilhões de cruzeiros!

Em 1946 o presidente Dutra inaugurou o novo forno mas, apesar de terem transcorridos tão poucos anos, já se tornou insuficiente para sua função de matar o dinheiro. Nas suas entranhas a temperatura



Mas, antes de ir para o necrotério, os cadáveres de mil e quinhentos, as notas de cem e cinqüenta, são ainda uma vez recontadas, pelas dúvidas.



Uma penada final consuma o fim do dinheiro. Já cumpriu no mundo sua missão. Resta cumprir a sentença que diz: volta ao teu lugar, vira cinza.



Mas há um nascimento do dinheiro. Vem de Londres, encaixotado, novinho.



E a funcionária, displicente, rubrica alguns milhões que irão para a rua.

atinge a 1.500 graus centígrados. Não escapa nada. Tudo vira pó esbranquiçado que voa ao vento e se transforma em nada. E o que é pior: dá margem a contínuas reclamações dos prédios vizinhos que de vez em quando se vêem cobertos de fina camada de cinza que suja tudo e perturba a respiração.

O NECROTÉRIO DAS NOTAS

Nas salas do primeiro andar, onde se faz a contagem e a inutilização das notas velhas, há um cheiro nauseabundo. E' o odor característico de suor e sebo que impregna o cadáver das cobiçadas notas de mil e de quinhentos. Elas são então levadas à guilhotina .A máquina que he dá o toque da condenação: são picotadas com cinco ou seis furinhos. Pelo chão, como cabeças minúsculas rolam uns bolinhos de papel imundo. Depois são ensacadas e ficam na sala da queima, como numa morgue. À espera da hora fatal da incineração.

Enquanto isso continua acontecendo diàriamente, pois a função dos empregados na Caixa da Amortização é precisamente essa, lá fora desembarcam dos caminhões para as caixas fortes as notas flamantes encaixotadas em caixões protegidos por fôlhas de níquel. Segundo suas estampas e séries, são rubricadas por funcionários e pouco a pouco postas em circulação aqui na capital e nos Estados.



Antes leva um carimbo de lacre. As séries controlam o meio circulante

COISAS DO DINHEIRO

O personagem dinheiro entra com facilidade no interêsse de todos. Mas nós o vemos aqui como simples veículo. Queremos saber de sua existência mecânica. E o diretor interino, dr. Telmo de Souza, nos informa que ao longo da vida da Caixa de Amortização, muito ao contrário do que seria natural esperar, nunca se deu um roubo escandaloso, isto é, nunca os milhões que passam pelas mãos dos funcionários, dinheiro novo ou velho, sumiu para dar trabalho à polícia.

O hábito de contar milhões, ou de queimá-los, torna-se rotina. Os funcionários olham para o dinheiro como se não valesse nada e, alheios ao espírito demoníaco que se esconde em cada nota, vão contando, recontando e entregando ao mundo, ao soldado desconhecido, à terra-de-ninguém, as notas que farão a felicidade de uns e a desgraça de outros. Tudo funciona às maravilhas entre os que convivem com os milhões alheios.

NOTAS CARAS E NOTAS BARATAS

Uma característica que poucos sabem ou recordam: o dinheiro tem um preço. Por exemplo: um milheiro de notas antigas, das grandes, valia, isto é, eram encomendadas nas casas impressoras, por 45 dólares o milheiro. Hoje, reduzidas no tamanho, passaram a custar apenas 9 dólares a mesma quantidade. Como vêem, o dinheiro custa mais barato, o que contrasta com o custo da vida que está cada vez mais caro porque ... aumenta o meio circulante sem aumentar a riqueza em espécie que o justifique. Êsse fenômeno chama-se inflação. Mas isto já é outra história. E não convém, quando se trata de queima de dinheiro, entrar na seara alheia.

(Cont. na pág. 39)

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 3 ★ 17-1-53

SUMÁRIO

A Morte do Dinheiro 3/39
A Tragédia do «Champollion» 15
Onde Ike vai morar 23/26
Petróleo — sangue do mundo 27/30
Entrada do Ano 34/35
O Avô dos Pára-quedistas 36/37
O «Pajé» do sertão carioca 51/53

★

Belo Horizonte — um milagre 7
Fuga e Retôrno 11
Semana Literária 31
As duas Elizabeth e o Brasil 32/33

★

A Personagem da Semana 8
A Semana em Revista 8/ 9
Lido... Visto... Ouvido... .... 16/17
A Revista há 50 anos 18
Conta-me teus sonhos 18
Passatempo 50
Último Flash 54

★

Memórias do Príncipe Yussupoff (romance) 12/13
Lídia Morta 14
O Homem das Rãs 19/21
Êste mundo e o outro 22
A saúde do bebê 42
Modelos 43/46
Crônica de beleza 47
Arabelle (folhetim) 49

★

Capa:

Martha Toren (Foto Columbia)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Reportagens: NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha, Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933. Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 52 páginas.

★

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

★

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

BELO HORIZONTE — UM MILAGRE



QUANDO em 1897 legisladores mineiros discutiam em Barbacena a mudança da capital de Minas, então Ouro Prêto, cinco lugares foram sugeridos e alguns dêles com grande veemência. Do choque de idéias e debates que envolviam os mais variados argumentos, dos literários aos científicos, saiu vitoriosa a escolha de Belo Horizonte. A velha e humilde Curral del-Rei, simples pousada de boiadeiros, arraial sem futuro previsto, à margem do Arrudas e à sombra da soberba cordilheira de Congonhas, de um decreto que abalou o Estado e levantou ebulições de revolta em Vila Rica, se converteu em poucos anos, no mais estupendo milagre de audácia dos mineiros. Fundada legalmente em 1897, sem estradas de ferro, sem vias de comunicação, sem dinheiro, sem recursos, sem produção, sem o apoio dos capitalistas, a nova capital foi-se apresentando aos olhos e à alma dos mineiros e atraindo adeptos. Enfrentou detrações, venceu perfídias, dominou calúnias, derrotou mentiras. Belo Horizonte não surgiu como produto de surtos econômicos regionais, como sucedeu e ainda sucede com as mais novas e pujantes cidades do norte do Paraná e da zona cafèeira de S. Paulo; não floresceu adubada pelo trabalho escravo no **rush** do ouro, nem das bandeiras em busca das esmeraldas; não é uma nova Manaus, milagre da borracha, nem outra Campina Grande, eleita do comércio algodoeiro; Belo Horizonte não possuía indústrias, não dispunha de garimpos, não tinha agricultura. Foi a eleita de um conclave de homens de ciência, de estadistas, de patriotas. Antes de ser escolhida, estudaram-lhe o solo, as camadas geológicas, o clima, o declive das águas pluviais tudo examinado e perquirido como um noivo zeloso a estudar em minúcias a vida e as virtudes de sua eleita. Instalado o govêrno, o arraial começou a progredir. Primeiro, morosamente; depois, aceleradamente, e hoje vertiginosamente. Belo Horizonte é uma bofetada nas ventas dos brasileiros que vivem a dizer que não temos capacidade para assombrar o mundo com trabalho nosso, dentro de nossos próprios recursos. O capital mineiro, ao invés de emigrar para o Rio ou S. Paulo, plantou-se em Belo Horizonte, cujo centro monumental atesta a confiança dos seus filhos no futuro da cidade. Hotéis suntuosos, edifícios de trinta andares, movimento intenso nas ruas amplas e nas praças floridas; o povo a encher os estabelecimentos, as livrarias, as estações, o aeroporto, os parques, os cinemas; o hábito generalizado e sadio de beber vitaminas por todos os lugares, eis um espetáculo que converte qualquer pessimista suburbano da Central do Brasil em convertido à capacidade dos brasileiros. Centro de cultura universitária, de artes e letras; com uma imprensa de primeira ordem, resistindo bravamente à invasão da carioca; possuindo seu parque industrial de evidente progresso e recebendo diàriamente novos elementos de propulsão, a capital mineira prova ainda sua arrancada para a frente, em face das crises transitórias como qualquer corpo biológico quando avança além do tempo. A facilidade de transportes e de comunicações mais rápidas e cômodas com o Rio e S. Paulo, muito ajudará Belo Horizonte a progredir ainda mais. A construção da nova rodovia ligando-a ao Distrito Federal, virá atenuar o sacrifício pela Central do Brasil, atualmente com ótimos leitos no «Vera-Cruz», mas tudo prejudicado pelo mau **leito** da estrada. Belo Horizonte é uma estação de cura contra o pessimismo e a desilusão.

RENATO DE ALENCAR

A PERSONAGEM da SEMANA



O assunto dominante da semana que passou foi o já famoso caso do algodão que o Banco do Brasil comprara para manter o preço alto do produto. E ficou, depois, o estoque constituindo um problema a mais a ser resolvido. Que fazer do algodão? Vieram as divergências. Uns queriam que o «abacaxi» fôsse exportado; outros que fôsse vendido para consumo interno. Depois de tantos debates, através de sucessivas reuniões, venceu a tese do sr. Horácio Láfer, Ministro da Fazenda, que defendeu o ponto-de-vista de que o algodão devia ser mandado para fora, mesmo que o Banco sofresse um prejuízo que, afinal, será coberto por outro meio. Foi assim o desenlace do caso, uma vitória do ponto-de-vista sustentado pelo sr. Láfer que em todo êste episódio do algodão, desde sua franca e leal entrevista em Marília, tem se orientado de maneira interessante.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

ANO BOM EM PIRAQUÊ



O Sr. Nereu Ramos, presidente da Câmara dos Deputados, entre o Gen. Ciro Cardoso e o Gen. Caiado de Castro, ouve a oração presidencial.

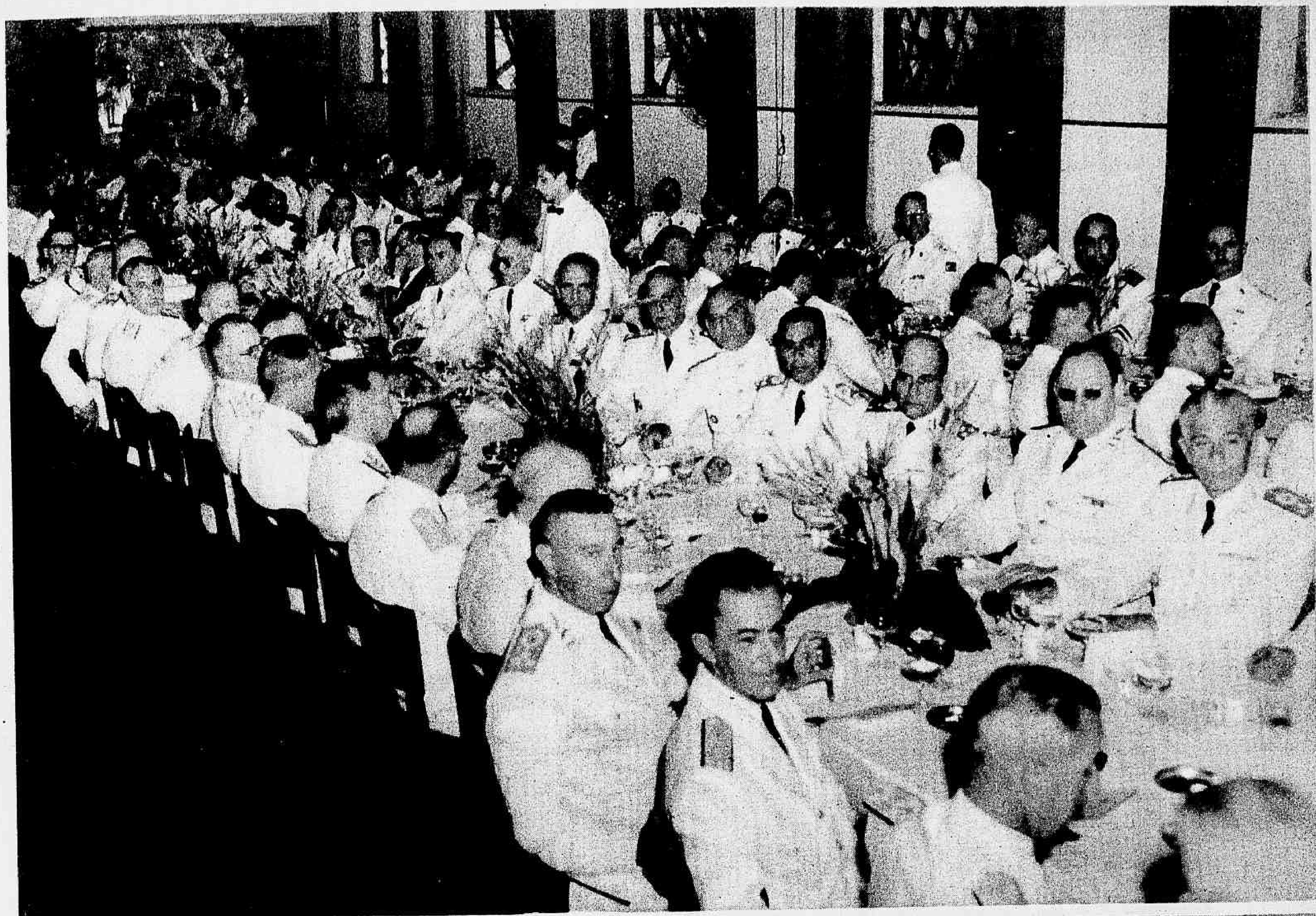
COMO é de praxe, também êste fim de ano o Sr. Presidente da República falou à Nação no cordial encontro da Ilha do Piraquê, na lagoa Rodrigo de Freitas, no último dia de 1952, na festa que a Marinha ofereceu ao Chefe da Nação e aos membros de seu govêrno. E' dêsse encontro apolítico a reportagem fotográfica aqui estampada.



Os senhores Getúlio Vargas e Café Filho, ouvem o discurso pronunciado pelo Sr. Ministro da Marinha, Almirante Renato Guilhobel.



Tôda a oficialidade presente se dirigiu ao Presidente da República e Chefe Supremo das Fôrças de terra, mar e ar do Brasil, Senhor Getúlio Vargas, a fim de cumprimentá-lo pela entrada do Ano Novo.





Altas patentes das classes armadas confraternizam no banquete do memorável encontro entre o Presidente Getúlio Vargas e os militares.

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista

Fuga & Retôrno

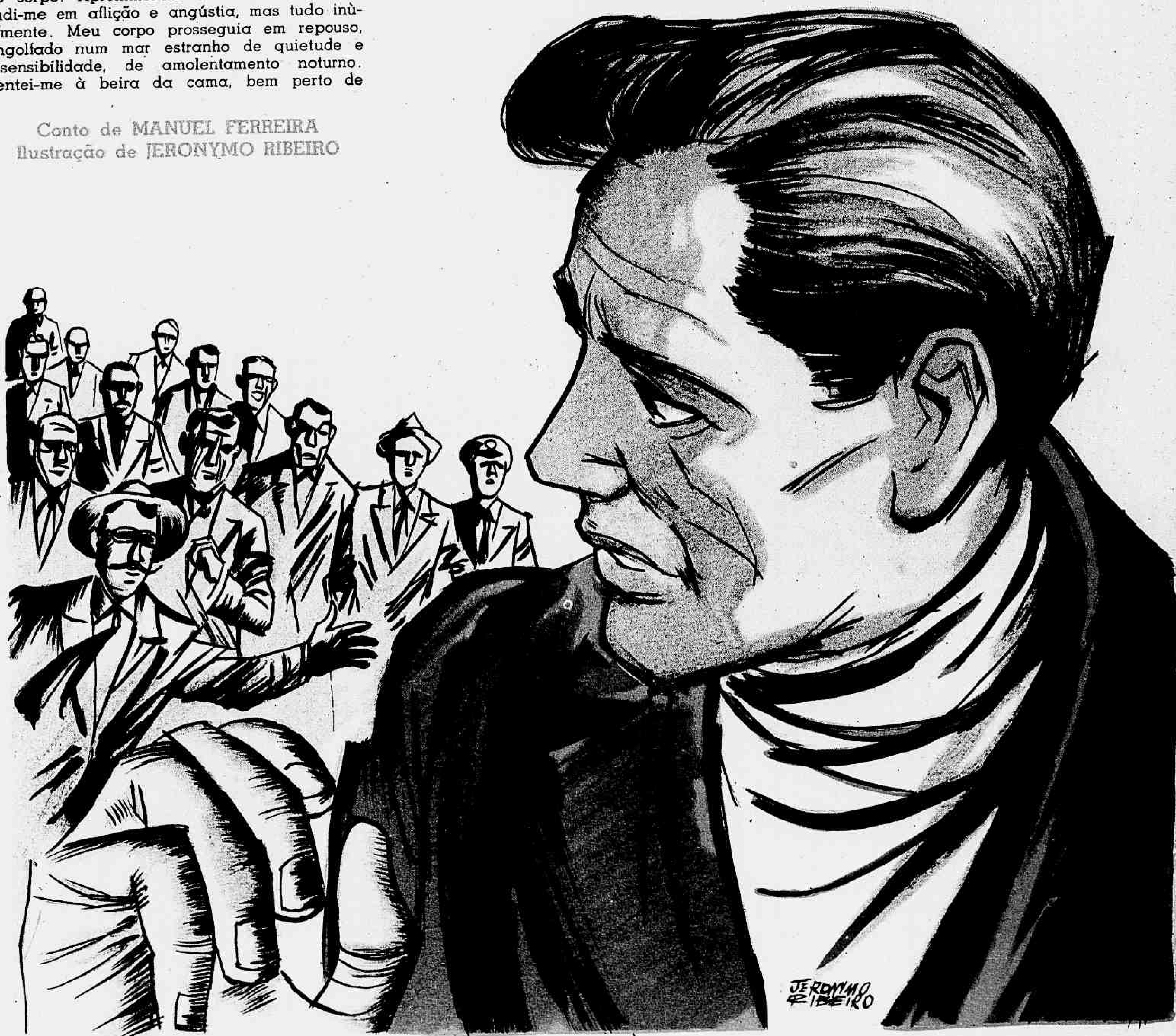
ACORDEI com sensação de leveza como se minha alma houvesse rompido um envólucro e se destacado do corpo. Levantei-me e entreguei ao espelho uma imagem leve, diáfana, transparente, quase invisível. A surprêsa rolou então nos meus olhos. Não pude de pronto acreditar no que via refletido no espelho. Era realmente estranho o que me acontecera. Olhei em seguida para a cama de onde me levantara. Não havia dúvida. A verdade lá estava, tranqüila como uma verdade, eloqüente como um silêncio. Reparei bem em tôrno, esfreguei os olhos, arregalei-os, tornei a olhar. Fiz tudo o que se convencionou fazer em semelhante circunstância. Meu corpo jazia deitado na cama, inerte, imóvel, sereno, como se entregue a um sono distante e de difícil retôrno.

Não quis acreditar no que via, sentia, constatava. Mas a realidade me entrava pelos olhos a dentro como uma lâmina pontuda, cortante e afiada. Eu de fato me havia separado do corpo. Aproximei-me de mim mesmo, sacudi-me em aflição e angústia, mas tudo inùtilmente. Meu corpo prosseguia em repouso, engolfado num mar estranho de quietude e insensibilidade, de amolentamento noturno. Sentei-me à beira da cama, bem perto de mim mesmo, tão perto que podia sentir o cheiro do meu corpo dormido. Chamei-me aos ouvidos: «José! Acorda, José!» Inútil.

Saí do quarto apavorado. O coração sôfrego, embaralhado, atropelava meus passos. Após desnorteamento negro, agitado, que me turvava o raciocínio, um pensamento nítido se desprendeu de mim e vagou em crescendo pela casa enorme que a aflição fazia maior: Encontrar alguém que me reconhecesse. Pensei em buscar o rosto da dona da pensão que, certamente, àquela hora, já devia estar sentado na sala de jantar a se inteirar dos últimos crimes trazidos pelo matutino. Procurei o rosto familiar e o encontrei. Lá estava êle, não sentado na poltrona costumeira, mas vagando no espaço, junto à mesa do café matinal, destacado do corpo, que cochilava na velha poltrona de vime encardido e esfalripado próxima da janela que entregava o jardim descuidado. Aproximei-me do rosto com agitado e vacilante temor. Encarei-o depois e esperei em vão durante alguns instantes que o reconhecimento se encaminhasse para dentro de meus olhos. Mas nada dizia a impassibilidade do rosto da dona da pensão, que vigiava o bule de café fumegante com certa avidez. Cumprimentei-o, servindo-me do convencional e neutro «bom-dia» de tôdas as manhãs. Nenhuma resposta. Dirigi-me então ao corpo da dona da pensão na poltrona, pois talvez, com a alteração da ordem das coisas, competisse ao corpo me reconhecer. Mas ali também nenhum gesto acenou o reconhecimento de minha presença.

(Cont. n pág. 41)

Conto de MANUEL FERREIRA
Ilustração de JERONYMO RIBEIRO





MEMÓRIAS DO Príncipe YUSSUPOFF

A perquirição de Ai Todor era mais uma prova da fraqueza do govêrno provisório, uma vez que fôra o soviete de S. Petersburgo que, em face dos boatos fantasistas sôbre atividades contra-revolucionárias, de minha família, exigira tais medidas.

Quando Irina me pôs a par de tudo o que se passara em minha ausência, decidimos, de comum acôrdo, que ela iria procurar Kerensky, a fim de solicitar sua intervenção pessoal. Partimos então para S. Petersburgo. Mas só depois de um mês foi que Irina pôde obter audiência do chefe do govêrno provisório.

Ao entrar no Palácio de Inverno, ela se encontra com alguns velhos servidores que manifestaram uma intensa alegria, uma tocante satisfação de vê-la novamente. Introduzida no antigo gabinete de trabalho do tsar Alexandre II, viu, instantes depois, chegar Kerensky, muito polido e mesmo um tanto embaraçado. Tendo êle pedido à visitante que se sentasse na poltrona do seu bisavô, ficou assim o chefe do govêrno obrigado a ocupar o lugar reservado às visitas. Logo que ela expôs o que a levara ali, Kerensky procurou esclarecer que o assunto não era de sua alçada. Mas Irina, não ligando importância às excusas de Kerensky, prosseguiu em suas razões sem constrangimento. Finalmente, ela teve que contentar-se com a promessa do chefe do govêrno, de que iria fazer o que lhe fôsse possível, e deixa para sempre o palácio de seus antepassados, saudada, pela derradeira vez, pelos seus velhos servidores.

Já foi em nossos últimos dias em S. Petersburgo, que os bolchevistas tentaram, pela primeira vez, apoderar-se do govêrno pela fôrça. Caminhões cheios de tropas percorriam a cidade, espalhando rajadas de metralhadoras em tôdas as direções. Soldados ocultos por todos os recantos, atiravam com seus fuzis, não importando em quem, nem para onde. As ruas estavam juncadas de cadáveres e de feridos. Reinava o pânico na capital. Houve um momento, porém, em que a insurreição se deteve e uma relativa calma reinou na cidade.

O aprisionamento do grão-duque Michel, irmão mais moço do tsar em fevereiro de 1918 em sua residência de Gatchina e seu fuzilamento em junho, em Parm, na Sibéria, foi o comêço dos acontecimentos desencadeados pelos bolchevistas contra a família imperial. O segundo foi o assassínio dos próprios soberanos e de seus filhos.

Mantidos prisioneiros em Tsarkoie-Selo até agôsto de 1917, o imperador e sua família souberam que iam ser transferidos para a Criméia, segundo decidira o govêrno provisório. Sua decepção foi grande, quando souberam que iam ser conduzidos para Tobolsk, na Sibéria.

Pequeno grupo de fiéis aos soberanos resolveu partilhar de sua sorte acompanhando-os. Foram êles: a condêssa Hendrikoff, dama de honra; Mlle Schneider, ledora da imperatriz; o príncipe Dolgoroukoff, marechal da côrte; o general Tatistcheff, os médicos Botkine e Derevenko; os dois preceptores; um suíço, sr. Gilliard; e outro inglês, Mr. Gibbs; o marinheiro Nagorny, adido à pessoa do tsarevitch, que levava o jovem doente quando êste não podia andar, bem como alguns outros serviçais dedicados.

Quando o navio fluvial que transportava os prisioneiros, de Tioumen a Tobolsk, passou diante de Petrovskoie, berço natal de Rasputin, a família imperial, reunida no tombadilho, pôde distinguir nitidamente a casa em que nascera o «staretz». Os acontecimentos sobre-

Capítulo XI (Conclusão)

AS GRANDES FAMÍLIAS FOGEM

vindos depois da morte do mesmo, não era de natureza a quebrantar a fé da imperatriz em seu profeta siberiano.

Em Tobolsk, os prisioneiros foram alojados na casa do governador. Os guardas eram constantemente chamados a intervir para impedir que a população conservada fiel aos soberanos, se postasse sob as janelas do edifício, descobrindo-se ao fazer o sinal da cruz, quando êles passavam à vista da multidão.

De princípio, as condições de cativeiro da família imperial tinham sido suportáveis. Os soldados que lhes montavam guarda comportavam-se corretamente, e o coronel Kobylinsky, que a comandava, sinceramente ligado aos seus prisioneiros, fazia tudo o que estava ao seu alcance para melhorar a sorte dos presos. Mas, depois do golpe de estado bolchevista, o «comitê dos soldados», pouco a pouco foi substituindo sua autoridade pela de Kobylinsky, e os prisioneiros foram submetidos a tôda sorte de vexames.

Em abril de 1918, o comissário Jakovleff foi enviado de Moscou acompanhado de um destacamento de 150 homens e investido de poderes ilimitados. Três dias depois de sua chegada, declarou ao imperador que êle viera a fim de levá-lo para outro lugar, mas não lhe disse para onde. Apenas lhe assegurou que nenhum mal lhe seria feito, e que, se mais alguém desejasse acompanhar o soberano, nenhum obstáculo havia nisso. A imperatriz estava, assim, colocada em cruel dilema, pois que o tsarevitch, gravemente enfêrmo desde muitos dias, não poderia viajar. A pobre mãe, torturada pela indecisão, não podia decidir pelo abandono do filho, nem a deixar seu marido partir sem ela, para um destino desconhecido. Finalmente, ela tomou a resolução de acompanhar o imperador, deixando o filho sob os cuidados de três de suas irmãs, de seu preceptor Gilliard e do dr. Derevenko.

Fôra estabelecido que Yakovleff devia conduzir seus prisioneiros a Moscou; a parada em Ekaterinburg fôra o resultado de uma cilada organizada pelo govêrno do Ural, a fim de apoderar-se do imperador. Nunca se soube, realmente, quais as verdadeiras intenções de Yakovleff. É possível, como muitos acreditaram, que êle tenha procurado salvar os presos.

Três semanas após a partida de seus pais e de sua irmã, o tsarevitch, cujo estado de saúde melhorara, foi conduzido a Ekaterinburg, acompanhado das três grã-duquesas que tinham ficado com êle em Tobolsk. Em sua desgraça e aflição, a família imperial tinha esta suprema consolação: achar-se novamente reunida.

Para corresponder aos seus novos fins, a casa Ipatieff havia sido antecipadamente circulada por um muro de pranchas de madeira duplas, tão altas que se elevavam quase às janelas do segundo andar. Sentinelas armadas com metralhadoras estavam colocadas em vários pontos, tanto no interior, como no exterior.

Qualquer tentativa de evasão seria impossível. Por sua vez a Alemanha, tendo renunciado obter do imperador a ratificação do tratado de Brest-Litovsk, abandona a família imperial à sua própria sorte.

DUAS INSCRIÇÕES NA PAREDE SANGRENTA

A eliminação dos prisioneiros havia sido resolvida: a aproximação do exército branco, que se havia formado na Sibéria sob as ordens do almirante Koltchak, determinara a execução.

Os prisioneiros não podiam ter dúvidas sôbre o que os esperava. Viveram esta última etapa de seu calvário em condições abomináveis. Nenhuma humilhação lhe foi poupada, mas sofriam, sobretudo, com a promiscuidade constante em que viviam com os seus guardas, todos êles de uma grosseria ignóbil e geralmente bêbedos. As portas do quarto ocupado pelas grã-duquesas tinham sido retiradas, de forma que os soldados entravam e saíam quando bem queriam.

Não farei aqui nenhuma referência sôbre êsse crime infame. Os fatos são hoje muito bem conhecidos.

Relembrarei apenas a estranha descoberta que fêz o juiz de instrução Sokoloff no subsolo da casa de Ipatieff, do que êle mesmo me fêz ciente. Numa das paredes havia duas inscrições: a primeira reproduzia a vigésima primeira estrofe do poema de Heine, «Baltasar»: «Balthasar war in selbiger nacht von seinen knechten ungerbrachy» (Naquela mesma noite Baltasar foi assassinado por seus criados). A segunda estava escrita em hebraico. A tradução, que foi feita mais tarde, revelou isto: «Aqui, o chefe da Religião do Povo e do Estado foi morto. A ordem foi executada».

A FROTA INGLÊSA SALVA A MÃE DO TSAR

Aí pelos fins do ano de 1918, a frota aliada chega à Criméia. Meu sogro embarca a bordo de um navio inglês com seu filho mais moço, André, e a mulher dêsse último. Seu objetivo era o de expor aos chefes dos governos aliados a verdadeira situação na Rússia, situação esta que êles estavam todos muito longe de perceber a gravidade. Clemenceau o mandou receber por seu secretário, que o acolheu tão cortês como ràpidamente. O grão-duque não encontrou eco noutros lugares.

Quando, na primavera de 1918, o exército vermelho se aproximou da Criméia, compreendemos que, desta vez, teríamos que cuidar de nós. Na manhã de sete de abril, o comandante das fôrças navais britânicas em Sebastopol se apresenta em Harax, na residência da imperatriz herdeira. O rei Jorge V, verificando que as circunstâncias impunham a partida imediata da soberana, punha à sua disposição o encouraçado «Malborough» para conduzi-la com sua família. O comandante insistia para que embarcasse naquela mesma noite. A imperatriz teimava em não aceitar a advertência, e só mesmo depois de muita argumentação se convenceu da necessidade de partir.

O PÂNICO TOMA CONTA DOS REFUGIADOS

A notícia da partida iminente da imperatriz e do grão-duque Nicolau se espalhou com a rapidez do raio e provocou verdadeiro pânico. De todos os lados os pedidos de evacuação afluíam. Mas não seria apenas um

(Cont. n pág. 41)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON

LÍDIA MORTA

DUAS pilhas de roupas ladeavam a mala que estava em cima da cama; a da direita, com as roupas mais velhas, não iria. A da esquerda, Roberta começou a arrumar na valise quando terminou de separar tudo; eram, na maioria, vestidos novos, alguns ainda não usados. Seus gestos, ao dobrá-los, eram cuidadosos, mas quase ausentes, como se não prestasse atenção ao que fazia; mas com que carinho arrumava as roupas internas, os vestidos que colocava à direita! Era como se os acariciasse, na despedida que pressentia definitiva. Já estava para terminar, quando Mário entrou:

— Você vai embora?

— Vou. Estou cansada disto tudo, de você, da vida que temos levado.

— Tem razão. Era impossível continuarmos juntos.

— Estimo que você reconheça isso.

— Houve um silêncio. Roberta continuou sua arrumação, numa ignorância forçada da presença de Mário. Depois de alguns momentos, êle perguntou:

— Você vai embora... por causa dela.

— Sim; e no entanto, é a primeira vez que você fala nisso.

— Tentei, mas nunca consegui. E você, por que também nunca falou? Por que evitou sequer pronunciar o nome dela, como se tivesse ódio, horror, sei lá o quê?

— Eu não odeio Lídia; mas nunca lhe perdoarei o que me fêz. Ela nos separou, sem possibilidade de reconciliação; foi como se tivesse dito: «não será meu, mas também não ficarás com êle». Acho que, se ela tivesse ficado com você, eu perdoaria; ou, pelo menos, compreenderia. Mas não me conformo com o egoísmo absurdo dela, separar-nos, tornar impossível nossa vida só por vingança.

— Lídia me amava. E morreu porque sabia que estava errado.

— E que necessidade tinha de deixar que os outros soubessem disso? Não, meu caro, ela não conseguiu, ou não quis, conquistá-lo viva; mas sabia que, morta, você não lhe resistiria. E assim nos separou irremediàvelmente.

Mário não respondeu, nem sequer procurou defendê-la; sabia que Roberta tinha razão. Nunca haviam trocado uma palavra sôbre o bilhete encontrado junto a Lídia, dizendo que morria porque o amava e a vida sem êle não tinha interêsse. Apenas leram o bilhete e todos aquêles anos de felicidade haviam desaparecido; Lídia, que não tivera importância enquanto viva, se instalava entre êles, absoluta, definitiva, vitoriosa. Desde então, eram como dois estranhos, nada subsistia do passado; só Lídia, a lembrança de Lídia, presente entre êles o tempo todo.

— Mário, há uma coisa que eu queria saber, antes de ir embora; houve alguma coisa entre vocês? Você a namorou, demonstrou que estava interessado nela?

— Já nem sei mais; logo no princípio, achei tudo absurdo, êsse suicídio, êsse amor... Depois, com o tempo, fui recordando, procurando algum detalhe, e já meus atos, que me pareciam naturais e inocentes, tomavam não sei que aspectos comprometedores, cheios de subentendidos. Por isso, não sei, não lhe posso responder.

— Eu compreendo. E você, terá muito tempo à sua frente para compreender também, embora eu duvide que consiga.

Mário abaixou a cabeça; Roberta estava perdida, Lídia era inacessível e êle ficava só. Sabia que aquilo tudo era absurdo, mas sabia também que não era possível modificar; revia Lídia como era antes de morrer, morena bonita de grandes olhos tristes, desarranjada no vestir, mas sempre tão encantadora! Sentia imensa saudade dela e de tudo que não tinha sido; lamentava sua morte, embora compreendesse que, mesmo viva, êles estariam separados por preconceitos que, certamente, não ousariam romper.

Roberta também revia Lídia; tinha a impressão de vê-la através da vidraça do avião que a levava para São Paulo e nem fixava o olhar para fora, com o inconsciente receio de que as feições se precisassem. Recordava Lídia mocinha, quando fôra morar com êles, depois da morte do pai; era sua irmã pelo lado paterno e não conseguira evitar de transmitir-lhe o rancor que votava ao pai e à madrasta. Seu pai tornara a casar alguns anos depois da morte de sua mãe, e Roberta passara a viver com uma tia até o casamento com Mário; suas relações com êles esfriaram muito e nem o nascimento de Lídia melhorou a situação. Anos mais tarde, morreu a madrasta, logo seguida do pai; a contragosto, Roberta recebeu a irmã: era sua única parenta e seria quase impossível agir diferente.

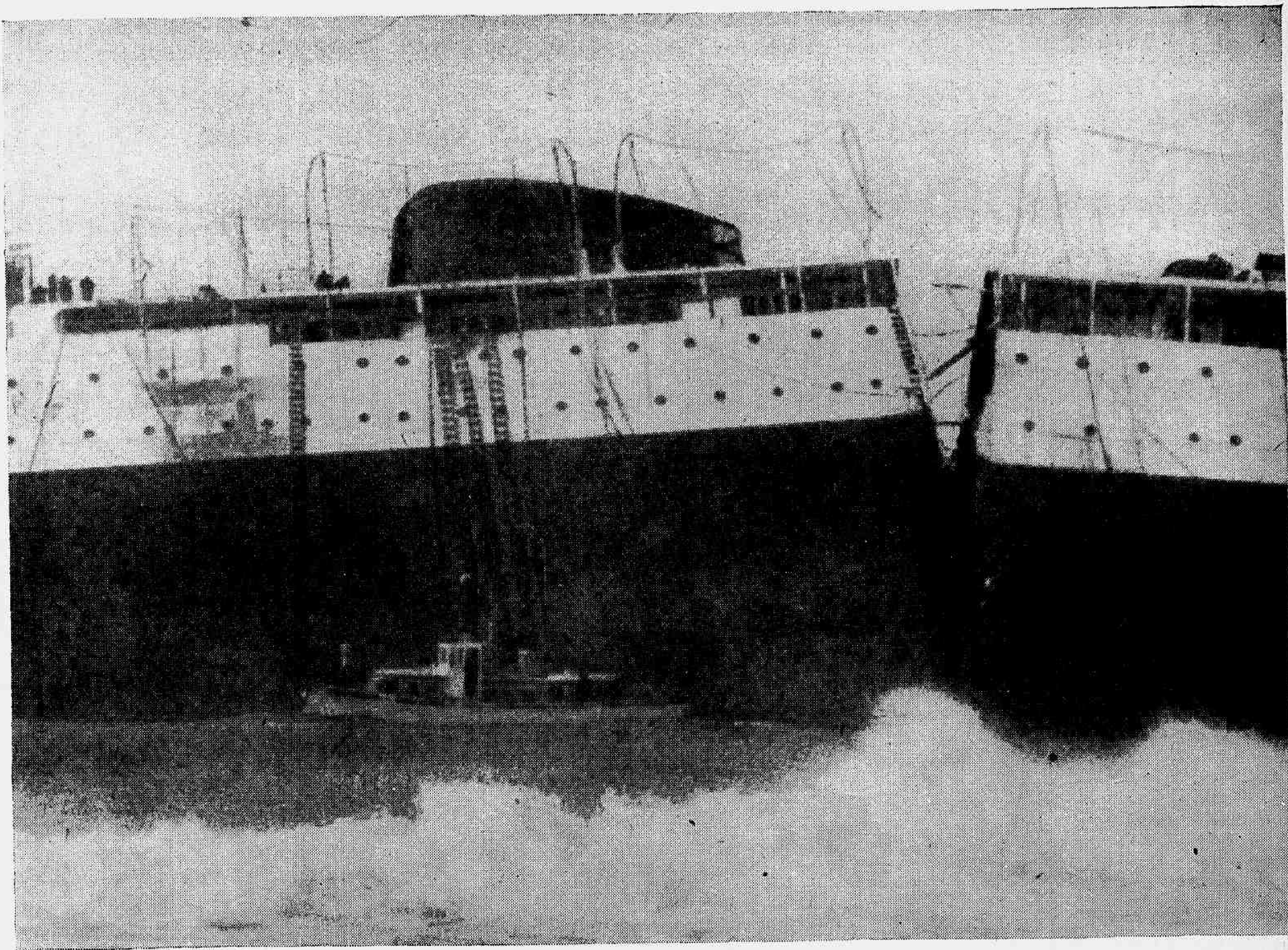
Lídia morou com êles quase cinco anos; era uma pequena aparentemente sossegada, discreta, reservada em demasia. Nunca deu trabalho com namoros e não tinha muitas relações com gente de sua idade. Sua atitude com Roberta era indiferente, porém cordial; com o próprio Mário, nada aparentava de equívoco. Conversavam algumas vêzes e Lídia sempre atendia às opiniões dêle, mas moderadamente.

E sùbitamente, a revelação de uma realidade com que nunca sonhara: Roberta lembrava-se perfeitamente daquela tarde em que Lídia lhe contara tudo. Chovia muito e ambas foram obrigadas a ficar em casa; depois de algum tempo, Lídia fôra procurá-la em seu quarto. Depois de algumas banalidades, confessou tudo, sem preparações nem atenuantes. Estava grávida e o pai da criança era um

(Cont. na pág. 40)

Conto de FRANCISCO MOREIRA

Ilustração de RAMON

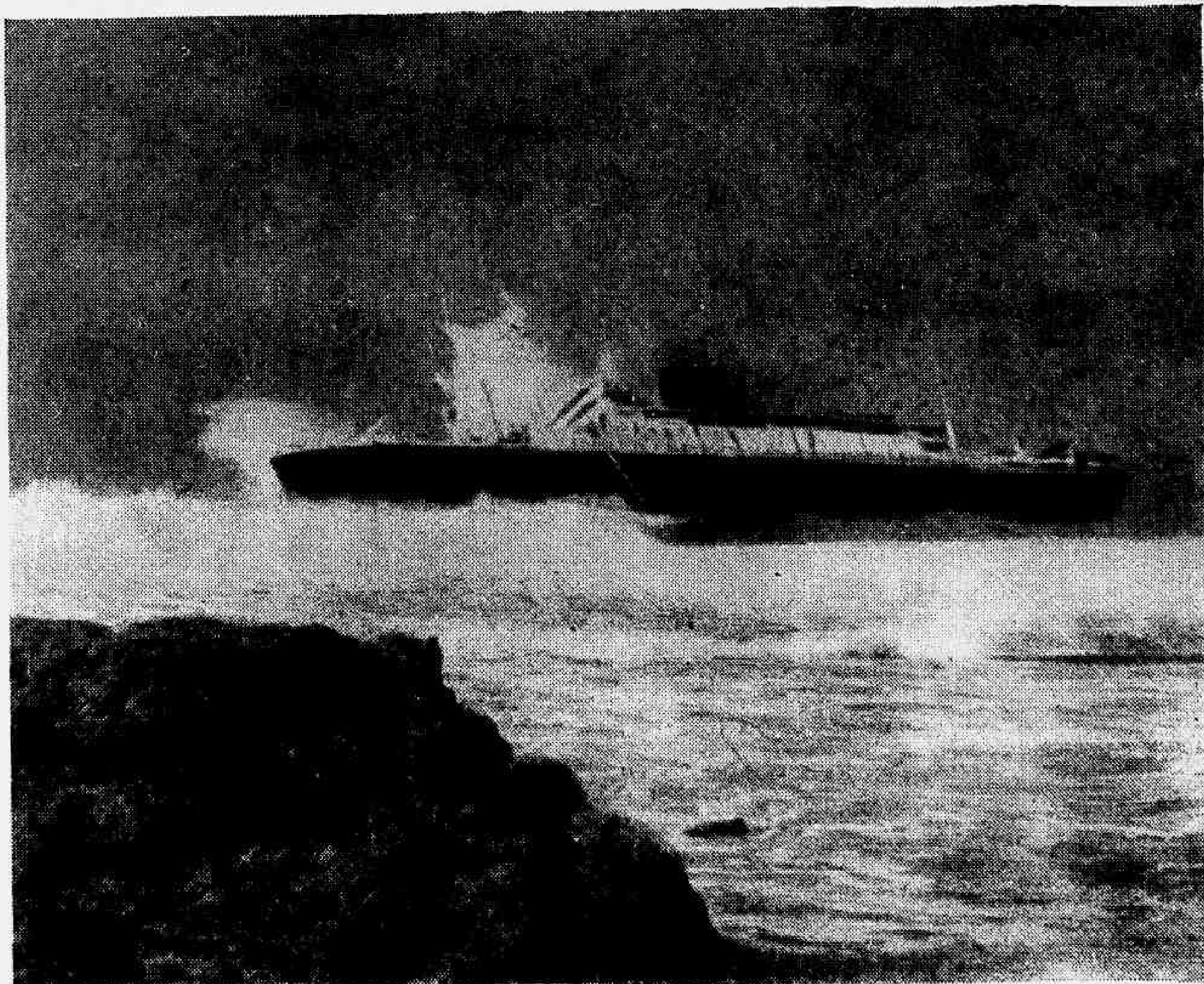


Já aqui vemos o navio partido ao meio e considerado perdido. As autoridades de bordo e do Líbano procuravam salvar os passageiros.

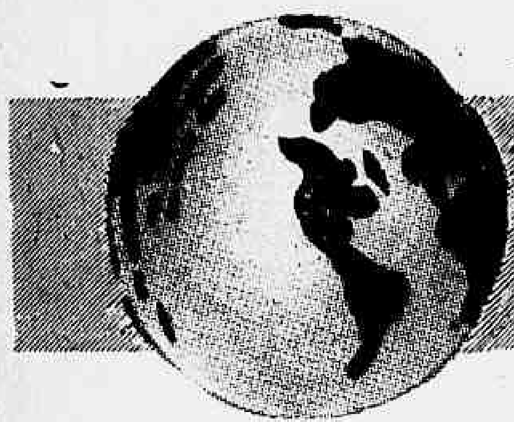
A TRAGÉDIA DO "CHAMPOLLION"

O fim do ano de 1952 registrou uma das mais dolorosas tragédias marítimas dêstes últimos tempos, com o dramático desaparecimento do belo transatlântico francês «Champollion», diante de Beirute, capital do Líbano. A hora concorreu para aumentar as angústias das centenas de passageiros, muitos com destino à Terra Santa, que viajavam no grande navio, isto é, às três da madrugada do dia 23 de dezembro. As causas do desastre tiveram origem na existência de um banco de areia próximo da costa do Líbano, do qual não pôde safar-se o transatlântico, açoitado por violenta tempestade àquela hora. Os fortes ventos e os vagalhões que vinham dos lados de Chipre, impulsionaram o navio com uma fúria descomunal, até que o mesmo enterrou-se na areia submersa. Dado o alarma pelo comandante, todos os passageiros procuraram meios de salvamento, havendo, como é natural, o maior pânico entre os mais aterrorizados. O maior perigo para casos desta natureza está no secionamento dos barcos, separando-se em duas metades. Aqui mesmo, próximo à entrada da Guanabara, sucedeu o mesmo com o «Madalena», cuja proa ainda hoje está submersa, enquanto a pôpa deu costa e foi convertida em ferro velho por uma emprêsa arrematadora. Com o «Champollion», sobreveio a mesma fatalidade: partiu-se em dois. Era o fim. Horas depois do naufrágio, os telegramas vin-

(Cont. na pág. 42)



A fotografia que estampamos mostra o majestoso transatlântico francês «Champollion», quando, ao alvorecer do dia vinte e três de dezembro, era batido pela fúria das ondas colossais.



LIDO... VISTO...

QUE RECORDA ESTA GRAVURA?



(Um desenho mostrando uma porta e um cidadão atravessando-a de cabeça erguida, sem se curvar)

Relembra a resposta que José de Alencar, quando Ministro da Justiça em 1869, deu ao Cons. Zacarias, na sessão do Senado a 6 de setembro daquele ano. Zacarias, atacando Alencar, procurou ridicularizá-lo em virtude de sua pequena estatura, chamando-lhe «fanadinho». José de Alencar em meio ao seu discurso, tirou partido da crítica de Zacarias, exclamando: «Ora, senhores, sei que alguns homens altos, e aqui não há certamente dêsses, costumam curvar-se para poderem passar por certas portas; mas os homens baixos têm esta vantagem, nunca se curvam. Quando passam pelas portas baixas ou pelas altas, como esta do Senado, trazem a cabeça erguida!».

★

ESPÍRITO DE OBSERVAÇÃO

Conta-se que o famoso professor Bilbrock, expondo uma aula a seus discípulos, disse-lhes que todo o bom cirurgião devia ser um indivíduo absolutamente isento de repugnância, mas possuidor de perfeito espírito de observação. Para mostrar um exemplo, mergulhou um dedo de sua mão direita numa vasilha que continha água suja e depois o levou à bôca. Os alunos, para mostrar que também estavam isentos do conceito de repugnância, não tiveram dúvida e meteram os dedos naquela água imunda e os puseram na bôca. O mestre então concluiu:

— Os senhores acertaram quanto à ausência de repugnância, mas fracassaram completamente em relação ao espírito de observação. E' que eu molhei o índex nessa água, mas o dedo que pus na bôca foi o médio...

★

EFEITOS DO CASAMENTO

De quem são estas frases:

1 **Case-se o mar, e êle ficará manso.**

2 **A vida é a irmã mais velha da morte.**

3 **Quem ama inventa as penas em que vive.**

4 **Confiar, desconfiando sempre.**

5 **O império da India é o maior monumento de ignomínia que o mundo tem edificado.**

(Respostas na página 40)

LÁGRIMA DE MULHER

Certa vez estava o grande escritor Anatole France em palestra com engenheiros, quando a conversa caiu sôbre a fôrça hidráulica, elemento natural que tanto benefício iria oferecer à indústria e à comodidade humanas. Um dos engenheiros se referia, com entusiasmo, à imensa fôrça de uma cachoeira, quando intervém o intelectual e diz: "Senhores, eu prestei tôda a atenção ao que disseram sôbre o poder da fôrça hidráulica; mas, segundo observo, parece que os senhores ignoram onde reside a mais poderosa hidráulica que há neste mundo". Os engenheiros se entreolharam admirados. Um dêles interrogou: "Qual é?" E Anatole France, com a voz mais doce dêste mundo:

— As lágrimas de uma mulher...

★

A FAVOR DAS MULHERES

Muitos dos nossos literatos não se cansam de escrever epigramas contra as mulheres. Dentre êles sempre estêve o nosso brilhante cronista Berilo Neves, que, por sinal, acabou «amarrado». Mas há também os intelectuais que têm palavras e pensamentos de exaltação da mulher. Vejam êstes conceitos do escritor e teatrólogo Manuel Segundo Wanderley, riograndense do norte:

1 — O homem é a mais elevada das criaturas; a mulher, o mais sublime dos ideais.

2 — Deus fêz para o homem um trono; para a mulher, um altar. O trono exalta; o altar santifica.

3 — O homem é o cérebro; a mulher, o coração. O cérebro produz a luz; o coração, o amor. A luz fecunda; o amor ressuscita.

4 — O homem é o gênio; a mulher, o anjo. O gênio é imensurável; o anjo é indefinível.

5 — A aspiração do homem é a suprema glória; a aspiração da mulher é a virtude extrema. A glória produz a grandeza; a virtude produz a divindade.

★

ÚLTIMAS PALAVRAS

A História registra palavras de grandes homens no limiar da morte. Eis algumas frases que são como mensagens de «últimos suspiros»:

— A morte é o descanso do guerreiro — Duque de Caxias.

— Livremos Roma de seu terror. — Anibal.

— Oh, Liberdade! Quantos crimes se cometem em teu nome! — Madame Rolland, diante da guilhotina.

— Enterrem-me junto de meu cão. — Frederico, o Grando.

— Eu quero Deus. — Epitácio Pessoa.

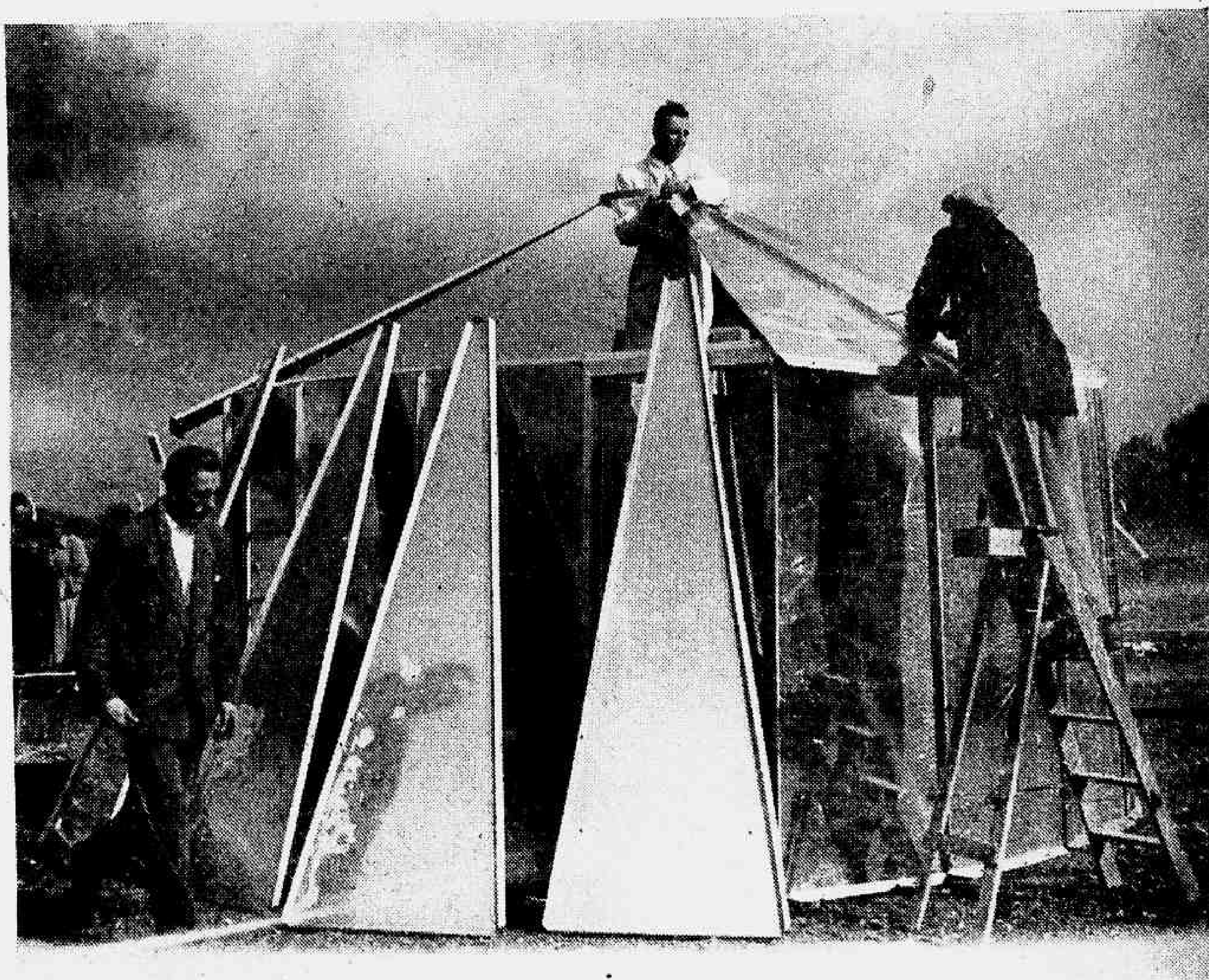
Mas há alguns que tiveram em seus últimos instantes de vida, uma explosão de revolta:

— Canalha! — Pinheiro Machado, ao cair apunhalado pelas costas no saguão do Hotel dos Estrangeiros, no Rio.

— Basta, miserável! — Almirante Saldanha da Gama, ao cair ferido em Campo Osório, quando o inimigo lhe vibrava mais golpes de lança.

★

RESOLVENDO O PROBLEMA DA CASA



Tipo excelente de «bungalow», pré-fabricados, procedentes da Inglaterra, que os está exportando para países que os empregam nas zonas rurais. Uma porção dessas habitações de alumínio foi apresentada em Feltham, Middlesex; quatro homens podem construir um conjunto dessas habitações, cada uma com cinco peças, em doze horas. Em virtude de seu material, estão isentas de deterioração, de ferrugem, de cupim e destruição pelo fogo. São preparadas apenas para exportação e custa cada uma, 716 libras esterlinas.

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...



O Curso de Enfermagem e Parteiras é dos mais sérios na Inglaterra. Dentre as matérias exigidas, há uma que abrange anatomia e noções de fisiologia. Todos os anos há exposição de motivos científicos abrangendo o curso de enfermeira e obstetricia no Seymour Hall, de Londres. Aqui estampamos as enfermeiras Joan Snaith, de Newcastle, e Olive Glover, de Hayes, Kent, quando examinavam um coração de matéria plástica, usado para estudos. Além do coração, uma delas tem ao colo um simpático esqueleto, cuja atitude para com o fotógrafo parece ser de muita intimidade. Esta fôra a 37ª exposição das Enfermeiras e Parteiras levada a efeito na capital britânica.



MARTIM FRANCISCO III

Não se trata de nenhum nome real, de qualquer rei das antigas côrtes de Portugal e Espanha. Êsse Martim Francisco III era bisneto de José Bonifácio de Andrada e Silva, e, como seu bisavô, um grande talento, magistral orador e poderoso dialeta. Seu nome todo era: Martim Francisco Ribeiro de Andrada, escritor de talento, polemista e político de classe. Nasceu em S. Paulo em 1853 e faleceu em 1927. Quando ocupava uma cadeira de deputado, suas respostas e apartes e os seus discursos eram de esmagar os adversários. Certa vez, ao discutir uma lei orçamentária, um seu colega, que nunca dizia nada, nem discursava, achou de aparteá-lo. Na segunda interrupção, Martim Francisco foi ficando aborrecido, mas nada respondeu ao aparteante. Na terceira vez, porém, Martim Francisco III se voltou ràpidamente para seu opositor e o anulou com êste dardo:

— Peço ao nobre deputado que não interrompa o meu discurso, como eu nunca interrompi o seu silêncio.

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — DE QUE CIDADE ERA O ARTISTA BRASILEIRO LEOPOLDO FRÓES:
— De Campos?
— De Niterói?
— De Belo Horizonte?

2 — QUANTOS METROS HÁ DO CAIS PHAROUX À PONTE DAS BARCAS NA ILHA DO GOVERNADOR:
— 13 mil?
— 10 mil?
— 8.850?

3 — QUE VEM A SER ESTAÇÃO DE ÁGUAS TERMAIS:
— Águas quentes?
— Banhos de mar?
— Veraneio na serra?

4 — A ESTRÊLA ISOLADA QUE APARECE NA BANDEIRA DO BRASIL, SÔBRE A FAIXA DE ORDEM E PROGRESSO, A QUE ESTADO SE REFERE:
— Ao do Pará?
— Ao do Rio Grande do Sul?
— Ou ao Distrito Federal?

5 — QUE NOME TINHA O TERRITÓRIO DO PARANÁ, ATÉ 1853, QUANDO AINDA PERTENCIA A S. PAULO:
— Pinheiral?
— Iguaçu?
— Comarca de Curitiba?

6 — QUAL A ÁREA EM QUILÔMETROS QUADRADOS DO ARQUIPÉLAGO DE FERNANDO NORONHA:
— 50?
— 31?
— 22?

7 — QUAL DESTAS IGREJAS É A QUE MAIS VISITANTES RECEBE, ANUALMENTE:
— Basílica de N.S. Aparecida, S. Paulo?
— Bom Jesus da Lapa, na Bahia?
— Basílica de Nazaré, em Belém?

8 — QUAL DESTES ESTADOS POSSUI O MAIOR NÚMERO DE TEMPLOS CATÓLICOS:
— Bahia?
— Minas Gerais?
— São Paulo?

9 — QUE SIGNIFICA A PALAVRA "OCA", NA LÍNGUA DOS NOSSOS INDÍGENAS:
— Branco?
— Rio?
— Casa?

10 — QUE NOME CIENTÍFICO TEM A CASTANHA DO PARÁ:
— Lecythis Paraensis?
— Bertholletia Excelsa?
— Musa paradisiaca?

11 — QUAL O MAIOR FORNECEDOR DE CAFÉ AOS EE.UU.:
— Colômbia?
— Brasil?
— África?

12 — QUAL É O "DIA DO CAPIXABA":
— 1º de julho
— 23 de maio?
— 30 de setembro?

13 — EM QUE ANO SE DEU A INAUGURAÇÃO DA MODERNA ESTRADA RIO-PETRÓPOLIS:
— 1930?
— 1928?
— 1935?

14 — QUAL A SITUAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DO ARQUIPÉLAGO DE FERNANDO NORONHA:
— E' território federal-militar?
— Pertence a Pernambuco?
— Ou independente?

15 — A QUEM SE DEVE O DESCOBRIMENTO DO RIO AMAZONAS:
— A Vasco da Gama?
— A Francisco Orelana?
— A Vicente Pinzon?

(Respostas na página 40)

A REVISTA há 50 anos

18 de Janeiro de 1903

Um dos horrores das nossas cadeias é a promiscuidade em que vivem os delinquentes menores, o seu contacto com o delinquente adulto, o longo estagio no carcere aguardando julgamento e, depois deste, o cumprimento da pena ao lado do habitué das prisões. A essa athmosphera pestilenta só as almas privilegiadas resistem, mas essas só por um erro judiciario irão parar a essas «estufas do Mal», como acertadamente lhes chamou um grande poeta. As outras, as que nasceram da Miseria ou nella se educaram, perdem naquelle ambiente de perversão a tenue claridade que ainda lhes bruxoleia num recantinho da consciencia. Já de si mal allumiadas, ficam de todo ás escuras e a sociedade, com as suas sabias leis repressivas, vae assim creando periodicamente novos insubmissos, novos desesperados e novos reprobos.

Verdade seja no que respeita á criminalidade infantil e adolescente não andam os velhos paizes da Europa muito mais adiantados. Na Inglaterra, a patria do habeas corpus, das liberdades publicas e das instituições humanitarias, esse serviço é deploravel e, no conceito de abalisados e experientes legistas, allia á maior somma de iniquidade o maximo perigo social. Pode talvez affirmar se que a Inglaterra incuba, sem dar por tal, uma legião de revoltados. Nem só a criminalidade adolescente, mas a propria criminalidade infantil são assimiladas ao adulto useiro e vezeiro na delinquencia atroz. As grades de ferro, os carcereiros, a policia, a promiscuidade, a linguagem e attitudes severas dos magistrados. Depois, a expiação das immundas prisões de direito commum. Um horror que começa a preoccupar muitos espíritos na sociedade britannica e a crear uma corrente de reforma radical.



MODAS DA REVISTA — 1 — Lindissima «toilette» de interior, simples e elegante; 2 — Moderna «blouse» elegante e de muito gosto.

Só os Estados Unidos, até hoje, pensaram a serio no problema, cuidando logo de resolve-lo com a actividade, o bom senso, a necessidade de acção immediata que os caracterisa. Em muitas cidades funccionam tribunaes de policia correccional privativos da delinquencia infantil e adolescente. Nem ferrolhos, nem muralhas sombrias, nem policias fardados, nem juizes de aspecto carrancudo. A admoestação paternal, o conselho bondoso, a exhortação carinhosa. Parallelamente, funccionam admiraveis instituições de patronato destinadas a arrancar ao vicio e ao crime essas consciencias que, muitas vezes, nem chegaram a adquirir a noção do Bem e do Mal. Assim passa o pequeno delinquente das mãos do juiz para as da Caridade social e o numero dos regenerados bastaria, por si só, para consagrar a instituição.

Quando teremos nós, no Brasil, cousa que se assemelhe a este systema previdente e salutar? E' difficil responder. Talvez nunca; talvez amanhã. Todas as medidas de ordem politica, administrativa ou social são, entre nós, impulsivas; obedecem ao capricho de momento, á nevrose de occasião. Por isso não ha previsões possiveis nesta terra que a natureza, contra a vontade dos homens, se obstina em perpetuar e embellezar.

JACQUES BONHOMME

CONTA-ME teus Sonhos



● LUCY — (Rio).

SONHO: — Conversava com um deputado, com quem mantenho relações cordiais, mas cerimoniosas, quando êle me surpreendeu com esta pergunta fútil e, ao mesmo tempo, íntima: — Como são os saltos dos seus sapatos? — Constrangida com aquela indiscrição e receiando que aquêle senhor reparasse nas deficiências de minha toalete, respondi ràpidamente que eram saltos comuns. Entretanto, não sofreei o movimento instintivo de olhar para os meus pés e vi que meus saltos se haviam partido em vários pedaços desiguais que, enterrados na sola, formavam uma espécie de escadinha. Fiquei muito envergonhada e também intrigadíssima, sem compreender como podia ter acontecido aquilo sem que eu o sentisse. Levantei-me para jogar os sapatos no lixo, mas, inadvertidamente, atirei-os numa lata d'água. Só então me ocorreu que ia ficar descalça em público, mas já era tarde para remediar o mal.

INTERPRETAÇÃO: — Muito embora haja mudado de pseudônimo, reconheço em você, Lucy, uma de minhas consulentes. Êsse reconhecimento é feito pela particularidade marcante do seu Ego — desejo de ocultar-se, e, mais ainda, pelo desgôsto que causa a você o ser surpreendida (ficar descalça) em seus íntimos pensamentos (envergonhar-se dos saltos quebrados). Há em seu sonho indícios de pequenos recalques e alguns conflitos anímicos (reparar nas deficiências de sua indumentária), os quais você ainda não conseguiu sublimar. Êsses complexos devem relacionar-se com fatos passados em sua meninice ou nascimento (atirar o sapato numa lata d'água). Acredito que sua estatura não seja o seu ideal e que gostaria de ser um pouco mais alta (salto que se transforma em escadinha). Para terminar, vejo claramente que se acha deslocada de sua verdadeira posição social e que isso traz a você um desgôstozinho, por ver que não está recebendo do mundo o que merece (pergunta fútil feita por um deputado).

● ZAÍRA — (Rio).

SONHO: — Saí de uma vila pobre e, no portão, deixei uma criança loura de mais ou menos dois anos de idade. Despedi-me dela e segui para falar com uma senhora. Ao olhar para o portão onde havia deixado a criança, vi que ela havia entrado num ônibus e que o dirigia desordenadamente. Ao mesmo tempo, ouvi o barulho de um outro veículo que se aproximava. Previ um grande desastre e chamei por vários santos. Lembro-me, apenas do último que foi Santa Madalena. Então, com grande surprêsa, vi que, ao invés de um grande carro, o veículo que se aproximava era apenas uma motocicleta.

INTERPRETAÇÃO: — Noto que há em sua alma uma grande falta de estabilidade. Ora você se vê como um infante (criança que deixa no portão) capaz de tôdas as renúncias aos prazeres, à felicidade, à riqueza e ao amor; ora seu coração se agita, (despedir-se da criança), toma a direção do seu «ônibus» que, no caso, representa as mil variantes por que passamos no decorrer da existência, e deseja intempestivamente (direção desordenada) satisfazer a todos os seus anseios de moça (falar com a mulher). Mas, prudente como deve ser, teme não ter fôrças para controlar-se (ruído de outro veículo) e recorre a todos os meios de que dispõe para afastar de você uma possível queda moral (desastre que previu). Em seu cérebro, os acontecimentos, por pequenos que sejam, tomam grande vulto (confusão entre motocicleta e outro veículo), porém você fica surprêsa ao ver que tem ânimo suficiente para pautar sua vida no caminho do bem e evitar maiores aborrecimentos.

● DEDÉ — (Rio).

SONHO: — Sonhei que minha mãe, já falecida, se encontrava sentada junto da janela de minha antiga residência. Muito triste, ela nem notava o bombardeio que se verificava bem em cima de nossa casa. Assustada, chamei-a, e conduzindo-a pela mão, levei-a a uma pracinha (com a qual sempre sonho) muito tranqüila e pitoresca. Essa praça se apresenta sempre vazia e eu me sinto feliz estando nela. Meu coração sentia uma felicidade incalculável. As bombas, ao estourarem, eram como fogos de artifício e algumas fagulhas, como brazas de cigarros, caíam sôbre mim, porém não me queimavam; apenas manchavam o meu vestido. Olhando para o céu, ainda vi os aviões que despejavam bombas. Estávamos, entretanto, bem seguras, embora desabrigadas no meio da praça.

INTERPRETAÇÃO: — E' natural que você sonhe sempre com sua mamãe e tenha a sensação de conduzi-la e protegê-la. Hoje, você tem maiores possibilidades (praça calma e pitoresca) do que quando ela se encontrava junto de você. O fato de sonhar sempre com sua antiga residência, onde passou sua infância e adolescência, corre por conta de fixações de memória, pois todos sabemos que as primeiras impressões se tornam indeléveis e são gravadas com espantosa intensidade na plasticidade da matéria cerebral. Seu espírito demonstra, através dêsse sonho, um tumultuar de idéias antagônicas (bombardeio sôbre o plácido ambiente da pracinha): às vêzes, tem a impressão de que tudo corre às mil maravilhas; outras, um temor de cousas inexistentes assalta o seu espírito (bombardeio aéreo) e você procura refugiar-se em «alguma cousa» que, a seu ver, é o caminho da salvação. Em certos momentos, uma paz inefável invade todo o seu ser (sensação de felicidade), muito embora receie ser contaminada pela maldade do mundo (cinza que sujou seu vestido).



Lente em punho, Norman White — que aparece na fotografia que estampamos acima — penetra os segredos anatômicos de sua amiga a rã.

O HOMEM DAS RÃS

CADA MALUCO TEM SUA MANIA ★ RÃS NA INTIMIDADE

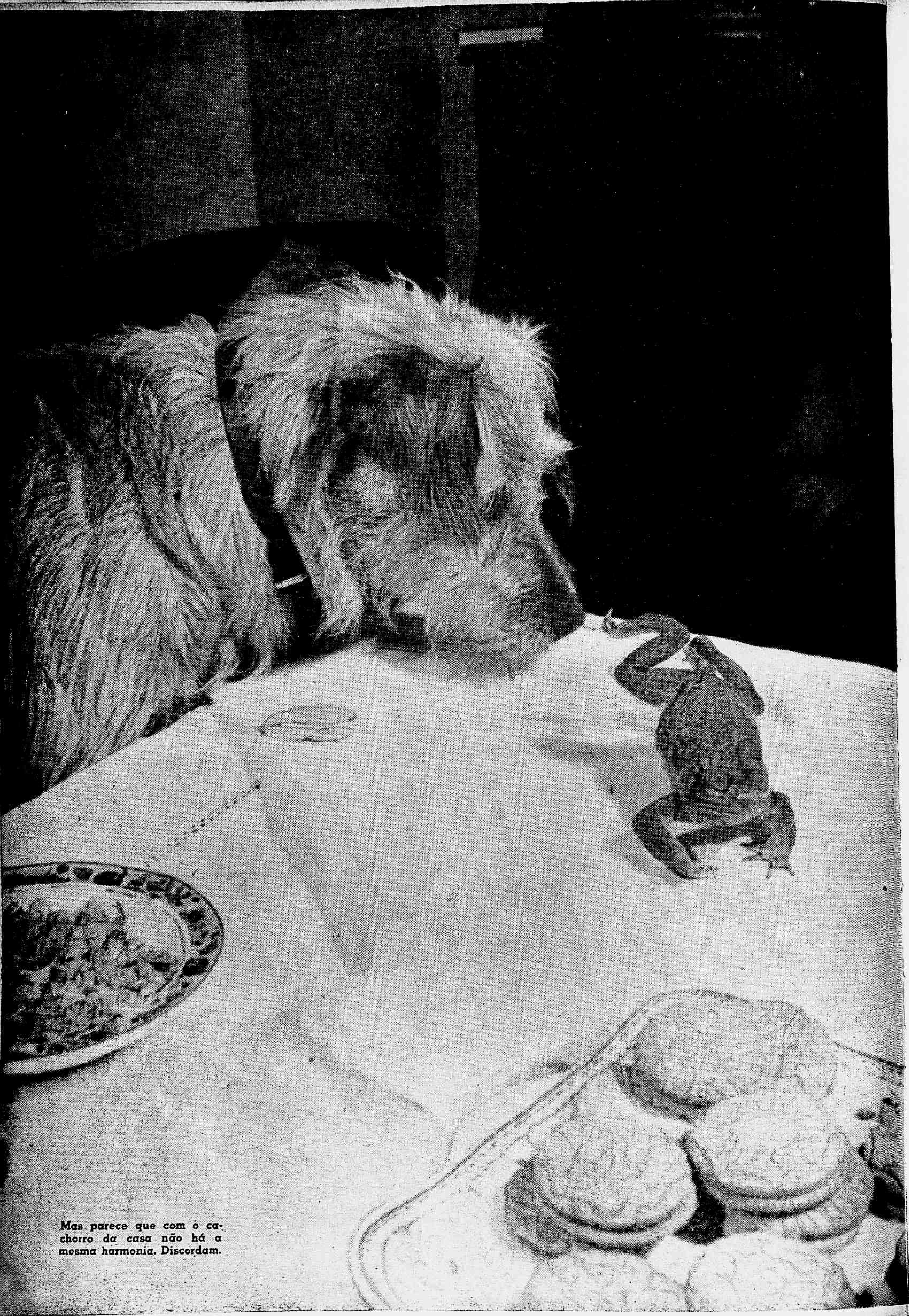


E na hora da sopa, generosamente, divide sua ração. A rã espia o homem dando sopa.

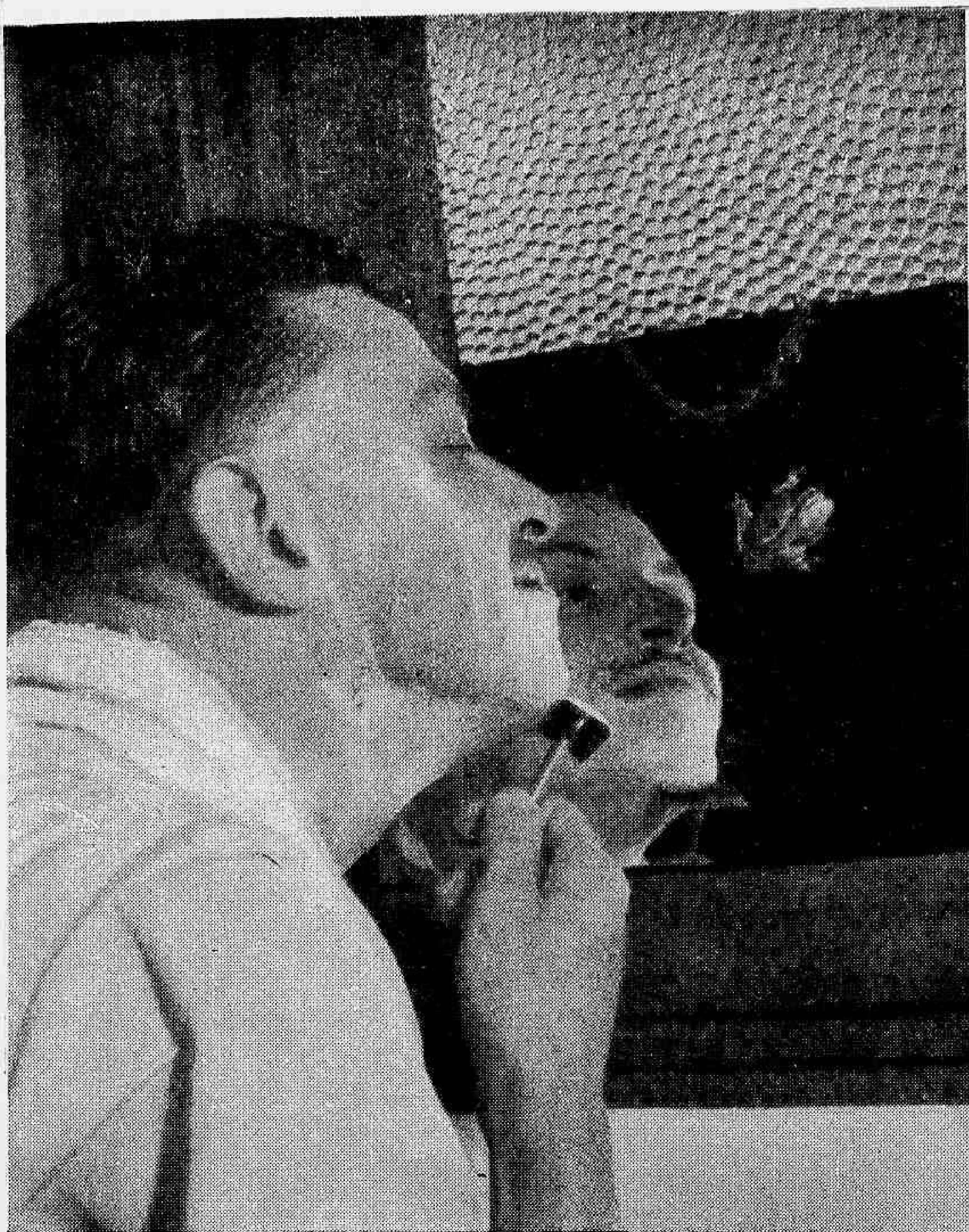
De uns tempos para cá ouve-se falar em homens-rã, como se a humanidade sentisse prazer em rastejar ou andar aos pulos. Fizeram filmes com êsse tema. Durante a guerra, os alemães, que tanto se engenharam em destruir o homem, começaram a criar corpos anfíbios que deslizando sob os cascos dos navios inimigos colocavam ali dinamites fatais.

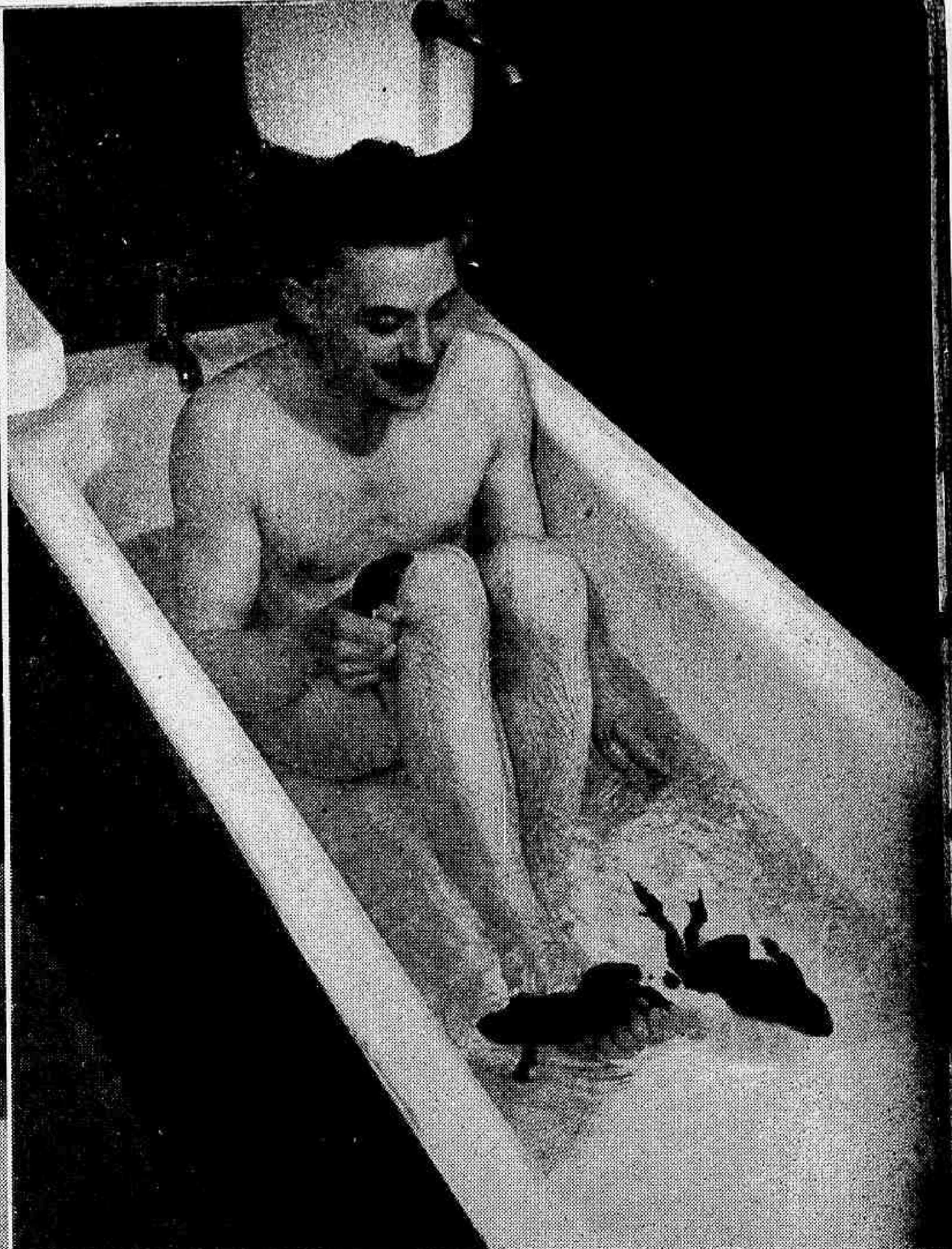
Agora aparece um homem-rã inofensivo que teve por bem conviver com o simpático porém horrível habitante do charco. Chama-se o cidadão Mr. White e é funcionário de uma emprêsa de telégrafo e radar e mora em Hornsey, ao norte de Londres.

Tornou-se um famoso colecionador de rãs e aceita intercâmbio com outros amadores do gênero, chegando mesmo a contar com exemplares vindos das mais remotas partes do mundo. Freqüentemente é visto no aeroporto recebendo as caixas especialmente construídas para transportar os pequenos anfíbios.



Mas parece que com o cachorro da casa não há a mesma harmonia. Discordam.





Enquanto está em casa, as rãs lhe fazem companhia permanente: tanto na hora de barbear como até mesmo na banheira. São geladas e muito trêfegas.

Uma de suas preocupações é alimentar os bichinhos. E para isso prepara diàriamente uma ração de môscas e vermes que cuidadosamente leva para seus viveiros.

De quando em vez sua espôsa é surpreendida por uma rã sob os lençóis ou saltando-lhe pelos ombros na cozinha ou na sala de visitas. As rãs andam pela casa tôda como se fôssem parte integrante do lar.

Na hora de barbear-se lá está uma rã grudada no espelho. Na hora do almôço a rã faz presença, saltitando por entre os pratos. E' uma questão de gôsto. Até mesmo no banheiro Mr. Norman White leva seus bratáquios prediletos. Enche a banheira. Senta-se na água fria e atira duas ou três delas n'água e fica horas brincando com as ditas, que pintam o que querem sob o olhar atento e satisfeito do dono.

Terá Mr. White em sua biblioteca a Bataquiomaquia de Homero?

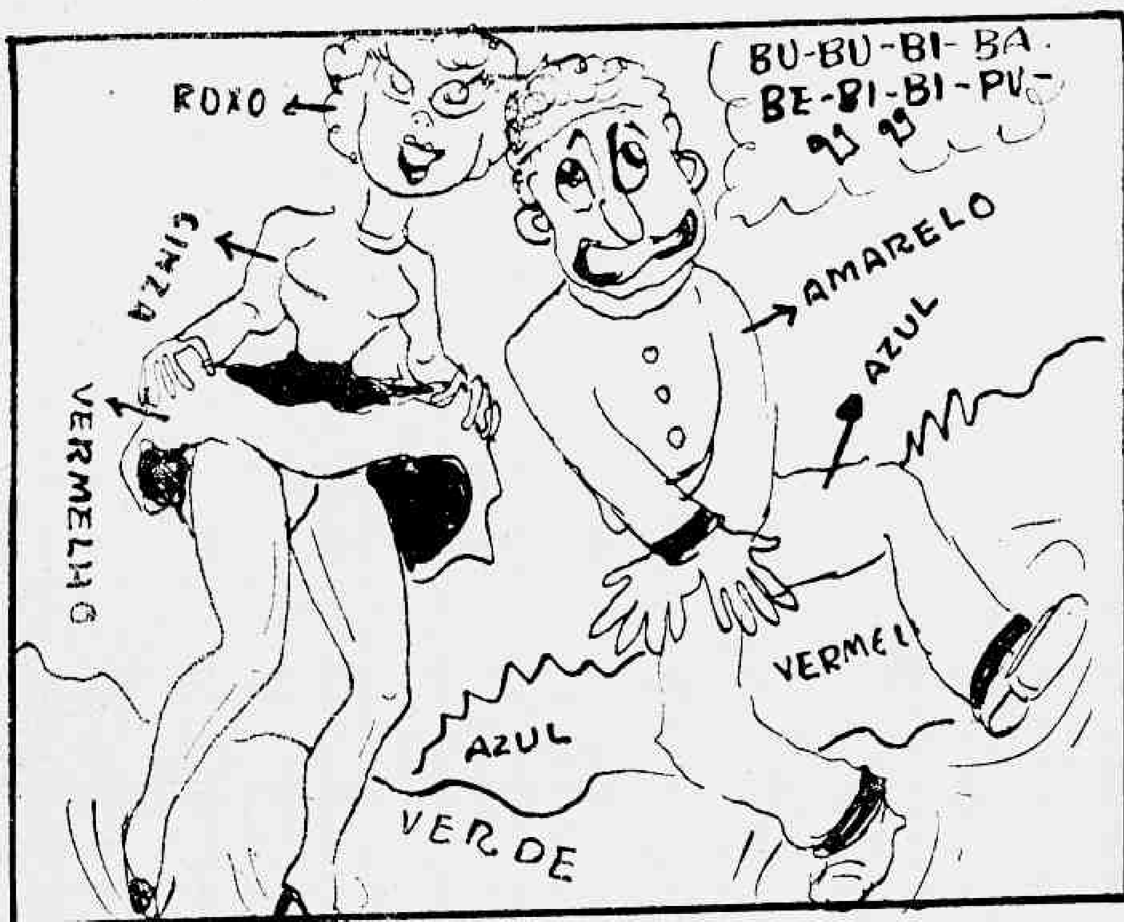


Elas chegam por via aérea e são acondicionadas com grande cuidado para sobreviver

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

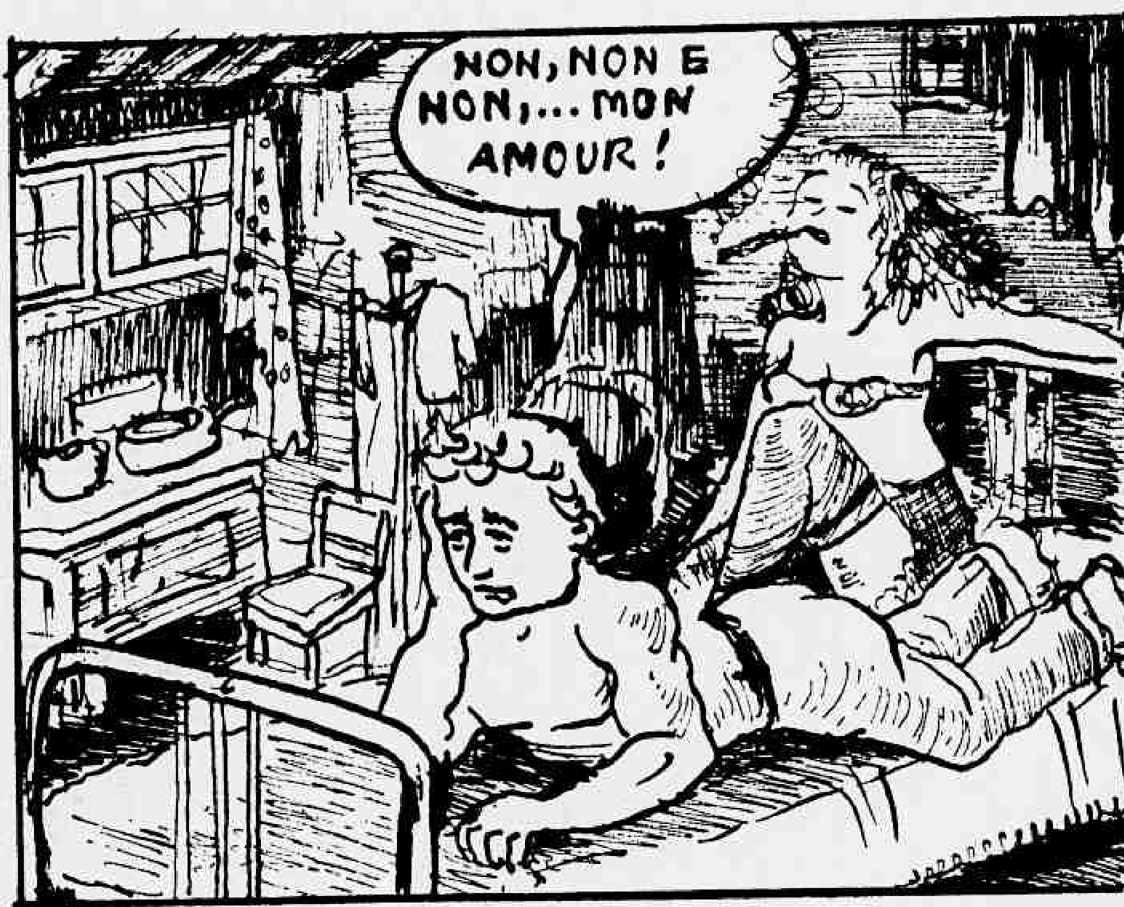
CINEMA



NORTE-AMERICANO



INGLÊS



FRANCÊS



MEXICANO



ITALIANO



BRASILEIRO



Êste é o dormitório de Ike. Nesta cama dormiu Abraham Lincoln, que neste mesmo quarto assinou a libertação dos escravos. Seu mobiliário é de 1865.

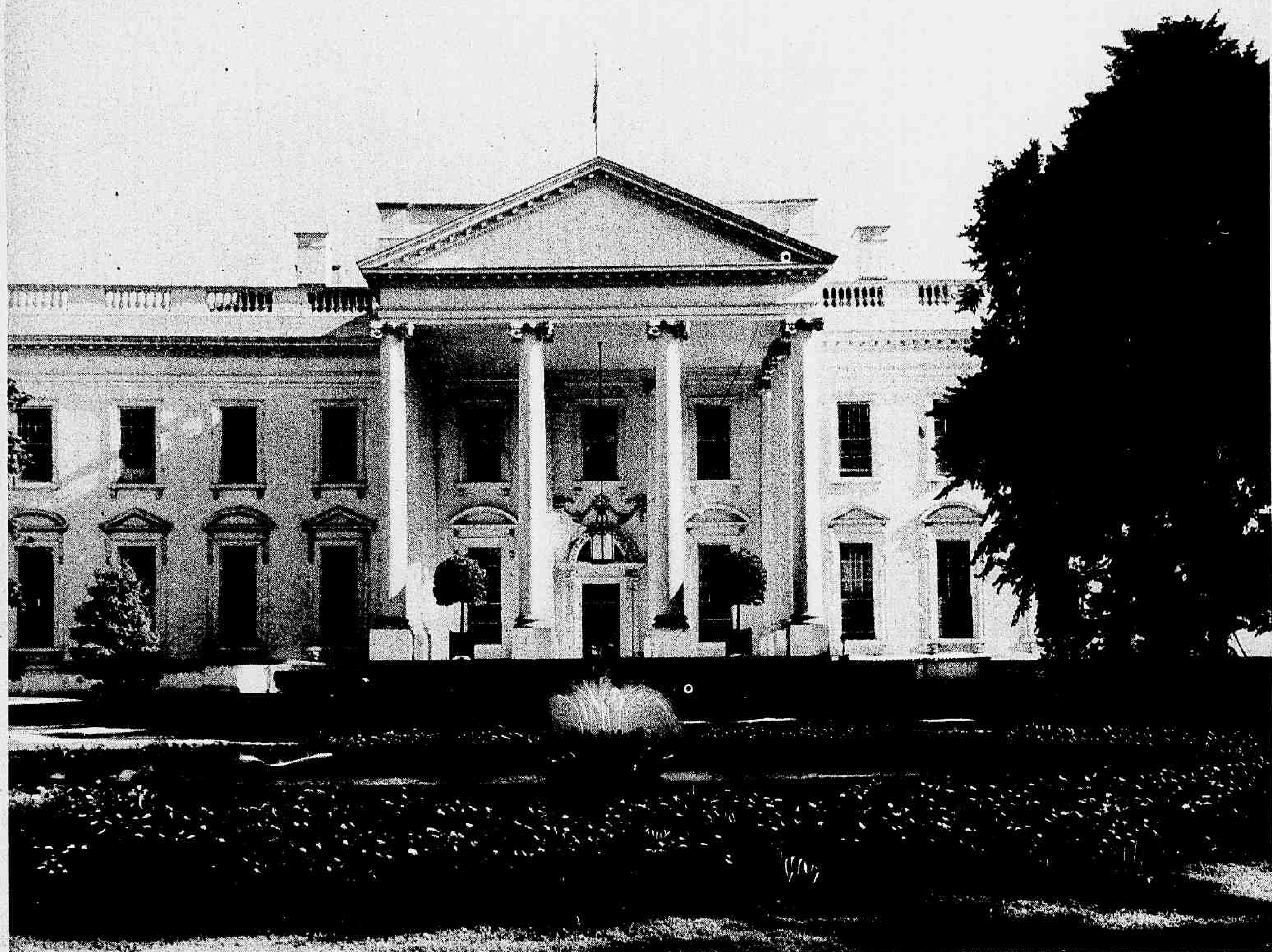
ONDE IKE VAI MORAR

DO SÉCULO XVIII AOS DIAS DE HOJE, A CASA BRANCA JÁ FOI INCENDIADA E REFORMADA ★ SETENTA E UM EMPREGADOS ★ 315 600 DÓLARES ANUAIS PARA SUA MANUTENÇÃO ★ RESIDÊNCIA DE TRINTA E DOIS PRESIDENTES

GEORGE Washington assistiu em 1792 ao lançamento da pedra fundamental da Casa Branca. Mas desde aquêle momento histórico até hoje muita água correu pelo rio Potomac. O mundo mudou e ao longo dos anos mudaram os costumes, os trajes, o pensamento do homem, inclusive quanto ao confôrto. Coube, talvez, a Edison e a Marconi revolucionar a vivenda moderna, mais do que aos arquitetos. Porque a feição arquitetônica que James Hoban imprimiu sôbre os antigos terrenos que pertenceram a David Burns continua sendo nobre, simpática.

Porém o interior tem sido submetido a várias modificações. Em 1814 a Casa Branca sofreu o primeiro impacto que obrigou a uma espécie de reconstrução parcial. E' que os inglêses a incendiaram. Só então, depois de refeita e totalmente pintada de branco é que tomou o nome com que hoje é internacionalmente conhecida.

A Casa Branca fica situada num extenso parque de 32 hectares de extensão. Os salões têm nomes. Chamam-se Salão Azul, Salão Vermelho, Salão de Leste, etc. Êste último é um dos mais famosos porque primitivamente, até 1827, serviu para os grandes banquetes políticos. Hoje é o salão das recepções oficiais. Mede nada menos que 24 metros de comprimento por 12 de largura, tem oito prateleiras de mármore, uma estufa-fogão encimada por grandes espelhos. Periòdicamente sua decoração interna é modificada para acompanhar os estilos da moda. Neste salão, que nos dias festivos é profusamente iluminado, encontra-se o grande retrato de George Washington, de autor (inglês) desconhecido, e de sua espôsa pintada por um artista moderno: E. B. Andrews.



Por esta entrada, à sombra de colunas clássicas, Ike terá que passar muitas vêzes. Irá descansar ou resolver problemas internacionais?

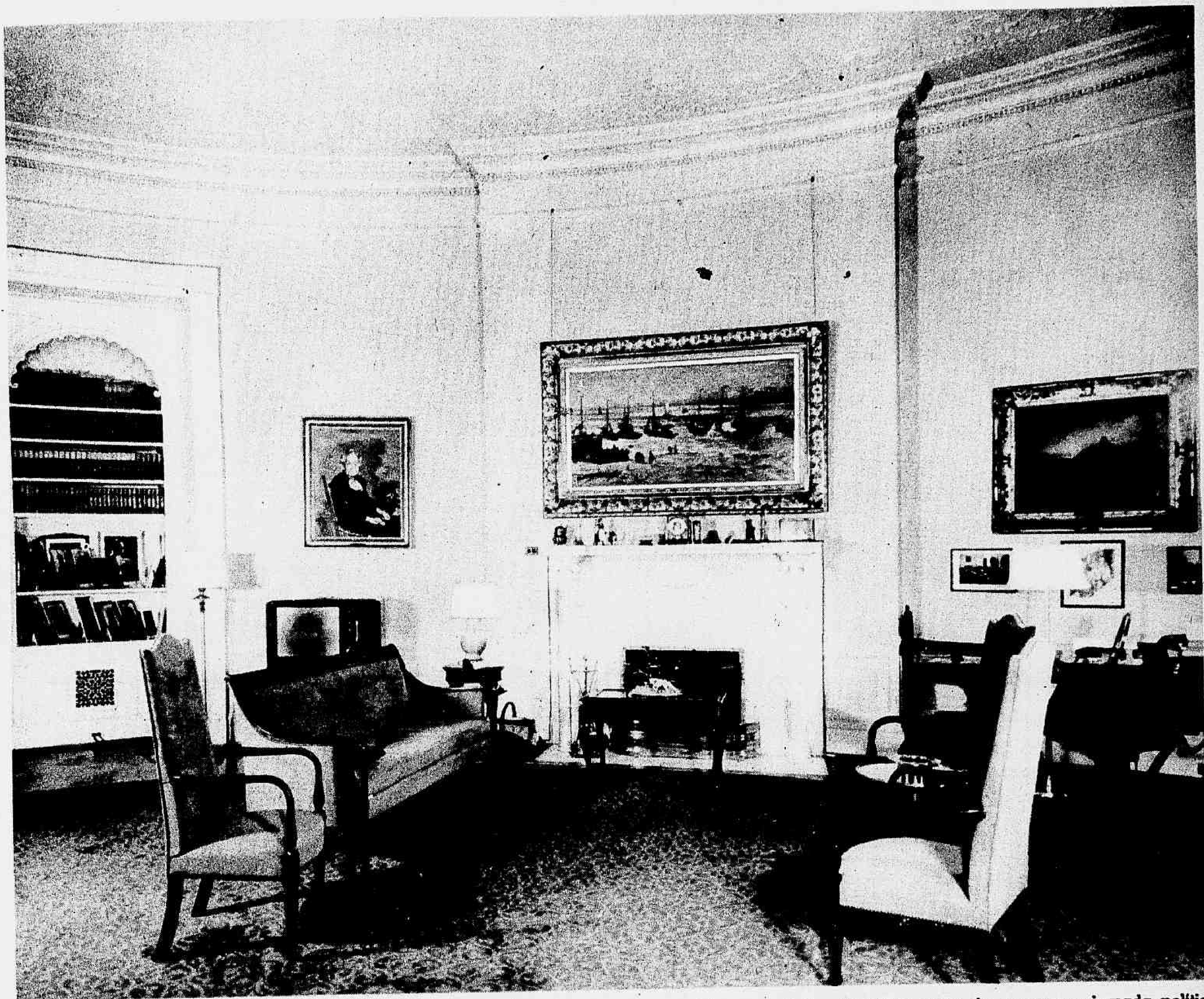


Uma sala-de-estar no segundo andar da «Casa Branca», na cidade de Washington, tornou-se célebre por que aqui o casal Franklin Roosevelt concedia periódicas entrevistas coletivas.

Entre outras relíquias encontra-se na Casa Branca um relógio que foi presente de Napoleão ao Marquês de Lafayette, dado por seu turno à Casa Branca.

A residência presidencial já hospedou trinta e dois presidentes, tendo seus salões testemunhado inúmeros acontecimentos que se tornaram históricos e muitas festas íntimas, entre as quais o casamento de Cleveland em 1886.

A grande mansão dispõe de uma boa piscina, de campo de ténis e tem sido sempre um ponto de atração para os turistas e para os próprios norte-americanos que moram nas províncias. E, naturalmente, é extraordinàriamente vigiada pela polícia, secreta e militar, que dispõe de meios telefónicos e de radiocomunicação aptos a reu-

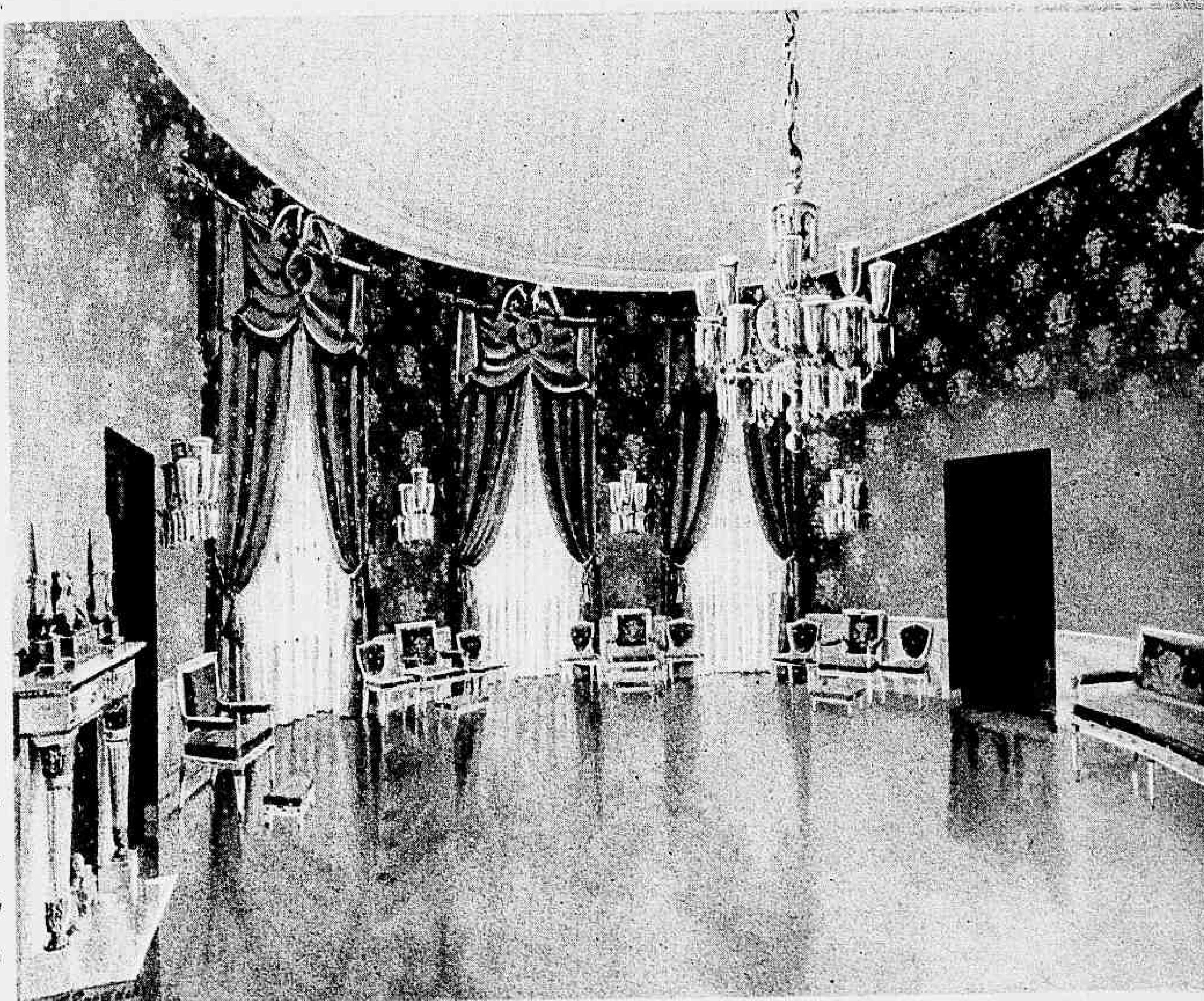


Êste é o salão de estudo, mobilado sòbriamente. Aqui Lincoln lia tôdas as manhãs uma página da Bíblia antes de começar a jornada política.

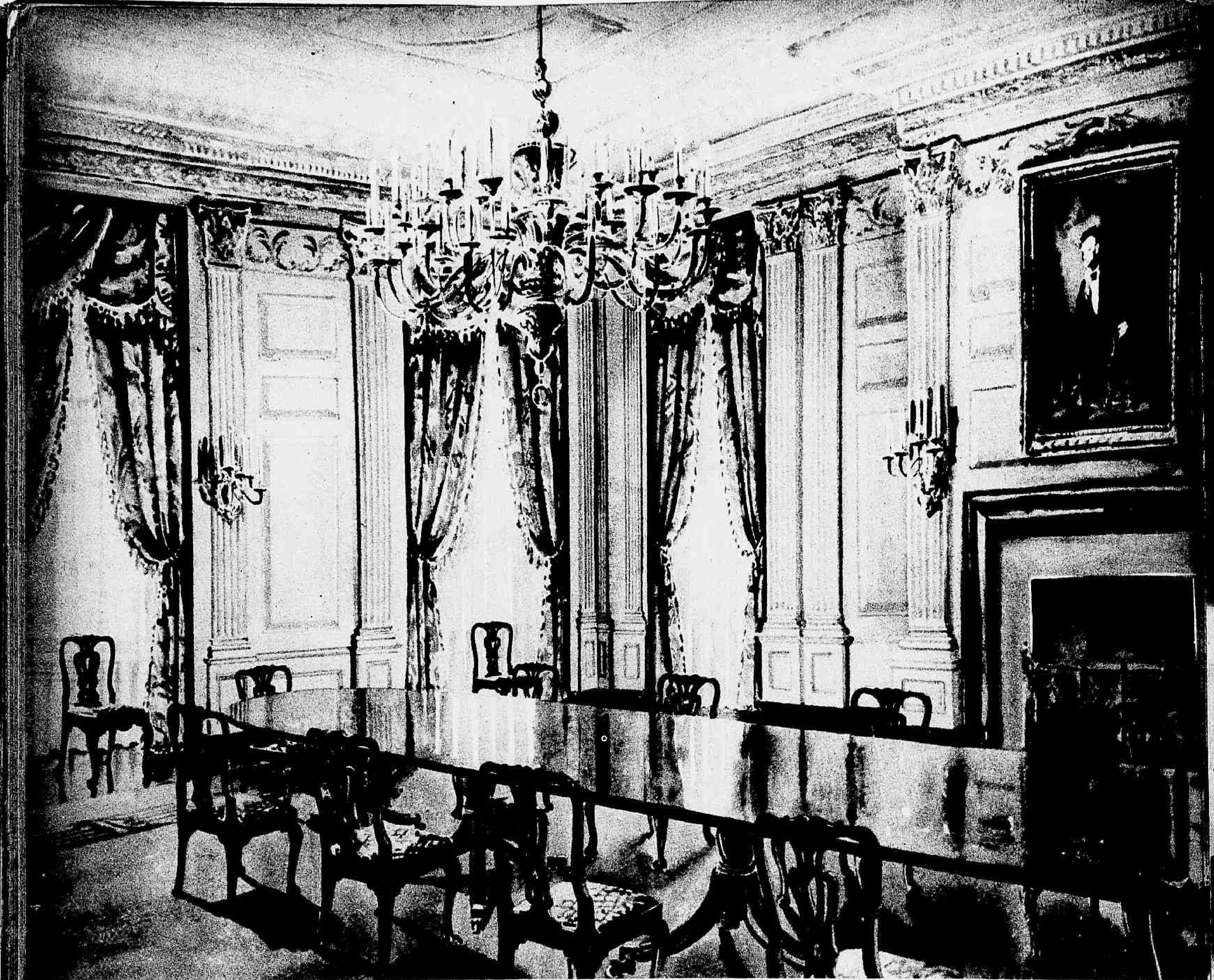
nirem em poucos momentos uma considerável fôrça armada.

Conta a Casa Branca com um corpo de empregados que sobe a 71 pessoas, entre as quais 6 cozinheiros, 3 maîtres-d'hotel, 4 valets de chambre, 5 femmes de chambre, choferes para os 30 carros presidenciais, 9 mecânicos, 5 carpinteiros, 5 eletricistas e 11 jardineiros.

Conta-se que quando Roosevelt morava na Casa Branca a cozinha era suja, havia ratos em convívio com outros bichos, lugar escuro onde se atropelavam cêrca de 32 cozinheiras e ajudantes que, pelo visto, mais atrapalhavam do que ajudavam. Cita-se a respeito o testemunho de Henriette Nesbitt, contratada por Roosevelt em 1933.



O Salão Azul — depois da reforma porque passou — ficou assim. Cadeiras no estilo Império, paredes e cortinas em azul «natier». Sôbre a chaminé o presente de Napoleão.



Esta é a sala dos Banquetes. Sôbre a estufa o retrato de Lincoln. As paredes são de côr azul-mar. Grande candelabro e cortinas de sêda adamascadas.

Hoje a coisa é muito outra: ar refrigerado para tôda a casa, telefones de tomada por tôda a parte, televisão, estação de rádio, telespeakers, enfim, o que há de mais moderno em matéria de serviços domésticos que são ali, de certo modo, serviços administrativos.

A água corrente aparece pela primeira vez funcionando na Casa Branca em 1833. O gás foi instalado em 1848. Eletricidade pouco depois de 1890. Banheiros e telefones em 1870 e sòmente em 1932 é que Franklin Roosevelt mandou instalar ar condicionado.

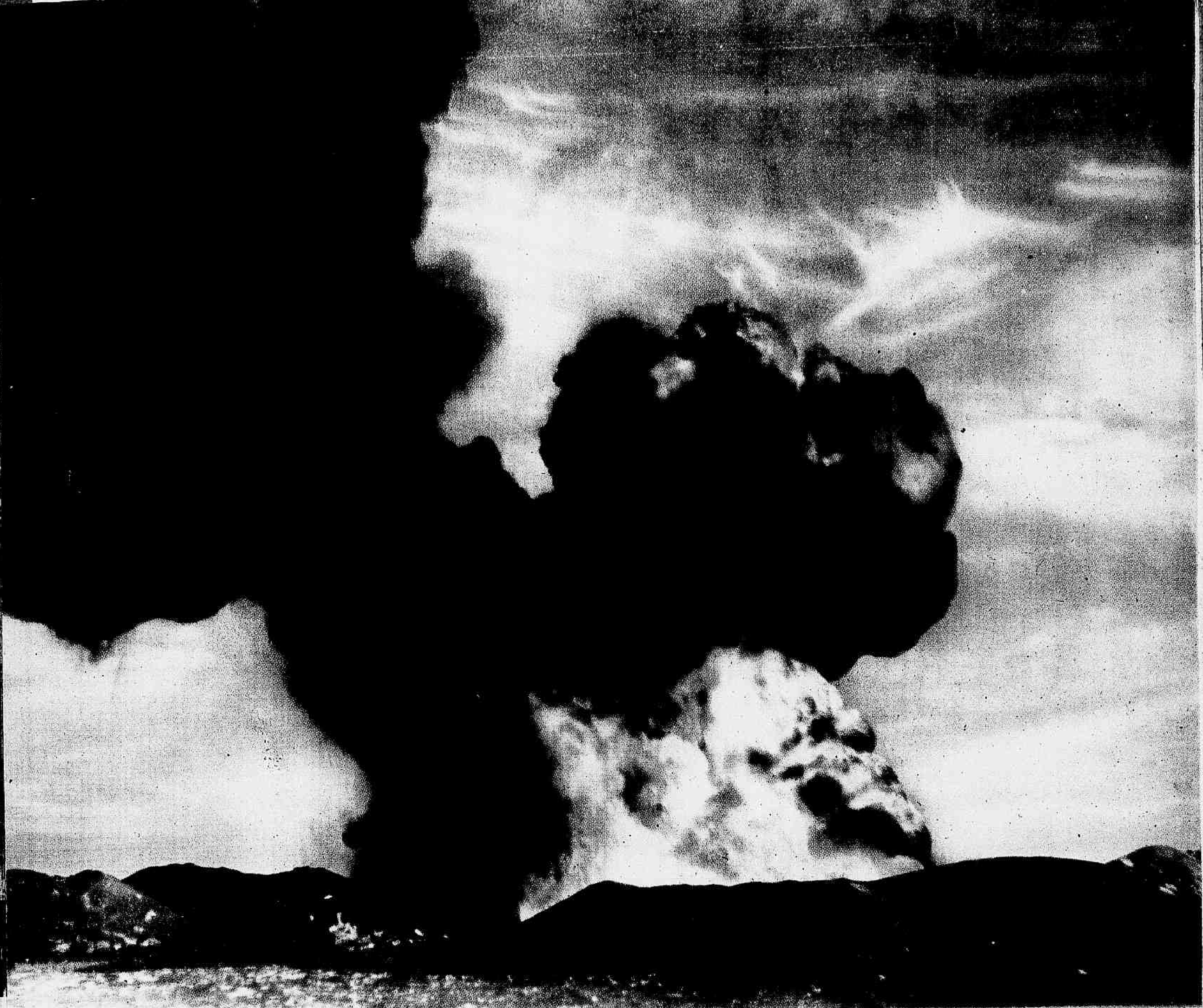
O novo presidente eleito Eisenhower, ou melhor Ike, dispõe ainda de um avião DC-6, de um «yacht» — o «Williamsburg» — e de uma composição férrea particular.

Recentemente a Casa Branca foi reformada. O presidente Truman e sua família passaram a residir na vizinha Blair House. Ike vai voltar para a tradicional residência de todos os presidentes norte-americanos, pois as obras já terminaram.

Assim, o general, que na sua vida de caserna sempre estêve acostumado aos leitos rudes e que durante a guerra conheceu os extremos do desconfôrto e da intempérie, vai agora dispor de nada menos que 128 peças superconfortáveis, ainda que o estilo interior deixe um pouco em dúvida os arquitetos de bom-gôsto.

Uma nota pitoresca sôbre a Casa Branca é ter sido ela produto do projeto vencedor de James Hoban, que então ganhou o prêmio de... 500 dólares. Suas linhas mestras foram inspiradas no palácio do duque de Leinster, residente em Dublin.

A espôsa de Ike, Mamie, declarou que nada a impediria de residir, pelo menos temporàriamente, porém todos os anos, em sua casa de Gettysburg, onde morreu seu primeiro filho, vítima de escarlatina. Mamie, além de ter sido uma das mais formosas jovens de Denver, sempre se mostrou excelente dona de casa. Daí ter personalidade própria e gôsto capaz de fazer ainda, depois de morar na Casa Branca, mais algumas reformas.



As nuvens negras sobem para a altura. E' a última operação no poço já esgotado antes de abrir novo furo nas proximidades. Ouro feito fumaça.

PETRÓLEO — SANGUE DO MUNDO

O MÔNACO DO PETRÓLEO ★ UM XEIQUE COM 65 MILHÕES DE LIBRAS POR ANO ★ SOB A AREIA DO DESERTO UM LAGO DE OURO NEGRO

(Fotos APLA)

SOB as areias de um deserto desolado que margeia o Gôlfo Pérsico jaz o maior tesouro do mundo. O país dessa jazida chama-se Kuwait, pequeno xeicado arenoso de apenas 9 300 metros quadrados, completamente destituído de água, onde não crescem árvores, onde os ventos do Norte, chamados «shamaal» levantam sufocantes tempestades de areia, e onde a temperatura estival atinge a mais de 50 graus à sombra.

Durante quase dois séculos, desde que o primeiro de uma longa linhagem de Subahs da tribo Amizah, formou e governou o xeicado de Kuwait, as tribos beduínas vagantes pelo deserto viviam na penúria. Uns apascentavam seus rebanhos de cabras nos escassos capinzais ao longo das praias encrustadas de sal; outros, dedicados ao mar, pescavam pérolas para vendê-las aos mercadores de Bagdad; e alguns tiravam sua precária subsistência da areia em que se encontrasse um poço salobro. Mas, na sua pobreza, nenhum dêles suspeitava da existência da maior jazida pe-

O Petróleo tem levado as nações à guerra. Dessa riqueza do subsolo dependem a indústria moderna e a locomoção marítima e terrestre. A produção mundial em barris de 159 litros foi de cêrca de 4.277.320.000, durante o ano de 1952.

Em ordem de produção e consumo temos: (segundo a revista «World Petroleum»)

	PRODUÇAO		PRODUÇAO
América do Norte	2.368.723.000	**África**	16.959.000
América do Sul	726.127.000	**Asia**	809.242.000
Europa	356.268.000	**Austrália e Nova Zelândia**	1.000
	CONSUMO		**CONSUMO**
1º — Estados Unidos	2.704.000.000	**6º — México**	87.840.000
2º — U. R. S. S.	380.435.000	**7º — Argentina**	75.762.000
3º — Inglaterra	174.849.000	**8º — Africa do Norte**	64.332.000
4º — Canadá	166.600.000	**9º — Holanda**	56.364.000
5º — França	102.002.000	**10º — Brasil**	47.214.000

Ora, o Kuwait, um pequenino xeicado na Asia, até ontem despercebido, começa a fornecer ao mundo uma riqueza que ninguém suspeitava pudesse existir no areal freqüentado por cameleiros e modestos pastôres de cabras. Sua extensão é pouca coisa maior do que o nosso município de Nilópolis — 2.800 quilômetros quadrados. Sua produção de petróleo foi em 1952 de cêrca de 292.000.000 barris de 159 litros. A renda total é dividida: 50 por cento para o xeique Abdullah e a outra metade para a Inglaterra.





O antigo cameleiro monta agora num cano condutor de petróleo. Mudou de profissão porque assim quis o destino. Estava escrito, tinha que ser: — vinha a metamorfose.

trolífera do mundo sob a crosta requeimada do estéril país, avaliada recentemente em 20 bilhões de barris — e hoje, com sua exploração, e com o «ouro negro» a jorrar à razão de um milhão de barris por dia, Kuwait tem, **per capita**, a maior renda do mundo, e seu governante, o Xeique Abdullah Al Salim Subah, é o homem mais rico do globo.

A possibilidade de descoberta de petróleo em Kuwait foi reconhecida logo depois que o Xeique Mubarak ibn Subah, desobedecendo aos turcos, colocou seu Estado sob a proteção dos inglêses. Isso se deu em 1899. Durante muitos anos usou-se o betume existente na zona para a construção de embarcações Kuwaitiis, famosas, por sua resistência, de Bombaim a Zanzibar. Mas só em 1934 foi assinada a primeira concessão extensiva ao Estado inteiro. Foi dada pelo Xeique Ahmad Al Jabir al Subah, décimo da sucessão, à Kuwait Oil Company, emprêsa conjunta britânico-americana, na qual se igualavam como sócios a Anglo-Iranian Oil Company e a Gulf Oil Corporation of America.

Logo o primeiro poço a ser explorado, perfurado até à profundidade de uns 2.400 metros em Barah, ao norte da baía de Kuwait, deu resultados tão seguros que garantiam exames geofísicos por sôbre vastas áreas. Depois de quatro anos de perfurações experimentais, a Companhia obteve petróleo em Burgan, ao sul da baía, a uns 22 quilômetros para o interior.

Mas a ameaça de uma invasão alemã durante a segunda guerra mundial impediu a exploração, e os poços recém-descobertos foram obturados, para serem reabertos sòmente quando passado o perigo de guerra.

Finalmente, em 1946, o Xeique Ahmad al Jabir al Subah, abriu a válvula principal na estação de carregamento e o grande campo de Burgan iniciou sua produção.

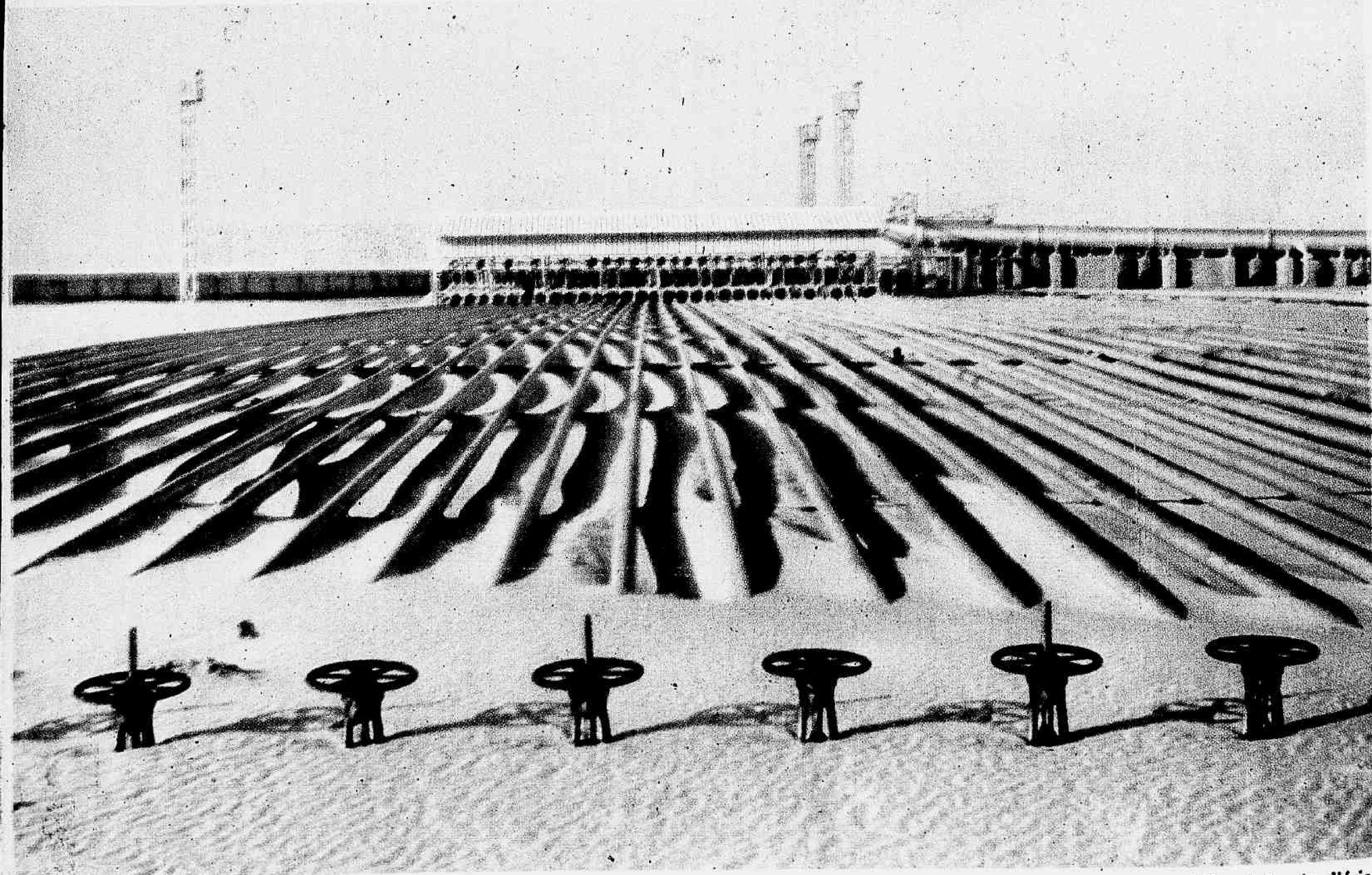
Com o desenvolvimento, Burgan foi reconhecido como o maior campo petrolífero isolado até hoje descoberto. Por todo o mundo os interessados dirigiram os olhares estupefatos para Kuwait e observavam a subida vertiginosa dos dados de produção. A modesta cota de uma média de 40.000 barris diários em 1947, ultrapassou o triplo no espaço de dois anos. No ano seguinte, a cota tornou a duplicar-se. Pelos fins de 1951, a produção atingia uma média diária de 800.000 barris, quase igual à de Aramco, concessão Saudi-arábica de 707 milhões e 960 mil metros quadrados. No ano vindouro, com a exploração do novo campo em Magwa, a produção diária alcançará fàcilmente o nível de um milhão de barris, tornando a Kuwait Oil Company a maior produtora isolada do mundo.

A riqueza do campo de Brugan é fenomenal. Cada poço individual tem a capacidade de 10.000 barris diários (comparada com 200 em média diária na Venezuela, e 11 nos Estados Unidos). Suas reservas comprovadas já quase igualam à metade das reservas totais da América e esta avaliação é apenas do campo de Burgan. As reservas do novo campo de Magwa ainda não foram calculadas e existem outros campos conhecidos dentro do xeicado, que ainda não foram explorados. Em breve a produção será controlada mais pela procura dos consumidores e facilidade de embarque, do que pelo suprimento. A procura ainda é alta, e, embora o embarcadouro de Mina al Ahmadi, construído a uns 1600 metros dentro do Gôlfo Pérsico, possa abarcar 6 petroleiros ao mesmo tempo e carregá-los numa média de 8 horas, pode-se ver freqüentemente 15 a 20 embarcações ancoradas, à espera de seu turno para entrar e ser carregadas.

A capacidade de aumento de produção parece ilimitada. Por exemplo, depois que a refinaria de Abadan fechou e cessou a produção iraniana de 650.000 barris, bastou um ano para contrabalançar a perda. Os dados atuais de exportação do Gôlfo Pérsico registram 100 mil barris mais do que na ocasião de fechamento das válvulas em Abadan.

O exemplo de nacionalismo fanático de Mossadeq produziu um calafrio de incerteza nas áreas petroleiras. Altos funcionários de companhias e enviados de governos precipitaram-se ao Gôlfo Pérsico, para renovar amizades, revisar tratados e oferecer melhores condições aos governantes de territórios petrolíferos e nesse embaralhamento geral, o Xeique Abdullah al Salim Al Subah, o governante calmo, humilde e pacífico de Kuwait, se viu de repente com a maior renda anual do mundo. Atualmente é sócio participador de 50 por cento da Kuwait Oil Company, pagando-se-lhe o seu dividendo antes da dedução das taxas da companhia. Êsse dividendo montará no ano vindouro, a cêrca de 65 milhões de libras esterlinas.

O interêsse do Xeique Abdullah no contrôle da companhia é por ora meramente pessoal.



Sob a areia escaldante vê-se agora êsse espetáculo de trabalho e simetria. Êste centro de destilação produz cêrca de 130 mil barris diários.



O árabe, acostumado à solidão, agora tem uma companhia que não é miragem: o poço de petróleo que se levanta no horizonte como uma afirmação.



O xeique Califa Salman não muda de idéia nem de roupa. O representante inglês H.R.P. Dickson tenta gesticular. O xeique regateia alguns milhões.



Os letreiros bilingues — vistos na fotografia — previnem: — guardem seus fósforos e isqueiros. Uma simples faísca pode transtornar o caldo. E o Kuwait sem petróleo morreria.

Sua renda, porém, assim a considera êle, pertence mais ao povo de sua jurisdição do que a êle mesmo. Está decidido a empregá-la na capacitação de seu povo a responsabilizar-se por sua herança. Atualmente os 650 empregados mais antigos na gerência da Kuwait Oil Company são inglêses ou norte-americanos e, 6.000 constituintes do corpo total de trabalho, os amanuenses e técnicos são hindus ou palestinenses. Só os trabalhadores são nativos de Kuwait. Para preparar o povo a cargos de responsabilidade e realizar seu programa político em prol dos Kuwaitiis, o governante acha necessário estabelecer uma forte base educativa, sôbre que se possa erguer um futuro e levantar o «standard» de vida. Novas escolas surgem com a pressa que o material e o trabalho o permitem. Serão grátis para ricos e pobres. Hospitais, sanatórios, asilos para anciãos, e centros clínicos se erguem ràpidamente. Há planos para um novo pôrto, instalações de fôrça, estradas e uma planta urbana para substituir a velha Kuwait construída de barro. As maiores distilarias de água estão sendo construídas em Shuwaikh para resodver o problema de suprimento de água potável. Dará um abastecimento de uns 6 milhões de litros por dia, com possibilidade de aumento quando necessário.

Para a realização de tudo isso no tempo mais breve possível, a cidade de Kuwait tornou-se formigueiro de atividade febril. O engenheiro urbanista mantém um corpo de desenhistas a esboçar constantemente plantas de edifícios municipais, fazendas adubadas com os desperdícios da cidade, blocos de habitações e vilas-modelos.

O trabalho continua dia e noite, pela semana inteira. À noite, os clarões vermelhos de Burgan, refletidos no céu, incitam o povo a maior esfôrço — símbolo de um futuro.

Semana LITERÁRIA

UM LIVRO:

«A LUZ PERDIDA» (II)

Registrando, em nota anterior, o aparecimento dêste último livro de poemas de Murilo Araújo, assinalamos o fato de marcar êle a fase da maturidade do poeta que é, sem dúvida, uma das mais expressivas vozes de nossa lírica. Hoje, voltamos ao livro, uma das obras poéticas mais importantes de 52 e que, entretanto, não mereceu o destaque que de direito lhe cabia, dadas nossas conhecidas e suspeitas limitações críticas. O fenômeno é curioso, sobretudo no caso de Murilo, que nunca cessou de evoluir, através dos treze livros de versos que tem publicado.

Parece que a crítica resolveu aceitar o poeta e que o poeta resolveu aceitar a (falta de) crítica, diante de sua obra... Estamos também em que cumpre à crítica principalmente descobrir os valores novos, desde já fixando os autênticos valores que andam aí misturados à abundante produção poética. Mas, não podemos concordar em que, por isso, feche os olhos aos grandes poetas do passado e que, como Murilo, Drummond ou Jorge de Lima não deixam de ser também grandes poetas do presente. Se êles se limitassem à repetição, estava certa essa atitude de sanfichismo. Entretanto, o que vemos na geração de 22 é uma capacidade de renovação constante.

Dissemos, por exemplo, que «A Luz Perdida» é um novo marco na obra de Murilo Araújo, seguindo harmoniosamente na sua evolução. Mas o novo livro do poeta que é, talvez, com Tasso da Silveira, uma das maiores expressões do neo-simbolismo brasileiro (para lhe dar um rótulo), dos que retomaram as heranças ilustres do misticismo, renovando-as prodigiosamente por uma poética do melhor quilate, uma arte inteiramente singular e da maior significação — êste livro representa o que de melhor e mais atual podemos encontrar em nossa lírica, como forma e conteúdo. Porque, então, pôr de lado a obra, passar por ela, como se ela não se inserisse em nosso momento, apenas por ter sido escrita por um grande poeta da velha geração, cujo estro não se apoucou com o correr do tempo, antes pelo contrário, e que mais do que muitos outros por aí endeusados, como novos ou renovados, nos proporciona um livro em que a poesia realmente existe, em que a forma atinge a requintes de lavor perfeitamente de acôrdo com as inquietações e as experiências mais modernas, situando o poeta, pelos seus acertos, pela pertinência entre forma e conteúdo, aqui verificada, no mais elevado nível entre nossos artistas do verso?

UM AUTOR:

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA

Na atualidade literária brasileira, um nome feminino, entre muitos outros, naturalmente se destaca. Ao contrário do que comumente acontece, não se trata de uma poetisa, mas de uma prosadora da melhor prosa: Maria de Lourdes Teixeira.

A escritora paulista que se revelou ensaísta de valor, romancista de invulgares méritos, é atualmente responsável pelo suplemento artístico-literário das «Fôlhas», cada vez em melhores apresentações. Ali escreve ela também a coluna de crítica literária, fazendo bibliografia com muito critério, juízos sempre seguros, a respeito das obras que analisa e que comenta, para esclarecimento dos numerosos leitores do belo e bem feito semanário.

Romancista nato, podemos dizer de Maria de Lourdes. Ela nos ofereceu, sem o trombetear da reclame, seu importante romance «Banco de três lugares». Em seguida a essa comovente história, de tons nostálgicos e onde encontramos lembranças da infância, em forma escorreita, com um sentimento perfeito da narrativa, o dom poético e a boa dosagem do interêsse humano, publicou ainda a escritora paulista seu belo ensaio sôbre Goethe, por ocasião do centenário do poeta: «Apaixonadas de Goethe», do qual podemos dizer que foi escrito por uma outra apaixonada do mestre do «Werther» tanto se sente, através do livro, o carinho, o afeto, a devoção da analista diante de seu assunto, êsse gênio prodigioso que juntou ao talento criador o fascínio inesquecível que exerceu ao seu redor, como homem.



Maria de Lourdes vem de receber um dos mais importantes prêmios da Academia Brasileira de Letras, por seu romance «Banco de três lugares» — o «Prêmio Júlia Lopes», destinado às obras femininas que melhor marquem a capacidade literária da mulher brasileira e recordando, por sua denominação, a grande escritora brasileira que se sagrou como mestre do romance. Êsse motivo determinou justa homenagem dos intelectuais paulistas a Maria de Lourdes, assim testemunhando, fora da Academia o acêrto da láurea concedida pela Casa de Machado de Assis.

FORA DO PRELO

IMPRESSÕES DE LEITURA — Sob êste título, publicou J. A. Coutinho Júnior um volume em que reúne uma série de interessantes estudos sôbre livros e autores. Trata-se, aqui, de um crítico capaz de simpatia e que focaliza alguns dos nomes de maior importância em nossa atualidade literária, não se esquecendo, entretanto, de buscar no passado, também, valores esquecidos ou quase, entre nós. Estas «Impressões de Leitura», obra de crítica e de afeto, vêm salvar do olvido muita coisa que o leitor atual não conhece e que, por êste roteiro, poderá encontrar com agrado. Coutinho Júnior escreve em boa linguagem, em bom estilo e possui senso crítico, com a capacidade de admirar, escolhendo entre seus afetos literários aquêles que melhor lhe falam.

O VÉU DA MANHÃ — Um belo e comovente livro de poemas êste, «O Véu da Manhã», que Élcio Xavier nos deu no ano passado. E' uma coletânea de poemas nostálgicos, de inspiração mística, mas de um moderno misticismo, em boa forma e ricos de emoção e sensibilidade.

LUNGOGIORNO — Vem de aparecer a tradução italiana, de autoria de Enzio di Poppa, do livro de Ribeiro Couto, «Lungogiorno» (Dia Longo). A obra vem enriquecida de um belo estudo sôbre a poesia e o poeta, assinado pelo tradutor. Como se sabe, «Dia Longo» é uma espécie de antologia de Ribeiro Couto, o que indicou principalmente a tradução, pois assim o leitor italiano terá uma visão de conjunto de nosso grande lírico, a que Di Poppa chama muito acertadamente o — «poeta della doppia nostalgia».

A. VIDA DE JÚLIO LOUZADA — O radialista Júlio Louzada tão estimado como discutido, criador da famosa «Pausa para Meditação», já entrou em um samba e agora tem também a sua biografia, que está constituindo um dos maiores e mais singulares êxitos de livraria: «A vida de Júlio Louzada», de Abdias Rodrigues. O que temos de melhor neste livro principalmente de estima — é a lição de uma vida cheia de sacrifícios que afinal encontrou sua brecha e se tornou um nome de destaque em nosso meio radiofônico.

● PASSEIO PELO JARDIM ZOOLÓGICO — Mostrando muitos animais, em páginas de magnífico papel, acompanhados de legendas curiosas e em moldes culturais, que ensinam sem fatigar, o livro-álbum "Passeio pelo Jardim Zoológico" é uma das mais felizes iniciativas das Edições Melhoramentos

NOTICIÁRIO

CINQÜENTENÁRIO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA — Também o escritor Sérgio Buarque de Holanda fêz cinqüenta anos em 1952, ano que assinalou o meio século de grandes valores do movimento modernista, em que o crítico e ensaísta teve tanta importância, cabendo-lhe a honra de ter sido um dos fundadores de «Estética»; a primeira publicação destinada a pôr em ordem a... desordem, tendo ficado como uma das mais significativas realizações da «revolução» de 22.

O cinqüentenário de Sérgio Buarque de Holanda foi muito festejado por seus amigos, principalmente em São Paulo, onde reside atualmente o autor de «Raízes do Brasil».

★

Amigos de José Olímpio anunciam uma homenagem ao editor que tanto tem feito pela arte como pela indústria do livro entre nós. Deverá ser inaugurada na conhecida casa editôra uma placa comemorativa do cinqüentenário do querido livreiro.



★

Pela passagem do cinqüentenário de «Os Sertões», foi inaugurada uma exposição euclidiana, na Biblioteca Nacional.

★

Antônio Rangel Bandeira vem, de publicar dois novos volumes de versos: — «Vidro Polido» e «Cancioneiro».

★

O sr. Chermont de Brito ofereceu à Academia Brasileira um busto de Afrânio Peixoto.

★

Por iniciativa do Itamarati, vão ser traduzidos para o francês e o inglês obras de escritores modernos do Brasil, estando já programados, para isso, livros de José Lins, Raquel de Queiroz e Gilberto Freyre.

★

Parace que o rádio carioca melhora. Ainda agora se anuncia que o Rádio Clube, sob a direção de Marques Rebelo, vai radiotonizar os romances de Balzac.

POR ÊSSE MUNDO DAS LETRAS

(FRADIQUE)

Um jornal do Rio apurou há pouco que poesia não se vende. Menos ainda a poesia moderna. O que se compram, ainda, em matéria de poesia, são os livros de Castro Alves, Bilac, Casemiro, Alvares de Azevedo, Hermes Fontes e outros. Isso poderia parecer desanimador, se não soubéssemos que os atuais sucessos de livraria não o foram no seu tempo... Sirva o fato de consôlo aos poetas modernos: serão lidos pela geração do ano dois mil, provàvelmente.

●

A décima terceira edição de "A Retirada da Laguna", modelar documentário escrito pelo Visconde de Taunay, que nos deu nessa obra uma completa "reportagem vivida", à espécie do que "se inventou" hoje, vem de ser lançada ao comércio, com sucesso ainda maior.

●

Vianna Moog vai entregar aos editores seu recente trabalho "Pioneiros e Bandeirantes", estudo comparativo entre os "pionneers" norte-americanos e os desbravadores do sertão brasileiro, vale dizer, entre duas colonizações.

●

Nilo Bruzzi tem pronto um novo livro de ensaio, a respeito de ignorado romancista mineiro. Essa obra naturalmente provocará tanta celeuma como o seu livro sôbre Casemiro de Abreu. Segundo sabemos, o poeta mineiro que vem se dedicando aos estudos de investigação, escreveu páginas cáusticas sôbre a psicologia do mineiro.

●

Estão abertas as inscrições para os prêmios anuais da Academia Brasileira, referentes ao ano de 952. O encerramento será a 31 de março de 953.

●

Comemora-se agora o centenário do aparecimento de "A Cabana do Pai Tomaz". Como se sabe, o popular romance de Mary Beecher Stowe teve grande influência na libertação dos escravos, nos Estados Unidos, repercutindo mesmo no nosso movimento abolicionista.



A primeira Rainha Elizabeth da Inglaterra era virgem. Lançou-se na construção de um Império sem ter conseguido fundar um lar. Seus navios piratas chegaram até ao Brasil.

AS DUAS ELIZABETH E O BRASIL

PEDRO CALMON

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

PARA os inglêses que amam o oceano — e todos os inglêses gravemente veneram o velho mar! — a grande Elizabeth é um símbolo. Encarna o domínio das águas, a marinha, o império. Nenhum rei da Inglaterra foi maior do que essa rainha. E as outras rainhas que teve a Inglaterra saborearam como um fino louvor a comparação, que por vêzes mereceram, com aquela admirável mulher. O mistério da sua vida, o traço de amargura e renúncia que a acompanha desde a infância infeliz até o apogeu do reinado truculento, a nostalgia do seu celibato sem tranqüilidade e sem amor, dela fazem uma figura novelesca, entregue dòcilmente à fantasia do romancista, que tanto a idealizará como um pobre e frustrado coração de donzela que a política estrangulou, como a evocará na glória shakespeareana de suas ambições tresloucadas.

Preferimos considerá-la a sempre-noiva do seu País, a que se lhe consagrou, como as religiosas se consagram ao claustro, repudiando as vaidades do mundo para ganharem as consolações sobrenaturais; inaudita desposada da Grã-Bretanha!

No ádito da Câmara dos Comuns, entre os caixilhos góticos da galeria que recorda a evolução nacional, se vê — nobremente retratada no seu painel alegórico — a rainha Elizabeth, a conferir a sir Walter Raleigh os poderes de nauta e conquistador das terras longínquas. Lá está a soberana no esplendor da sua vivacidade e da sua intuição, arrastando um pesado vestido, a forte cabeça aureolada do oiro puro dos cabelos ondulados, o gesto enérgico, quase masculina em face do cavaleiro de gibão azul que lhe recebia o prêmio e a ordem... Subiu ela ao trono em 1558. Quatro séculos mais tarde — menos um lustro — ao mesmo trono dos reis saxões e dos reis normandos que é a mais ilustre das relíquias de Westminster, sobe a segunda Elizabeth. Em quatrocentos anos, duas princesas balizam o largo período que poderá chamar-se o da universalidade inglêsa. Com a primeira — criada sombriamente no horror do infortúnio e no sonho do poder — se projetou a Inglaterra nos vastos horizontes, rasgados e invadidos por seus marinheiros. Com a segunda — escrupulosamete educada nestes climas constitucionais — recompõe a Inglaterra o seu destino e a sua fôrça. Em nada se parecem: pois Elizabeth I era feia e varonil, enquanto Elizabeth II é graciosa e jovem. Dir-se-ia até que se repelem na profunda oposição dos seus temperamentos, Elizabeth I dura e triste como uma rainha atormentada, Elizabeth II maternal e amável como uma rainha sadia, que tem junto ao trono um berço, e divide o tempo entre o Estado e a família. Mas afinal se aproximam, pela analogia das responsabilidades, sobretudo pela sugestão do nome, pela semelhança das insígnias, pela implacável continuidade histórica. Reinará a segunda sôbre o mesmo povo que a primeira elevou à categoria de nação dominadora; sagrar-se-á sob as mesmas abóbadas da abadia remota, que é o mausoléu da sua raça; e sofrerá pelo resto da existência o confronto inevitável com a rija Elizabeth de outrora, cuja estátua jacente, sob o seu docel de pedra, a luz coada dos vitrais coloridos de Westminster veste, ao crepúsculo, de áureos tons de apoteose.

A imortal Elizabeth chegou até nós...



Mas os portuguêses mandaram construir ao longo de nossa extensa costa inúmeras fortalezas que resistiram bravamente aos Cavendish, aos Withrington, aos Lister. E perduraram.

E' a história antiga dos entrelopos contada imperfeitamente pelos nossos cronistas.

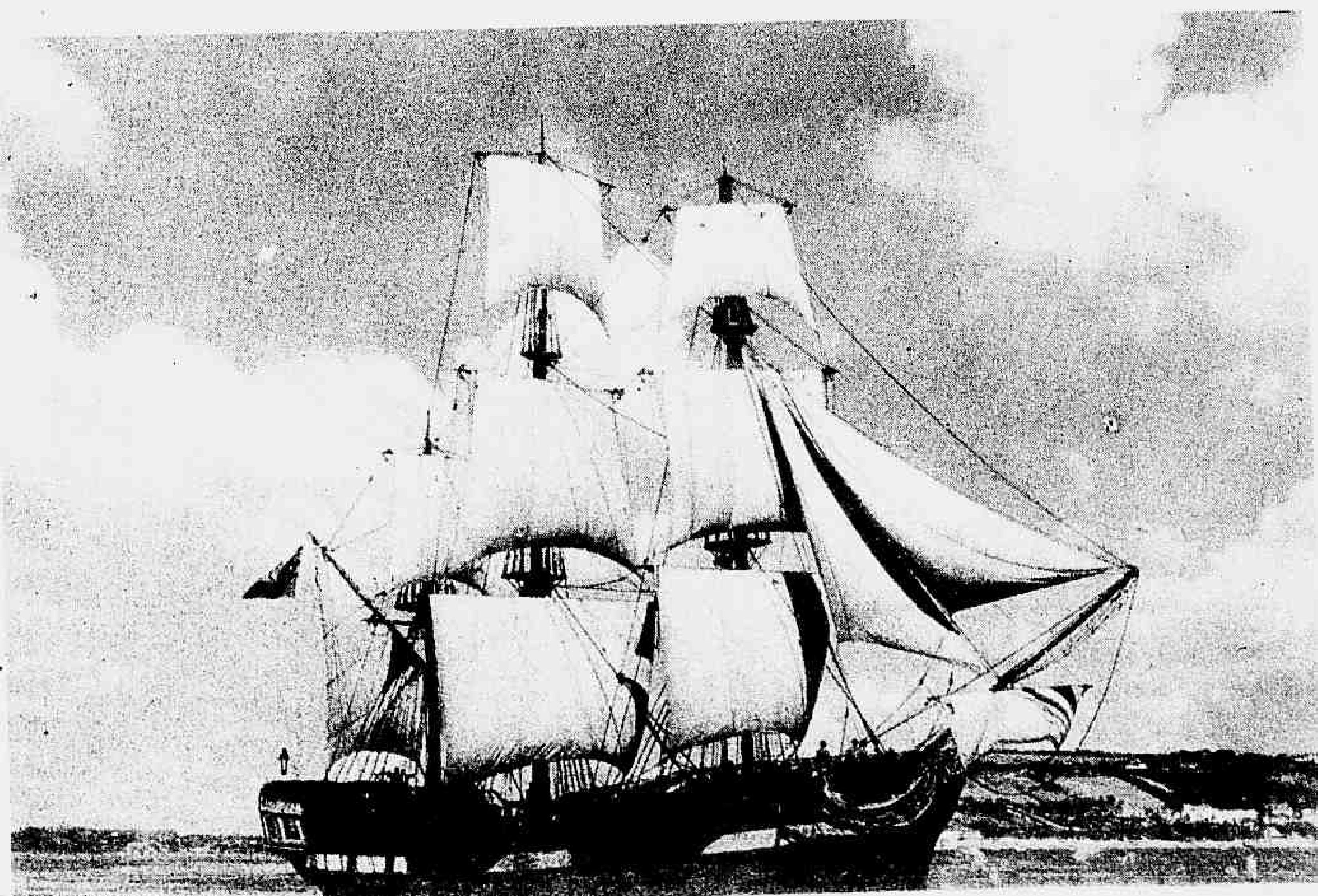
O Brasil está na sua biografia. Tem aí o relêvo refulgente de terra cobiçada. Duas poderosas mulheres o quiseram ao mesmo tempo: Catarina de Medicis, para a França, Elizabeth I, para a Inglaterra. Ambas brigavam com a Espanha de Filipe II: e para o combaterem, mandaram às nossas plagas os seus corsários mais famosos. Dos franceses a tradição é mais viva, e se estende por todo o litoral do nordeste. O seu derradeiro reduto foi Sergipe, que os portuguêses lhes arrebataram em 1590. A notícia dos corsários inglêses de Elizabeth é menos conhecida, e todavia digna de melhor relato.

Começa com Edward Fenton: com dois galeões pretendeu negociar no pôrto de Santos. Surgiu-lhe por diante a frota castelhana de Diego Valdés. Era em 1583.

Quatro anos depois Withington e Lister tentaram apoderar-se da Bahia. Quebrou-lhes o intento a resistência dos moradores. Thomas Cavendish reapareceu em Santos, que tomou de surprêsa. Foi um tripulante dessa armada que escreveu um dos mais curiosos livros que se tem sôbre o Brasil quinhentista: Anthony Knivet. Em 1595 James Lancester investiu o Recife, não logrou alcançar Olinda e deixou em terra numerosos mortos. Resultou dessa ronda de aventureiros do mar o alarma das populações, que se aprestaram a defender as suas vilas ribeirinhas; e para as socorrer enviou a metrópole expedições policiadoras, engenheiros que construíram as fortalezas da costa, gente para a sua guarnição e instruções para que ampliasse a posse do Brasil, mais valioso e necessário, porque disputado e desejado.



Elizabeth II será coroada em breve Rainha da Inglaterra. Tem um temperamento completamente diferente da primeira Elizabeth. Obediente à Constituição de seu país, é maternal.



Corsários como êste que vemos na foto eram o terror dos mares. Os espanhóis e os portuguêses lhes davam caça sem a mínima trégua. Aqui no Brasil sempre foram rechaçados.

Entre a ida e a volta dêsses navios se fixaram as linhas fisionômicas da América portuguêsa; formou-se a sua unidade moral. Isto foi há trezentos e sessenta anos.

Resplandecia na moldura tenebrosa da Tôrre de Londres o vigor astuto da Rainha-virgem (e Virginia, na América, foi assim denominada em sua homenagem). Acabava de prolongar à imensidade dos mares a sua autoridade inclemente, e mitigava o desconfôrto da alma sem alegria com as fanfarras das suas vitórias. Sem conseguir fundar um lar, construíra um império.







ENTRADA DO ANO NOVO

AO estouro da champagne nos meios grã-finos e nas libações de bebidas menos qualificadas em ambientes menores, o ano de 1953 entrou encontrando os ânimos acalorados.

A cidade que se encontrava adornada para as festas do Natal viu-se instantâneamente sob um ar de autêntico carnaval, com os entusiasmos de costume, não obstante o calor tremendo que se registrou na passagem do ano.

O minuto que separa o ano, que deveria ser uma hora da madrugada, já que estamos com uma hora adiantada nos relógios, foi mesmo às doze. E ao ruído de quanto viesse às mãos dos manifestantes, o ano começou bulhento.

Muito celebraram a chegada do Ano Novo em suas casas, com suas famílias, outros foram, com os seus, para diversos clubes e associações para darem, ali, franquia e expansão à sua alegria.

Os flagrantes registram apenas êstes últimos. Uns no Iate Clube, onde o carnaval chegou mesmo aos seus mais acendidos aspectos de animação, outros, no Clube da Aeronáutica, onde havia um enorme pára-quedas como principal motivo de ornamentação. Na ABI onde a **haute gomme** escolheu para seu **reveillon,** também colhemos alguns aspectos. .

As músicas carnavalescas predominaram. Formaram-se blocos nos salões e houve uma franca antecipação do reinado de Momo. as "cameras" dos fotógrafos são eloqüentes e dão uma idéia suficientemente clara dêsse aspecto de alegria mundana.





Esperando a hora, Bernarr Macfadden medita sôbre o salto que deu sôbre o rio Hudson. Depois sôbre o Sena. Espera dar outros pulos. Com 84 anos.

O AVÔ DOS PÁRA-QUEDISTAS

TODO mundo, quando pode e quer, tem lá seus processos de festejar o aniversário natalício. Uns, como sucede com a maioria, convidam amigos e parentes para uma ceia regada a bons vinhos; outros, mais modestos, almoçam com a cara-metade ou pais, em qualquer restaurante que não explore muito, enquanto outros, costumam passar a data do aparecimento na terra, em alguma estação de repouso ou balneário. Pois o já hoje famoso Bernarr Macfadden, cognominado «avô voador», de uns três anos para cá resolveu festejar o seu aniversário da maneira mais original que imaginar se possa: saltando de pára-quedas...

Em agôsto de 1949, quando uns seus amigos o esperavam para o week-end, receberam um telegrama de Macfadden que dizia assim: «Impossível de juntar-me a vocês. Vou saltar de pára-quedas». O assunto, em verdade, não deixou de estarrecer os amigos. Embora já soubessem que o velho Bernarr era um apaixonado da aviação, possuindo e pilotando um aviãozinho de turismo, e fazendo belos vôos no mesmo, ignoravam, porém, que o octogenário fôsse capaz de tamanha proeza, isto é, de saltar de pára-quedas, como se fôsse um jovem de vinte e dois anos. No ano seguinte não fêz por menos, e deu um pulo através do espaço, indo cair nas águas do rio Hudson, a sorrir, metido num maiô impermeável de homem-rã. Interrogado por pessoas que o foram cumprimentar, se não temia cair de pára-quedas num rio, respondeu

FRUGÍVORO E JAMAIS TEMEU A MORTE ★ CASADO PELA SEGUNDA VEZ AOS 80 ANOS ★ AOS 5 ANOS DE IDADE, ERA UMA CRIANÇA MIRRADA



Ei-lo na flor da juventude — como lutador.

com a maior calma dêste mundo: «Sôbre a terra a chegada é, por vêzes, dura. N'água só há um perigo: o de que o pára-quedas não se abra...»

Na última vez que êle saltou não escolheu água; veio mesmo para o chão sêco. Era em Paris, numa bela tarde de agôsto. A capital da França, uma semana antes não sabia quem era Bernarr Macfadden; mas, quando a grande metrópole viu aquêle corpo humano a descer como um meteoro até às margens do Sena, metido num maiô vermelho, a cabeça completamente branca, todo mundo se interessou pelo herói velhinho que caía do céu como um Papá Noel apressado... E tudo se esclareceu... Tratava-se do endiabrado octogenário Bernarr Macfadden, o qual, segundo o noticiário da imprensa, saltaria de pára-quedas naquele dia, mas para mergulhar nas águas do Sena, como fizera nas águas do Hudson. O parisiense festejou a coragem do «avô pára-quedista», e, dali por diante, tôda a cidade falou a seu respeito e ficou conhecendo sua audácia.

Pois bem: naquela mesma noite o herói compareceu a buates nos Campos Elíseos e sorveu de bom humor o seu «ygourt», divertindo-se como qualquer estudante de vinte anos, dançou o «jitterburg», cometendo excessos de que não se recordava em anos passados. Foi assim que êle celebrou a passagem de seu 84º aniversário natalício.

Antes de usar dêsses programas incompatíveis com

idade assim avançada, o velhinho Bernarr festejava seus aniversários da maneira mais prosaica dêste mundo: marchas forçadas com um saco de areia sôbre o dorso; saltos a pés descalços sôbre a relva de campos de golfe e pratos de cenoura com queijo ralado. Ora, evidentemente, uma festa assim é muito mais inocente e menos perigosa do que um salto de pára-quedas sôbre qualquer rio. Salvo se o aniversariante comer cenouras e queijo em demasia, o que poderia provocar-lhe uma indigestão de perigosas conseqüências. Em Paris, como noutras vêzes em que êle saltou nos ares, teve apenas uma precaução: tirou sua dentadura postiça, guardou-a, para evitar acidental deglutição ao atingir a terra. No mais, tudo correu maravilhosamente. Mas, em verdade, quem é mesmo êsse velhinho audaz? Para milhões de americanos Bernarr é um benfeitor da humanidade.

Há cêrca de oitenta anos passados, não era êle mais do que um menino órfão, confiado a parentes que cuidavam dêle sem nenhum entusiasmo. Seu pai falecera de «delirium tremens», e sua mãe, de tuberculose. Quando êle tossia depois de qualquer esfôrço, sues tios prognosticavam: «Êste menino vai acabar como sua mãe». Esta frase ouvida a todo instante teve o condão de fazer aumentar em seu espírito uma vontade louca de viver, um desejo violento de triunfar sôbre a terrível moléstia que o ameaçava. Um dia foi viver com uns fazendeiros, que o exploravam muito. Mas, tendo êles negado a compra de uns sapatos, o menino débil fugiu de lá e não voltou nunca mais. Procurou a proteção de sua avó, com a qual viveu durante anos. Experimentou uma série de empregos, de contador a capataz, de caixeiro a aprendiz, vida errante e instável, sôbre a qual continuava a pairar o espectro da tuberculose, que, segundo os médicos, devia matá-lo um dia ou outro. Medicamentos e dieta se tornaram impotentes para curá-lo.

Durante o tempo em que trabalhou na vida rural, verificou que sua saúde era melhor. Como que impulsionado por uma intuição, numa época em que a palavra «sport» era ainda uma coisa sem nenhuma importância, êle comprou uns halteres. Fazia exercícios físicos cotidianos e empreendia caminhadas a pé fôsse qual fôsse a distância. Um único ideal se fixa em seu espírito durante êsse período: juntar dinheiro suficiente para matricular-se num ginásio.

E se lançou na luta pela vida fazendo, por vêzes, trabalhos duros, empenhando-se em prélios singulares com outros rapazes do campo, dos quais nem sempre saía vencedor, e regressou a São Luís como «grouillot» de imprensa, instalando no celeiro da casa de sua avó, um ginásio em miniatura. Ao fim de alguns meses já erguia halteres tão pesados como êle mesmo, assim como andava numa corda bem esticada. E pensava em incorporar-se a artistas de circo e trabalhar como acrobata.

Por fim conquistou o que tanto ambicionava. Entrou para um ginásio, onde passava três horas por dia. Achou meios de harmonizar seu trabalho diurno, freqüentando o ginásio à noite. Três meses mais tarde já conseguia realizar performances tão difíceis, que os ginastas profissionais poderiam invejá-lo. Um lutador grego lhe ensinou «catch» e luta greco-romana, esportes nos quais êle deveria tornar-se, dentro em breve, um perito. Ao mesmo tempo êle descobriu a importância de uma alimentação racional. Experimentou o jejum, contentando-se com uma ou duas refeições por dia.

Justificou o «slogan» que iria tornar-se a razão de sua vida e a de seus discípulos: «A fraqueza é um crime; não seja um criminoso». Com o seu amigo e mestre grego realizou lutas que atraíam grande público entusiasmado. Êsses «matches» lhe proporcionaram recursos financeiros suficientes para que realizasse um outro sonho: ensinar a cultura física, primeiro passo de uma emprêsa à qual iria consagrar tôda a sua existência.

Enfim, um belo dia, ao alto de uma porta de uma casa de São Luís, curiosos podiam ler êste letreiro estranho: «Bernarr Macfadden, kinistherapist, professor de cultura física». E' interessante dizer que, hoje, o avô pára-quedista é incapaz de lembrar-se onde foi descobrir aquêle «kinistherapist».

A freqüência de seus primeiros clientes lhe mostrou duas coisas inesperadas: primeira, que êle era ambicioso; segunda, que sua instrução era das mais rudimentares. Abandona seu ginásio e se emprega como professor de cultura física em escolas onde êle pudesse melhorar sua educação mental. Simultâneamente êle adotou entre seus alunos, com sucesso, suas teorias sôbre a alimentação racional.

Quando Macfadden se julgou bastante instruído para expor suas idéias sem parecer ridículo, procurou um meio de conquistar a atenção do público. E encontra: tornar-se campeão de luta livre de tôdas as categorias. Era impossível, na verdade. Mas êle sabia de cor êste velho provérbio americano: «Os loucos tentam o impossível e o alcançam». Mas êle não era um louco. Era um homem consciente de si mesmo. Um treino severo lhe permitiu descer aos 67 quilos limites dos pesos-galo. Desafiou, sucessivamente, todos os campeões que se lhe opuseram. A imprensa, inicialmente céptica, se tornou entusiástica. Seu «match» com o campeão de pêso-pesado durou uma hora e meia. E saiu vencedor. E' que êle havia adquirido, pelo treino de longas caminhadas e com a alimentação racional, uma resistência a tôda prova.



No segundo casamento êle já tinha oitenta anos de idade. Ela, loura, sorri com felicidade.

Seu fim estava atingindo. Tornara-se célebre. Empreendeu excursões nas quais travava lutas e aproveitava o momento para fazer conferências sôbre suas teorias de esporte e alimentação. Finalmente decide fixar-se em Boston. Mas, ao passar por Nova York, compreendeu que era esta a cidade capaz de lhe encher as medidas.

E assim foi. Tinha êle apenas cinqüenta dólares quando se instalou, e quando lhe chegou o primeiro cliente, estava êle sem um centavo. Quando o candidato perguntou qual o preço do curso, respondeu: 50 dólares. O aluno estreante não pestanejou. Daí por diante os dólares se multiplicaram. Seu ginásio impunha regime severíssimo aos educandos. Não sò-

(Cont. na pág. 40)



Sua primeira compra feita na cidade de Paris foi de cinqüenta quilos de peras, uvas e maçãs.

ALBUM DE

a Cena Muda

PARA 1952

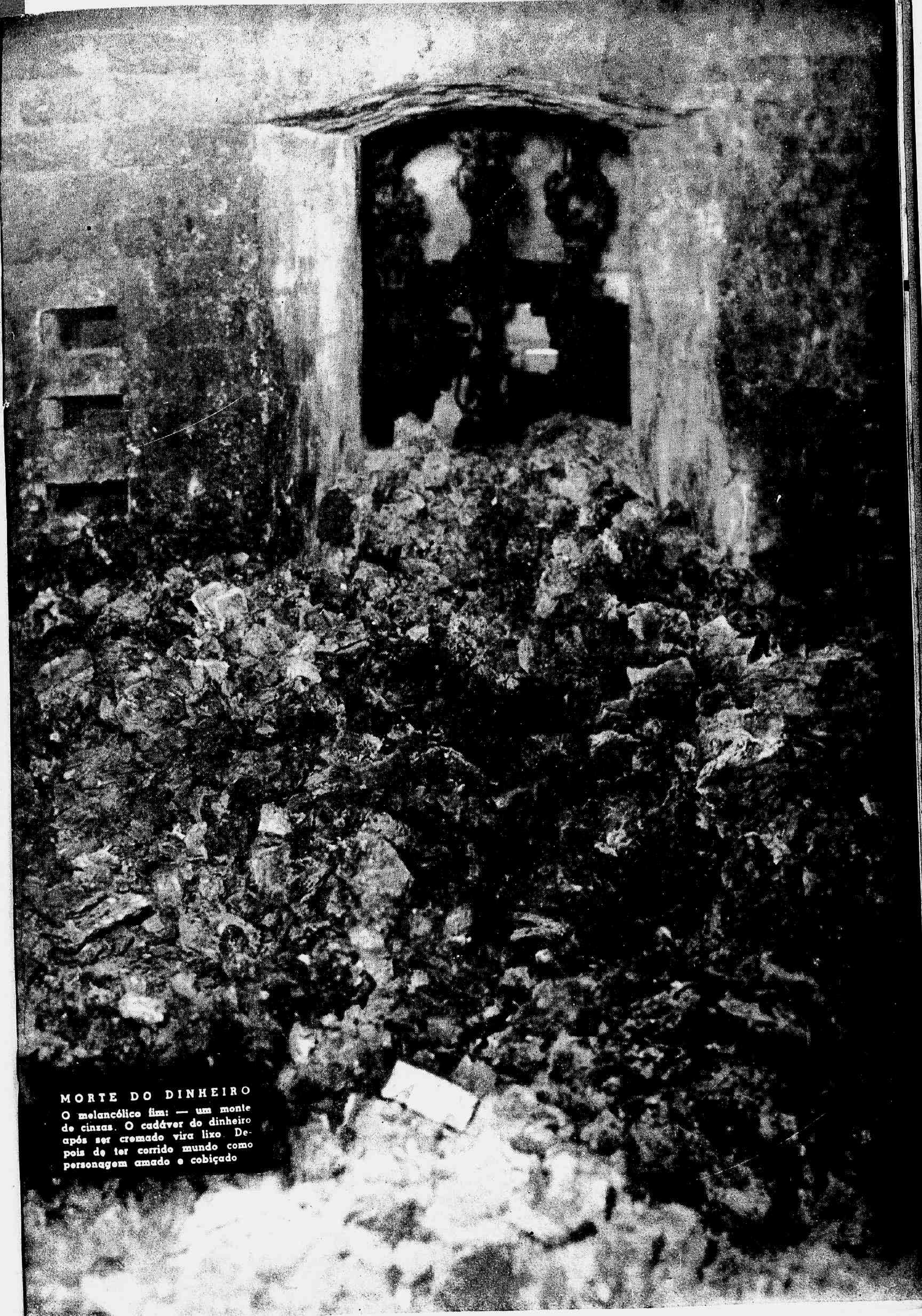
★ ★

COMPREM A GRANDE EDIÇÃO DO ÁLBUM DE A CENA PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. E muitas páginas coloridas, embelezam extraordinàriamente esta edição do «Álbum». Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA ★ RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

★ ★



MORTE DO DINHEIRO

O melancólico fim: — um monte de cinzas. O cadáver do dinheiro após ser cremado vira lixo. Depois de ter corrido mundo como personagem amado e cobiçado

CONVERSA DE MULHER

ANTI-CLIMA

A hora era mansa, já não havia mais o fogo do sol no poente, as janelas abertas deixavam entrar a brisa do mar, a casa estava em ordem, as flores rescendiam suavemente, os cães cochilavam estirados no chão com o focinho entre as patas.

Soou a campainha da porta da entrada. A empregada acorreu, os cães a acompanharam, abanando as caudas. Aberta a porta, entra a visita.

E' uma mulher viçoso que começa a amadurecer. Bela, veste-se espetacularmente: ênfase no decote, colorido forte no vestido. Sorri com fôrça de vida e dentes muito claros. A dona da casa vai ao seu encontro e se cumprimentam como antigas conhecidas.

Mas os cães não levam em consideração a antiguidade do conhecimento: ladram excitados e sem simpatia. Não se acalmam e é necessário retirá-los da sala.

Depois é trazido o aperitivo refrescante de hortelã com muito gêlo e pouco álcool. Quando a visitante se prepara para alcançar o copo, um tremor e falta de golpe de vista da empregada solicita fazem com que o líqüido verde se derrame com patriotismo brasileiro na blusa amarela da recém-chegada.

A troca da blusa se impõe, mas no guarda-roupa da visitada não existe decote que convenha a Elisa e esta rebate fracamente as desculpas da amiga.

Permanecem as duas no recanto do quarto em que há a chaise-longue e a cadeira de braços, à espera que as chamem para o jantar. A conversa se encaminha para os aspectos negativos da vida e a brisa que entra pelas venezianas não parece mais refrescar.

Uma pausa pesada da conversa, a situação parece salva quando o jantar é anunciado.

Ana e Elisa passam à sala e se sentam diante da mesa. A toalha azulada e a louça côr de chá, a pequena floreira baixa com um arranjo de flores variadas agrada à primeira que, sendo a anfitriã, não pôde fazer em voz alta a apreciação que desejaria. Vem o primeiro prato, uma salada sortida com enormes camarões e pepinos cortados longitudinalmente.

Desculpe, querida, — diz Elisa, — mas com você não faço cerimônia e não como pepino...

Aos olhos de Ana a decoração da mesa vai perdendo a graça com o decorrer da refeição. O diálogo se arrasta e a comida não parece ter o sabor previsto. Depois do café, Elisa não demora a encontrar um motivo para se despedir cedo.

Nisto, abre-se a porta da cozinha e por ela embarafusta com ímpeto os dois cães: haviam ficado, contra o hábito, longamente detidos e estavam sôfregos de liberdade.

Ai, ai! Minha querida, vão me morder!

E num horror incontido a visita corre para a porta de entrada e sai sem mais delongas pelo corredor.

Atrás dela segue Nêgo, o mais amante da rua entre os dois cockers negros. Segue-a, passa-a, precipita-se pelas escadas, desaparece.

Nêgo, Nêgo! — grita aflita sua dona, que sabe do destemor do bicho pelos automóveis que passam pela avenida da praia, êle que costumava passear sempre prêso pela guia, e da dificuldade de agarrá-lo.

Fora, gritos e pedidos de auxílio são inúteis: o animal some por uma esquina e durante uma hora ou mais de busca ninguém dá notícias dêle.

Elisa há muito se desculpou e se foi. Ana volta inconsolável para o apartamento, em cuja desordem desagradável a luz do abajur ilumina a solidão de Zalu, o outro cocker, que aguarda o desenlace do drama sentado, como se precisasse de apoio, a um canto da sala.

No dia seguinte, a manhã começa translúcida. O pequeno apartamento se acha novamente em ordem, as cortinas claras se agitam suavemente ao vento leve, as rosas estão mais abertas e perfumadas no jarrão de barro. No quarto, no tapête ao lado da cama de Ana, dois belos cães, deitados de lado, ressonam: Zalu e Nêgo, êste chegado de madrugada depois de uma vasta farra e umas lambidas festivas de passe no porteiro da noite.

ISOLETTE

LÍDIA MORTA

(Cont. da pág. 14)

homem casado, cujo nome recusou-se a dizer; não sabia o que fazer, precisava da ajuda da irmã e estava disposta a atender seu conselho, qualquer que fôsse. Havia nela qualquer coisa de patético, quase humilde, e que comoveria quem a ouvisse falar.

Mas não Roberta. Todos aquêles anos de prevenção vieram à tona em palavras amargas de censura e crítica. Absolutamente, não se envolveria naquilo; ela que resolvesse como quisesse, sem contar com o auxílio de sua parte. E, por favor, que evitasse escândalo.

Lídia ouviu tudo, sem um comentário; quando Roberta acabou de falar, ela levantou-se e saiu. Dois dias depois, suicidou-se. Ao voltarem de uma visita, encontraram-na morta, com um tubo de soporífero numa mão e um bilhete na outra. Nesse bilhete, explicava o motivo de sua atitude: amava Mário e não lhe interessava viver sem êle; por isso, morria.

Ambos leram o bilhete e nunca fizeram comentário algum a respeito. Roberta esperou uma explicação, que não veio; mas duas horas depois, ela soube tudo. Chamaram Lídia ao telefone e ela, ao atender, comunicou o sucedido; o homem que falava — e que não deu o nome — mostrou-se desesperado, e perguntou se ela deixara algum bilhete. Roberto insistiu para saber com quem falava, e êle então disse: era o amante de Lídia. Contou tudo: ela lhe havia dito que falara à irmã e qual o acolhimento que recebera. Falou que ia matar-se e deitar a culpa em Mário, para vingar-se de Roberta; parecia descontrolada, fora de si. Êle fizera o possível para acalmá-la, mas evidentemente tinha sido inútil.

Roberta desligou o telefone sem uma palavra; nunca poderia supor que Lídia fôsse capaz de semelhante coisa. Correu para contar tudo a Mário; encontrou-o junto à morta, segurando-lhe as mãos e com lágrimas nos olhos. Deteve-se e decidiu não dizer nada; numa rara intuição, compreendeu que êle nunca lhe perdoaria se quebrasse a auréola de romantismo com que Lídia o envolvera a seus próprios olhos. Não, não diria nada, pelo menos naquele momento. Aquilo passaria. Não passou, entretanto. Mário cada vez mais prêso à sua fantasia era como um corpo sem alma. Estava definitivamente perdido para ela; Lídia, embora morta, tivera a última palavra.

O avião aproximou-se de São Paulo ao anoitecer; milhares de pontos luminosos se destacavam no fundo escuro, mas Roberta via apenas uma mancha de claridade indefinida. Lágrimas amargas ofuscavam sua vista; chorava sôbre si mesma e sôbre o grande vazio que tinha à sua frente.

Respostas ao teste

1—Niterói
2—10 mil
3—Águas quentes
4—Ao do Pará
5—Comarca de Curitiba
6—22
7—Basilica de N.S.ª Aparecida, São Paulo.
8—Minas Gerais
9—Casa
10—Betholletia Excelsa
11—Brasil
12—23 de maio
13—1928
14—Território federal-militar
15—Vicente Pinzon.

De quem são estas frases?

1 — Laurindo Rabelo.
2 — Machado de Assis.
3 — Olavo Bilac.
4 — Floriano Peixoto.
5 — Eça de Queiroz.

O AVÔ DOS...

(Cont. da pág. 37)

mente em relação à cultura física, como quanto à alimentação e proibição de bebidas alcoólicas e de fumo. Mas o homem era ambicioso. E se lançou também na indústria da borracha. Conquista mercados e funda uma revista de cultura física, a «Physical Culture Magazine». Em 1929 já controlava doze revistas e dez diários. Hoje as suas publicações estão colocadas em terceiro lugar nos Estados Unidos, em tiragens. Vale o velhinho, hoje, trinta milhões de dólares; mas o dinheiro já lhe não interessa muito. O que deseja é continuar a provar a excelência de suas teorias. Aos sessenta anos levantava-se às 4 da manhã para percorrer os 25 quilômetros que o separavam de seu escritório, onde chegava sempre antes de seus empregados. Uma das passagens mais curiosas de sua vida foi aquela em que pretendeu comprar um palacete, magnífica «villa» nos arredores de St. Louis. O proprietário, julgando-o pela roupa surrada, enxotou-o:

— Vá embora, seu vagabundo!

— Mas esta casa está a venda, protesta Macfadden.

— Sim, mas a um milionário.

— Muito bem. Eu sou um milionário. Quero comprá-la.

Compra palacetes, «villinos», edifícios bem situados, não para morar nêles, e sim para instalar ginásios de cultura física, escolas, academias, havendo hoje uma Fundação com seu nome.

Não satisfeito com tudo isso, com essa vida intensa, cheia de benefícios à sua Pátria, êsse velhinho de 84 anos se casou pela segunda vez com uma senhora muito bonita e loura, que não tem a metade de sua idade. Além dêsse «salto matrimonial», gosta de dar os de pára-

quodas, para mostrar, com ambos, que tem um físico de adolescente, graças aos exercícios físicos, aos bons costumes e ao mais racional regime alimentar. Não é dos que dizem: «Façam o que digo, mas não o que faço». Com êle é no duro, no exemplo brabo...

PRÍNCIPE YUSSUPOFF

(Cont. da pág. 13)

vaso de guerra que ia ser suficiente para evacuar os milhares de pessoas que iriam cair às mãos dos bolchevistas, se ficassem na Criméia. Irina e eu fomos para bordo do «Malborough», onde já se encontrava a imperatriz com a grã-duquesa Xênia e meus cunhados. Quando ela soube que nada se pudera fazer para providenciar a evacuação de tôda aquela gente, Sua Majestade fêz saber às autoridades aliadas de Sebastopol que ela se recusava partir, se algum, daqueles cuja vida estava ameaçada, ficasse na Criméia.

As providências foram tomadas, e numerosos navios aliados entraram no pôrto de Yalta para receber os fugitivos. Alguns instantes antes de nossa partida, um navio levando oficiais da Criméia, que partiam a fim de juntar-se ao exército branco, deixou o pôrto de Yalta. De pé à proa do «Malborough» que ainda não havia levantado ferro, a imperatriz olhava a sua passagem. Lágrimas deslizaram por suas faces, enquanto tôda aquela mocidade, que ia para a morte, saudava a sua soberana.

— FIM —

FUGA E RETÔRNO

(Cont. da pág. 11)

O pavor me impulsionou para fora daquela casa. Abri a porta da rua habitado por esquisita sensação de que algo em mim estava errado.

A rua era a mesma encontrada todos os dias. O jardim da casa defronte lá estava banhado na luz ainda macia do sol da manhã o sangue vermelho das rosas graúdas, o roxo tristonho das dálias per ..as. As casas abriam janelas e portas, que respiravam como poros o ar matinal. A primeira impressão foi a de que a vida começava, recomeçava como em tantas outras passadas manhãs.

Os primeiros passos na calçada foram seguros, mas logo fiquei interdito. Para onde tinham ido as pessoas vistas em seu trajeto de todos os outros dias? Para onde tinham emigrado os pequenos ruídos que compõem a infância do dia? Ninguém nas ruas. Nenhum ruído. O silêncio era completo, como se tudo houvesse sido paralisado em uma fotografia, inclusive a vida. Tudo, menos o sol, que empurrava o dia para sua inevitável velhice do entardecer.

Comecei a andar apressado, com uma pressa interior enorme e igual à que se tem quando se busca o encontro de uma pessoa, um desejo, uma paisagem, uma rosa, uma idéia. Tinha de encontrar alguém que me reconhecesse, nem que fôsse necessário andar, desesperadamente andar.

Meus passos se aligeiravam cada vez mais em busca da resposta para a minha aflição. Mas nenhuma rua me oferecia a resposta. Continuei a persegui-la como se a pudesse encontrar na dobra de uma esquina. Logo, porém, tive o pressentimento de que todos os habitantes da cidade estavam atrás de mim, vinham em meu encalço, talvez para me responsabilizar por alguma coisa, talvez para me fazer algum oferecimento. Voltei-me e vi a realidade de meu pressentimento. Todos os habitantes da cidade, caminhando ligeiros mas sem fazer qualquer ruído, como se inclusive os ruídos dos passos houvessem sido também sugados por enorme e ávido morcêgo que já chupava os demais ruídos da cidade, me perseguiam como um motim.

Esta foi a primeira impressão. A segunda foi pior. Misto de surprêsa e pavor se apossou de minha alma ao verificar que todos os habitantes da cidade traziam suas cabeças nas mãos e me faziam sinais de que queriam ofertá-las.

Não tive coragem de esperar a aproximação daquela gente e me pus a correr desabaladamente pela rua, sem contudo saber para onde ir, que destino alcançar. Olhava para trás e corria, corria, com a sensação de que jamais me livraria de meus perseguidores. Não podia raciocinar. Pavor escuro e viscoso tomou conta dos meus passos e olhos. Já então cada centímetro de chão se alongava em decímetros, em metros, em quilômetros. Assim mesmo continuava minha corrida para o desconhecido, tentando fugir da multidão que cada vez se aproximava mais de mim, e ao mesmo tempo procurava alguém que me identificasse como pessoa normal sem abandono de corpo numa cama de pensão.

Mesmo a fuga tem seus limites. Cansei-me e resolvi esperar que a multidão se aproximasse, disposto a receber os acontecimentos com a indiferença que trazem o cansaço e a certeza da inutilidade da fuga. Mas a multidão, ela também havia parado a certa distância de mim, como se esperasse que eu prosseguisse na fuga para continuar minha perseguição. Resolvi então me aproximar daquela gente estranha e indagar o que afinal queria de mim. Mas assim que me pus a andar em sua direção a multidão tratou de fugir de mim espavorida, numa inversão de papéis que me envolveu em estonteamento. Comecei a correr atrás da multidão, decidido. Algumas pessoas foram ficando para trás, desgarrando-se da massa compacta que fugia, e eu as fui alcançando e agarrando. Mal as alcançava e agarrava tomava-lhe das mãos suas cabeças e as ia colocando nos devidos lugares. Na medida que ficavam de cabeças colocadas as pessoas iam se separando do grupo e tomando destinos diversos, numa pressa de empregado cioso que uma vez na vida perdeu uma noite em farra e acordou atrasado.

(Cont. na pág. 48)

À LUZ DA PSICANÁLISE

OS SEGREDOS DA ALMA

Dr. LUIS FRAGA

O espirito e principios da ciência são meras questões de método; não há nada nêles que possa impedir a ciência de tratar, com êxito, de um mundo no qual as fôrças pessoais são o ponto de partida de novos efeitos. A única experiência que nós temos concretamente, é a nossa própria vida pessoal. A categoria da personalidade, sendo cada uma das outras categorias um dos elementos abstratos dela, é a única categoria completa do nosso pensamento. Seria tolice supor que a ciência dos nossos dias escape à sentença comum.

Só a análise psicológica seria de natureza a esclarecer-nos sôbre a maneira por que se desenvolve a concepção do mundo da alta antigüidade, que atingiu seu ponto culminante na concepção babilônica. Debalde remontamos a seqüência das tradições, mesmo tomando em consideração sua expressão nas obras de arte: nunca encontramos outra cousa senão uma imagem do mundo tôda acabada, de natureza puramente astral na aparência, sôbre a gênese da qual a civilização babilônica não nos fornece nenhum dado.

O céu estrelado é assimilado ao mundo subterrâneo, porque num e noutro é a noite que reina. Êle é pois o lugar da morte. Nos mitos do antigo México, diz-se das estrêlas que elas são os sacrificios que servem para alimentar o sol em seu desaparecimento do horizonte, sacrificios sem os quais o sol seria incapaz de renovar-se. Segundo Preuss, os sacrifícios humanos não seriam mais que a imitação dêsses sacrificios dos deuses astrais.

Vale a pena recordar que, para Schopenhauer, a essência da ação estética consistia em libertar-nos da "vontade". Nietzsche, a quem não escapou o recalcamento sexual, que se ocultava detrás desta concepção, reproduz a célebre passagem do "Mundo como Vontade e Representação" referente a êste tema: "E' a ataraxia que Epicuro proclamava o soberano bem, e de que êle fazia participar os deuses; enquanto dura esta condição, estamos livres do odioso constrangimento do querer, celebrarmos o sabbat das galés da vontade"; ... Ao que Nietzsche acrescenta esta observação: "Que veemência nas palavras! Que quadros da tortura e da longa sociedade! Que imagens de sofrimento e de imenso desgôsto! Que oposição de tempo, de uma intensidade quase mórbida, entre o "único momento" e o resto: "a roda de Ixion".

Não há, pròpriamente, uma ciência nova. Há novos métodos. E' preciso sejam procurados os segredos da alma. Voltar o recipiente de bôca para baixo e procurar, com o auxilio de alguém, mais avisado, o resíduo incômodo.

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... Profissão ....

Residência ....

LEIAM

a Cena muda

Duas revistas pelo preço de uma

- CINEMA
- RÁDIO
- TEATRO
- ATUALIDADES



MODELOS EM CANA DA INDIA,
"FIBRAX"
E
VIME



CARRINHOS PARA BEBÉS
recomendados pelos nossos mais eminentes pediatras.



Completa coleção de Discos clássicos e populares. Agulhas, Pilhas, Albuns, Filmes, Lanternas, Bicicletas, etc.

Lindas e interessantes gravações de histórias para crianças.

BOLSAS DE PALHA PARA PRAIA E CAMPO - CADEIRINHAS DE BALANÇO PARA CRIANÇAS - VOADORES - CESTAS PARA COSTURA E MAIS UMA GRANDE VARIEDADE DE ARTIGOS P/PRESENTE

CASA FLÔR
PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA, 50
FABRICA: AV. 28 DE SETEMBRO, 19

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

A SAÚDE DO BEBÊ

Síntese do regimen do lactente

DR. SABÓIA RIBEIRO

SE bem que atualmente, salvo com o leite de peito, não seja aconselhado o regime de leite exclusivo, mas sempre engrossado pelas farinhas e acrescido de açúcar, uma coisa é certa, porém: acima do sexto mês, a alimentação do bebê passa a ser necessàriamente mista, uma parte leite, outra parte representada por outros alimentos.

Por que o leite de peito convém à criança, e o leite animal exige o acréscimo de farinhas e de açúcar?

Notadamente devido às suas gorduras, a do leite de peito, perfeitamente digerível pela criança simplesmente com a presença de lactose existente no mesmo leite, além da sua constituição química própria; ao passo que as gorduras do leite animal, de composição química diversa, para sua digestibilidade boa pela criança, reclama o acréscimo de farinhas que possuem a propriedade de as tornarem fàcilmente digerívels.

As diluições excessivas do leite, com que muitas mães pretendem humanizar o leite de vaca, não o tornam por isso melhor tolerado, mas apenas o tornam incapaz de suprir as necessidades do menino. O leite aguado acarreta, dentro de pouco tempo, os sinais evidentes de fome da criança, com o pêso em declínio, seu sistema nervoso e humor alterados, pálida e tantas vêzes, com diarréia (**diarréia de fome**).

E' preciso, portanto, proceder às diluições do leite reforçando-lhe ao mesmo tempo as qualidades nutritivas, pelas farinhas e o açúcar.

No preparo do leite do bebê, duas situações devem ser inqueridas: o menino está com prisão de ventre, o menino está com diarréia?

Num caso ou noutro, varia a farinha a ser empregada. Há farinhas que combatem a prisão de ventre (farinhas laxativas) e farinhas que combatem a diarréia (f. obstipantes). O mesmo com certos açúcares que devem ser empregados no preparo das mamadeiras.

A seguinte tabela servirá para a escolha de umas e outros, conforme os casos:

Farinhas obstipantes: Arrozina — Kinder Prot — Maisena — Milhen.
Açúcares obstipantes: Soxhlet — Nutromalte — Nessucar — Dextrosol —Glycon.
Farinhas laxativas: Aveia (Knorr, Quaker, Puritas).
Açúcares laxativos: Extrato de malte — Biomalz — Digerose.

Nos primeiros meses, a diluição certa do leite animal pode ser obtida, dando-se 1/10 do pêso do bebê em leite e outro tanto d'água, contanto que a água não ultrapasse de 900 gramas (quantidade de um dia). Exemplificando: o menino pesa 3.600 gramas. Dar-se-á 360 de leite e 360 de água (totalizando 720). O todo divide-se por 6 mamadeiras, dadas de 3 em 3 horas.

Quanto à farinha, uma colher-de-chá para cada 100 gramas da mistura leite e água. Com o açúcar a mesma regra.

Ao sexto mês, porém, o regime da criança admitirá outro esquema, que não leite, farinha e açúcares exclusivamente.

Eis aqui um bom esquema a ser adotado ao sexto mês.

6 h. Leite de peito.
9 h. Mamadeira com leite de vaca engrossado com farinha de arroz, milho ou aveia.
12 h. Caldo de legumes.
3 h. Frutas frescas e biscoitos secos.
6 h. Mamadeira.
9 h. Peito.

7º e 8º meses:
6 h. Peito.
10 h. Almôço. Sopa de vegetais.
2 h. Frutas e biscoitos.
6 h. Jantar, caldo de legumes.
10 h. Mamadeira.

10º mês em diante:
6 h. Mamadeira.
10 h. Almôço completo.
2 h. Frutas e biscoitos.
6 h. Jantar.
10 h. Mamadeira.



Eneida Maria Amaral Vieira, filha do Doutor Antônio Cláudio de Lima Vieira, advogado nesta capital e de sua senhora Dona Maria de Lourdes Amaral Vieira — cinco anos de idade.

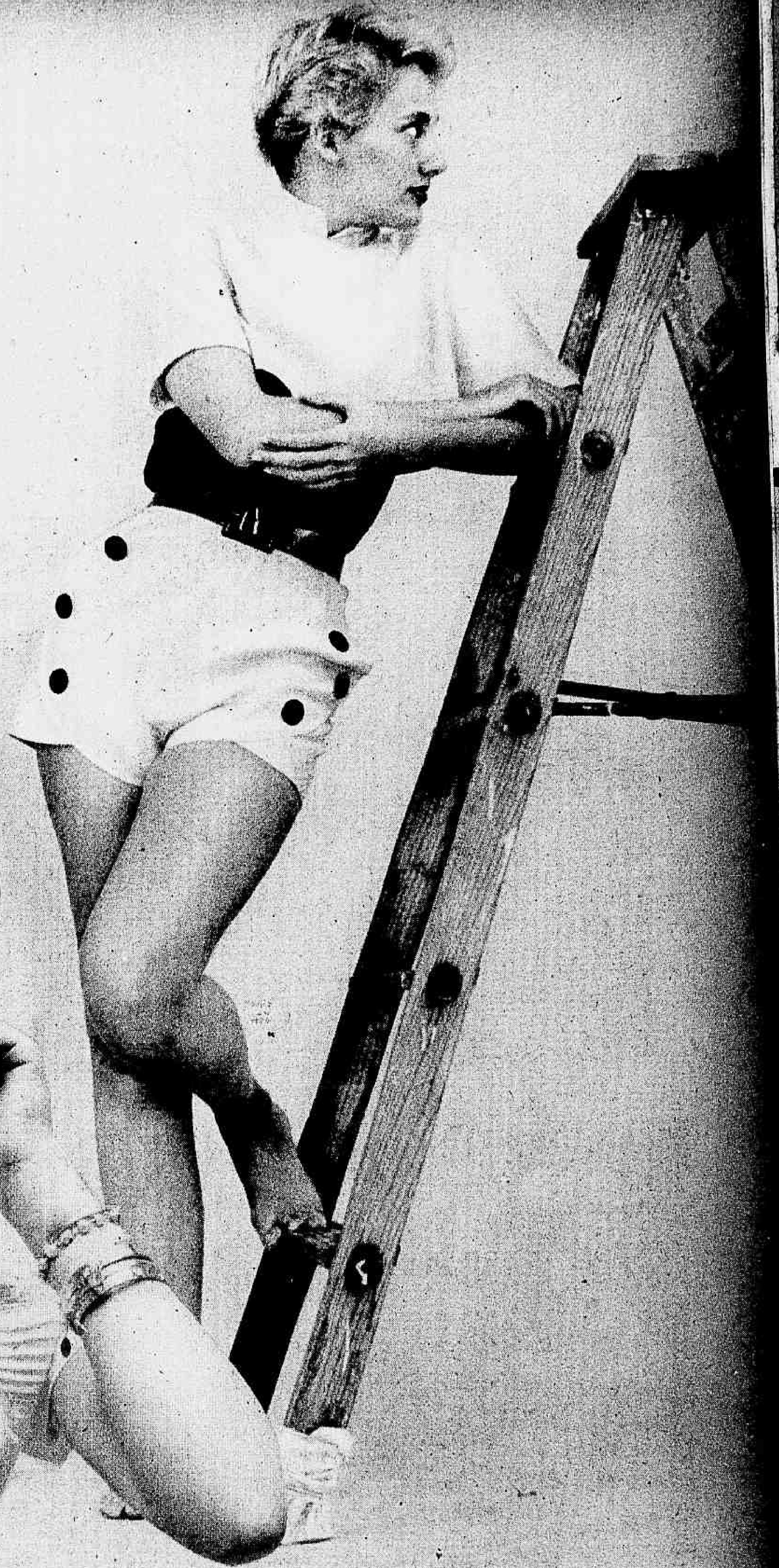
A TRAGÉDIA DO...

(Cont. da pág. 15)

dos de Alexandria nos davam as mais tristes notícias. Vinte e tantos mortos, vários feridos, enquanto se iam salvando dezenas de outros passageiros. Dentre os mortos, cêrca de quinze morreram por afogamento, em vista de se haverem lançado às ondas em obediência a ordens do comandante. O quartel general da RAF, no Cairo ordenou que aviões militares partissem em socorro das vítimas pela fatalidade, sendo lançado sôbre o navio acidentado muitos botes pneumáticos. Por sua vez a marinha de guerra britânica ordenou a ida do cruzador «Kenya» até ao local da catástrofe, a fim de prestar os necessrios socorros aos sobreviventes. Dentre os passageiros figuram sessenta e seis peregrinos cristãos, quase todos de nacionalidade francesa. Há nomes de projeção mundial, como o sr. Germano Riesco, ex-ministro do Exterior do

(Cont. na pág. 50)

Dois Modelos



A indumentária acompanha a transformação de vida das mulheres — eis aqui um conjunto para... pintar paredes!



Saia e blusa — a que uma rosa bem colocada dá um caráter todo especial.

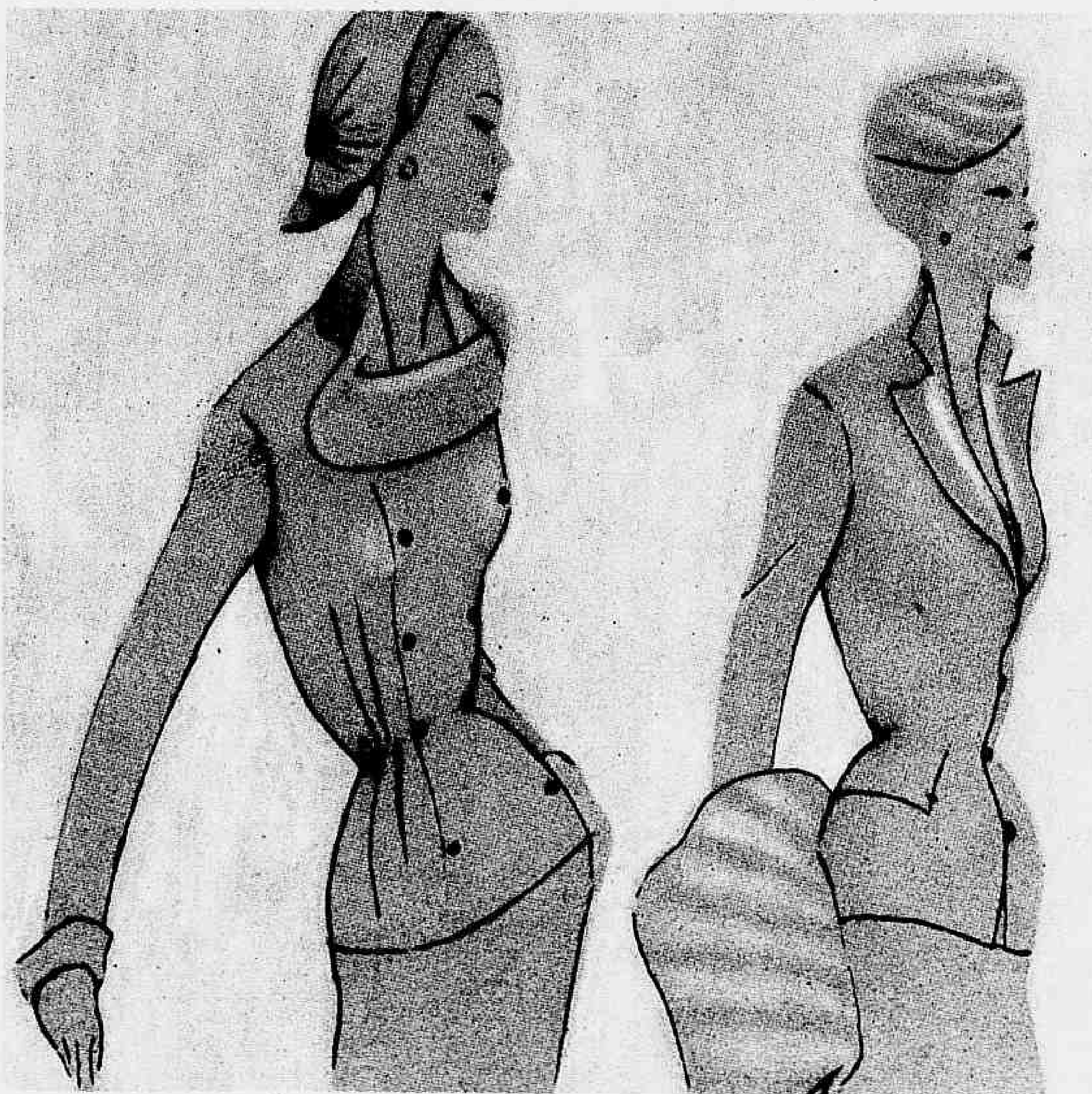
JEAN DESSÈS



J. GRIFFE

J. DESSÈS

elegantes sugestões



LANVIN-CASTILLO

MADELEINE DE RAUCH

As últimas coleções dos mais famosos costureiros de Paris apresentam novidades marcantes, como se pode ver nos modelos destas páginas.



P. BALMAIN



PIERRE BALMAIN

MAGGY-ROUFF



LINHA NOVA



IACQUES GRIFFES — Ombros arredondados, quadris acentuados — duas peças em jersey prêto que ilustram maravilhosamente a nova tendência.



JEANNE LAFAURIE — Elegantíssimo vestido colante para a noite com jôgo de écharpes.



MADELEINE URAMONT — três peças em jersey cinza bordado com contas de aço.

CORREIO DA REVISTA

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1952

Sr. Diretor da
REVISTA DA SEMANA
N e s t a

Prezado senhor,

Leitores antigos e atenciosos, sabemos que a Revista da Semana tem primado, em sua vitoriosa marcha, pelas informações baseadas em fatos concretos. E, em virtude mesmo de nossa familiaridade para com o prestigioso magazine superiormente dirigido por V. S., tomamos a liberdade de escrever esta carta a fim de tratar de assunto relacionado com a reportagem divulgada na edição de 2o do corrente, sôbre a volta de um avião da Pan American ao Aeroporto do Galeão, em virtude de pequeno defeito no trem de aterrissagem dianteiro.

Algumas das informações errôneas utilizadas naquela reportagem — acreditamos — foram retiradas das primeiras notícias divulgadas pelos jornais. Essas notícias não foram acuradamente verificadas, no local, pelos repórteres, em virtude da pressa necessária em levar a informação para as redações, a tempo de alcançar as edições que estavam por sair. Sabemos que a Revista da Semana, como de costume, esforça-se para dar informações exatas aos seus leitores. E, por isso mesmo, não relutará em obter esclarecimentos sôbre certos pontos, alguns dos quais de caráter técnico.

Os esclarecimentos são os seguintes:

1) — O avião retornou com seus trens de aterrissagem em uso normal, tal como mostram as fotografias publicadas na reportagem. O trem de aterrissagem principal estava perfeito. O pequeno trem de aterrissagem dianteiro, que foi a causa do retôrno do avião, foi arriado e fixado, sendo também UTILIZADO no momento da aterrissagem, embora tenha ficado um pouco desviado de sua posição rìgidamente vertical.

2) — Nenhuma quantidade de gasolina foi jogada fora do aparelho. O combustível foi consumido durante o vôo, antes da aterrissagem.

3) — Não ocorreu incêndio nos pneumáticos do trem de aterrissagem, na ocasião da aterrissagem, tal como assegura a reportagem. Alguns dos bombeiros presentes, em seu desejo de auxiliar, umedeceram os pneumáticos com o fluido dos extintores, como medida de precaução.

4) — O competente engenheiro de vôo, Edmundo J. Urban, em nenhum momento ficou do lado de fora, no nariz do avião, tentando concertar o defeito do trem de aterrissagem dianteiro, conforme declara a reportagem.

O engenheiro fêz baixar o trem de aterrissagem, manualmente, permanecendo num compartimento, dentro do avião, situado logo abaixo da cabine do pilôto. Essa é a ação de rotina, em tais circunstâncias.

Uma vez mais, desejamos render nosso tributo à Revista da Semana e ao seu operoso corpo redacional pela atenção que tem sido dada aos fatos e à verdade, em coberturas anteriores relacionadas com a Pan American e com suas operações no Brasil, no decorrer dos últimos 23 anos.

Atenciosamente.
GERALD R. FLAMM
Representante de Imprensa no Brasil

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1952.

Ilmo. Sr.
Redator de "Revista da Semana"
Rua Visc. Maranguape, 15
N e s t a.

Prezado Senhor:

Antecipadamente peço-lhe desculpas por lhe tomar aqui um pouco do seu precioso tempo nestas mal traçadas linhas. Quanto ao assunto, não é nada de extraordinário e, acredito mesmo que V. S. já tenha recebido inúmeras cartas sôbre o motivo. No entanto, quanto mais não seja, servirá a presente para aumentar a sua estatística de cartas recebidas dos leitores. Mas, deixemos de delongas e vamos ao caso.

Li o número de "Revista" do dia 18-11-52 e encontrei à página nº 9 uma controvérsia, razão pela qual me faço missivista

Em primeiro lugar devo dizer a V.S. que sou carioca; e carioca da gema! Como tal, prezo muito as coisas desta minha querida terra. Assim sendo, considerando a sua "Revista" como um patrimônio do D.F., lògicamente dos cariocas e, como infelizmente é tão grande os desacertos em quase todos os setores, principalmente no do ensino, desejaria que V.S. ajudasse os cariocas a se instruírem com êste poderoso veículo que é a sua tão acolhida revista.

Como já disse, li na página 9 s/ os títulos: "SUICIDIO DE UMA CRIANÇA" e "CONCURSO DE LAGRIMAS" o seguinte: No 1º um menino que suicidou (suicidou-se?) — o parênteses é meu — aos

(Cont. na pág. 50)

ROTINA DE BELEZA

CARNAVAL

A temporada de carnaval no Rio é tão extraordinária que as mulheres cuidadosas de sua beleza não farão mal em dar um pouco de atenção ao tratamento que deverão dar à pele, para não a submeterem a prejuízos de menores ou maiores conseqüências.

«MAQUILLAGE»

O «maquillage» da verdadeira carnavalesca deverá ser qualquer coisa de durável, mas que ao mesmo tempo permita à pele o exercício de sua tão importante função de respirar.

A base a ser escolhida de preferência não deverá ser oleosa, pois o calor dêste época do ano e a agitação da folia indicam antes a necessidade de uma base sêca e mais estável, que não seja preciso substituir pelo espaço de muitas horas. Assim, as bases compactas ou em tijolos oferecem melhor resultado.

Sôbre essa base, o «rouge» será espalhado com insistência para penetrar e se fixar bem. Entretanto, o tom poderá ser moderado, pois mesmo no carnaval é imprescindível não exagerar demais.

A terceira fase é o empoamento do rosto. Com os cabelos protegidos para que não tenham a raiz perto da testa atingida, o pó terá que ser fartamente aplicado, conservando-se o seu excesso por alguns minutos para absorção de umidade, igualando-se depois a aplicação por meio de uma escôva própria, ou de um bocado de algodão. O processo pode ser repetido uma ou duas vêzes sôbre a primeira camada, para maior duração do resultado.

Depois é que serão pintados os lábios e os olhos. Os lábios, fazendo-se primeiro o seu contôrno com um lápis ou pincel, enchendo a seguir, comprimindo-se-os afinal com uma fôlha dobrada de papel absorvente para «maquillage», e também repetindo a operação, como o empoamento do rosto, e para o mesmo efeito. Para pintar os olhos é bom inicialmente frisar as pestanas com um aparelho próprio, depois usar o lápis levemente, em tracinhos interrompidos para simular cílios, nas sobrancelhas e no contôrno e alongamento da pálpebra superior; depois será usada uma escovinha carregada de máscara no tom mais conveniente para dar vida às pestanas e finalmente aplicada a sombra numa bonita côr na pálpebra superior.

LIMPEZA DA PELE

Para que uma pele se mantenha em bom estado é necessário zelar pela sua limpeza. No carnaval haverá pouco tempo para lambuzamentos demorados com cremes e banhos de vapor. Mas é aconselhável usar sempre para retirar o «maquillage» uma boa loção de limpeza e dormir com a pele bem limpa, levemente untada por um creme nutritivo sutil ou uma loção emoliente.

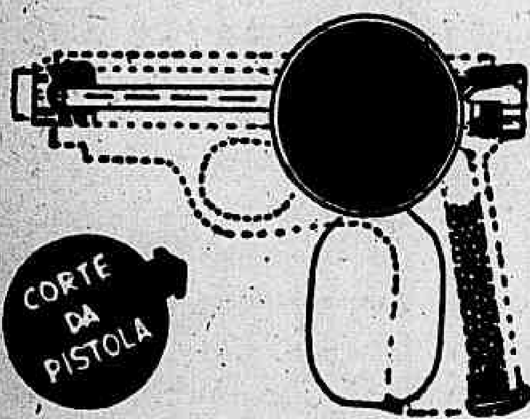
PISTOLA "PNEUMA-TIR"

Patenteada em todos os países

PISTOLA METRALHADORA!

Atira 500 balins sem necessidade de carregar!

Ar comprimido por novo processo!



Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantia contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres.



FABRICADA POR

Alfredo Ellis & Cia. Ltda.

RUA URUGUAIANA, 104

RIO DE JANEIRO

TEL.: 52-8868



Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com duas membranas sobressalentes:

Cr$ 250,00 pelo reembôlso postal

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes: Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA-TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Enderêço ....

Cidade ....

Estado ....

CORREIO DA REVISTA

(Cont. da pág. 47)

CATORZE anos de idade, e no 2º s/ um concurso havido em Norte-América onde tomaram parte QUATORZE concorrentes. etc. etc.

Ora, sr. Redator, ajude-nos a compreender! Como é que se deve escrever, CARTORZE ou QUATORZE? Não me move o espírito de crítica, quero, apenas, aprender o certo e, V.S. ensinando-nos, pela sua revista, mais ainda me orgulharei de ser carioca porque, aí então, terei o prazer de dizer que em minha terra existem as revistas mais eruditas de todo Brasil.

Pelo exposto, sr. Redator, pode V.S. observar na minha gramática que sou um leigo na matéria mas, como nunca é tarde para se reparar um êrro, poderei melhorar. Por isso, sr. Redator, ajude aos cariocas.

Sem mais, subscrevo-me

Atenciosamente

GILBERTO LEOVE DA SILVA
Rua Souza Barros, 103, apt. 201 — E. Novo

Pedro Juan Caballero, (Paraguay), 15 de outubro de 1952

Notando contristado quanto somos desconhecidos pelos nossos vizinhos, instalei no Consulado que me foi confiado, uma biblioteca que será franqueada ao público durante as horas de expediente, e, confiante no patriotismo e benevolência de V.S. venho solicitar-lhe (s) sua valiosa colaboração, na remessa de qualquer número de obras de autores brasileiros, sôbre história, literatura, poesia, folclore, artes, diplomacia etc., que possam tornar mais conhecido nosso País, fazendo ao mesmo tempo, a melhor divulgação de nossa língua e grau de nossa cultura.

Tôda e qualquer correspondência e remessa de livros, para maior rapidez e segurança, deverá ser enviada para a cidade vizinha de Ponta Porã, Mato Grosso, Caixa Postal 31, pertencente a êste Consulado.

Certo da atenção de V(v) S(s) antecipo meus profundos agradecimentos e aproveito a oportunidade para apresentar-lhe (s) os protestos de minha perfeita estima e distinta consideração.

MANOEL DIAS DE PINHO
Cônsul Privativo

O "PAJÉ" DO...

(Cont. da pág. 53)

aos almoços dos quais resultavam muitas vêzes modificações substanciais nos rumos da política. Em sua casa também não era raro a visita de próceres que vinham pedir-lhe conselhos e orientação para os «casos» que sempre aparecem entre os que disputam o poder.

Dr. Cesário de Melo era muito jeitoso e, como contava de fato com o apoio popular, sempre indicava o caminho que lhe parecia justo.

Contam que de certa feita estava êle numa dessas conferências entre gente graúda, quando um cliente solicitou seus préstimos. Êle, pedindo licença, adiou a palestra para outro dia, alegando que tinha algo importante para resolver. E, deixando a sala, foi para o seu consultório, (que diga-se de passagem foi presente do vigário de Santa Cruz, Monsenhor Gomes) e ali atendeu primeiro ao homem do povo.

DOIS CAVALOS POR ANO

O «Pajé» fazia sua clínica a cavalo. E naturalmente os cavalos não tinham descanso. Daí que os renovava periòdicamente. O povo o conhecia e de longe anunciavam: «Lá vem o dr. Cesário», o homem que foi Intendente, Deputado Federal, Senador e, finalmente, vereador em 1946. O último cavalo, o manso tordilho «Sereno», ficou como lembrança viva dessas andanças que marcam uma época e simboliza a morte do «político ao modo antigo».

ESPEREM!

LEIAM NO PRÓXIMO NÚMERO DA REVISTA DA SEMANA

NOVO ROMANCE EM CAPÍTULOS!

"A BEM AMADA"

de THOMAS HARDY

Tradução de RENATO DE ALENCAR

FUGA E RETÔRNO

(Cont. da pág. 41)

Continuei então a correr atrás das outras pessoas e fui restabelecendo a ordem na cidade. O lixeiro começou a recolher o lixo, o padeiro a entregar o pão, o jornaleiro a anunciar as notícias. Até os pardais despertaram e se entregaram ao retinir metálico e confuso de sua língua, saltitando nas franças das árvores.

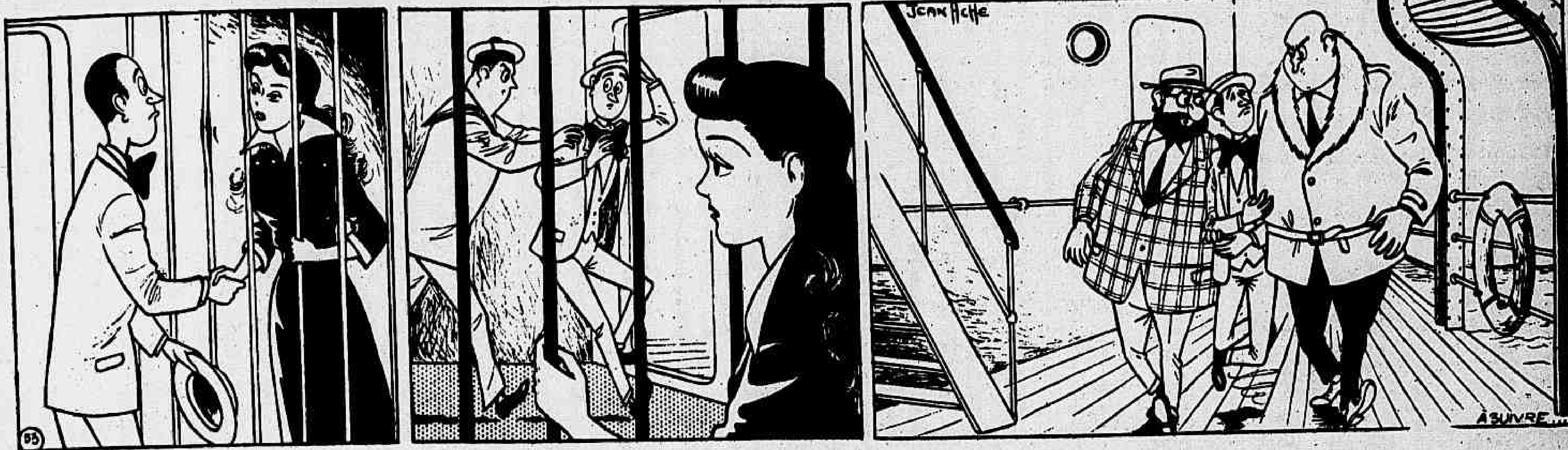
Cada pessoa que eu agarrava era mais uma engrenagem restaurada e entregue ao mecanismo da cidade.

Um rapaz, porém, se recusou a aceitar a cabeça que trazia nas mãos. «Esta cabeça não é minha», me disse enérgico e decidido. «Achei-a no chão, depois que a minha caiu durante o rebolíço da fuga». Insisti com êle, pois afinal êle não poderia continuar sem cabeça, mas sua negativa foi tão autoritária que não ousei meter-lhe a cabeça no corpo, como até então fizera com os outros. Limitei-me a dizer-lhe: «Mas afinal você não deve ter hora marcada para protestar. Por que não protestou antes?» Retrucou-me: «A hora de protesto é sempre marcada, sobretudo de protesto político e social. Chegam até a anunciar o protesto pelos jornais tal e tal hora. Além disso, se protestasse antes, o «antes» também seria uma hora marcada». Como não lhe soubesse responder, pois não encontrava resposta nem mesmo para minha situação e atitude, disse-me êle em seguida: «Há muita gente por aí que tem cabeça e que, no entanto, pelos seus atos e palavras, dá impressão de que não a tem. Como vê, mesmo sem cabeça, tenho mais cabeça do que muita gente».

Compreendi que era inútil convencê-lo a usar uma cabeça que êle afirmara não ser sua. Deixei o rapaz, procurando em seguida alcançar os outros habitantes da cidade que ainda fugiam, mas tive tempo de ouvir a sua voz enérgica e revolucionária. Gritou-me êle: «Prefiro ficar sem cabeça a usar esta cabeça intelectual. A minha é uma cabeça proletária».

Eu, que já corria no encalço dos outros, estaquei ante suas palavras e quis voltar para me entender com êle, pensando em possível troca. Afinal, uma cabeça intelectual também tem sua utilidade neste mundo. Mas o rapaz partiu em inalcançável corrida, levando a cabeça intelectual nas mãos, a qual não se manifestara nem se manifestou na contenda. Resolvi parar, por inútil persegui-lo. Verifiquei que parara justamente defronte de minha pensão. Afobado, entrei em casa levando a ânsia nos pés para chegar ao meu quarto. Na cama, na minha cama, lá estava meu corpo ainda deitado. Ao aproximar-me, percebi que meu corpo já estava desperto. «Anda depressa, deita aqui», disse-me meu corpo, numa agitação que parecia que fôra êle e não eu que tinha andado a correr pelas ruas da cidade. «O que aconteceu — acrescentou — não foi sonho. Talvez tenha sido o «filet» com batatas».

ARABELLE, a última



— Que irá suceder-nos? Estou com mêdo, diz «Flor Azul». E você, menina? — Não se preocupe, amigo. Eu me sairei bem desta aventura.

«Flor Azul» não queria, de forma nenhuma, ser libertado, pois sabia que «Branca de Neve» iria vingar-se dêle, ciente de sua traição ao bando.

Logo que chegou ao convés, «Flor Azul» foi agarrado por dois dos bandidos sob as ordens de «Branca de Neve». Arabelle, lá na prisão, ficou penalizada com a sorte que esperava seu salvador, o «gangster»-poeta. Ela sabia que «Branca de Neve» era capaz de tôdas as misérias.



«Branca de Neve» vai até à cabine de comando e fala ao comandante. Ela precisa de uma secretária e propõe pagar a passagem de Arabelle.

O comandante do navio aceita e acha mesmo que a clandestina, uma jovem muito linda, não deve fazer a viagem nas grades de uma prisão.

Obedecendo as ordens da chefe, os bandidos levam o pobre «Flor Azul» até ao beliche de um dos «gangsters» e lhe aplicam uma surra tremenda. O pobre poeta, nada podendo opor à agressão dos três monstros, sofre pacientemente o martírio com o pensamento na linda Sereia...



Arabelle estava a olhar as gaivotas — pela escotilha da prisão — quando um marujo entra e lhe diz que o comandante a está chamando.

Arabelle não poderia imaginar para que lhe queria falar o comandante. Logo que entra em seu gabinete, êste lhe apresenta «a sua benfeitora», a passageira que pagara sua passagem, mas com a condição de que ela trabalhasse como secretária. Arabelle percebeu, mas ficou firme.

Logo que deixaram a sala do comandante, Branca de Neve agarrou a Sereia pelo braço, sacudiu-a e disse: «Desta vez você não escapará...»



Durante o trajeto para seu camarote, «Branca de Neve» vai sendo felicitada pelos passageiros, em virtude de seu gesto «generoso e desinteressado», embora algumas velhotas achem que Arabelle, assim sôlta, é um perigo... Acham que devia continuar prêsa, para a paz do navio...

«Branca de Neve» os entrega ao carrasco da gang, o «Molosso», que os amarra fortemente a um canto e os ameaça de morte, a qualquer gesto.

Depois de um «conselho de guerra» de duas horas, «Branca de Neve» dá instruções: — Levem «Flor Azul», à noite, para um passeio no convés...

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 37

A	Sem roupa, nua	17	149	48	140	72	93	36
B	Insinuação indireta; motejo	142	9	27	47	98	75	107
C	Terreno plantado de olmos	6	25	146	69	85	133	■
D	Aquilo que prejudica ou fere	46	3	76	■	■	■	■
E	O suco da massa da mandioca	2	16	37	106	128	101	■
F	Sentença de recurso em tribunais coletivos	13	24	113	89	138	132	67
G	Terceiro filho de Jacó e de Lia	63	20	71	118	■	■	■
H	Reprêsas; açudes; docas	58	123	1	55	62	144	■
I	Fazia uma operação	11	61	43	97	126	117	80
J	Maneira de dizer; expressão	66	41	120	131	52	124	■
K	Aguarde; tenha esperança	12	54	81	34	148	110	■
L	Livres de morte, doença, perigos	60	82	10	19	96	134	■
M	Alvo; mira; propósito; intento	22	127	68	59	95	32	■
N	Adversário; não amigo	39	4	104	51	137	14	77
O	Cadeia, xilindró	23	18	91	15	45	83	■
P	Caminhar	86	56	79	26	50	■	■
Q	Espécie de dourado; saijé	125	139	90	30	7	■	■
R	Divulga; publica; torna público	122	114	53	147	28	103	88
S	Planta criptogâmica, cultivada em vasos	119	40	129	111	87	143	■
T	Que é da natureza do sebo	65	38	8	84	73	5	29
U	Contatos; atos de tocar	35	64	105	99	145	109	■
V	Dirija um ofício	121	33	57	74	49	100	■
W	Tornar a ver	31	94	136	115	44	■	■
X	Antiga flauta pastoril (pl.)	141	42	135	116	102	70	■
Y	Amáveis; francos; afáveis	21	112	92	130	108	78	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

■	■	■	■	■	■	H 1	E 2	D 3	N 4	T 5	C 6	■	Q 7
■	T 8	B 9	L 10	J 11	■	K 12	■	F 13	N 14	O 15	E 16	A 17	O 18
L 19	G 20	Y 21	■	M 22	O 23	F 24	C 25	P 26	B 27	R 28	■	T 29	■
Q 30	W 31	M 32	V 33	K 34	U 35	A 36	■	E 37	T 38	N 39	■	S 40	J 41
X 42	I 43	W 44	O 45	D 46	■	B 47	A 48	■	V 49	P 50	N 51	J 52	R 53
K 54	■	H 55	P 56	V 57	H 58	M 59	L 60	■	I 61	H 62	G 63	U 64	T 65
■	J 66	F 67	M 68	C 69	X 70	■	G 71	A 72	T 73	V 74	B 75	D 76	N 77
Y 78	■	P 79	I 80	■	K 81	L 82	O 83	■	T 84	■	C 85	P 86	■
S 87	R 88	F 89	Q 90	O 91	Y 92	A 93	W 94	■	M 95	L 96	I 97	B 98	U 99
V 100	■	E 101	■	X 102	R 103	N 104	■	U 105	E 106	B 107	■	Y 108	■
U 109	K 110	S 111	Y 112	F 113	R 114	■	W 115	X 116	I 117	G 118	S 119	■	J 120
V 121	R 122	H 123	J 124	O 125	I 126	M 127	■	E 128	S 129	Y 130	J 131	F 132	C 133
L 134	■	X 135	■	W 136	N 137	F 138	Q 139	■	A 140	X 141	B 142	S 143	■
H 144	U 145	C 146	R 147	K 148	A 149	■	■	■	■	■	■	■	■

Otaner-Rio

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 36 — TÔRRES HOMEM. — LIBELO DO POVO. — "Não foram armados cavaleiros de ordem alguma os cidadãos dos Estados Unidos que pelejaram pela emancipação do país em cem combates, bastando a veneração pública a êsses homens singelos e grandes."

SUPERSTIÇÃO

— Dizem que Massenet tinha verdadeiro horror ao número 13. Para prova basta que se leiam as páginas de seus manuscritos: 11, 12, 12bis, 14... E a ironia do destino preparou-lhe esta conclusão: morreu num dia 13 de 1912. Somando-se os algarismos do ano, também temos 13...

Frederico, o Grande não permitia que seus esquadrões tivessem o número 13. Quando chegava a 12, passava logo a 14...

— Por sua vez, o livro de estréia de Edmond Rostand, «Les Musardises» deu muita sorte ao poeta. Tem a obra um nome de 13 letras. Rostand foi eleito para a 13ª cadeira da Academia, da qual era o 13º titular.

ANATOLE FRANCE NO RIO

Quando Anatole France estêve no Rio, a Academia Brasileira de Letras lhe ofereceu recepção de gala. Funcionava o «Petit Trianon» brasileiro no Silogeu, em cujos fundos o zelador possuía pequena criação de galinhas. No momento exato em que Ruy Barbosa pronunciava seu discurso, o galo do terreiro pulou a uma das janelas, bateu asas e cantou. Houve uma risada geral. Ruy, porém, sem perder a calma, aproveitou-se da inesperada visita do galo e, virando-se para o ilustre francês visitante, esclareceu:

«C'est le coq gaulois qui vous salue!»

UMA HISTÓRIA MENTIROSA

Espalhou-se pelo mundo, e aqui no Brasil se repete muitas vêzes, que o médico francês Guilhotin foi o inventor da «guilhotina», tendo morrido com a cabeça decepada pelo seu próprio invento. Nada mais falso. Era êle professor de anatomia da Faculdade de Medicina de Paris, e, achando bárbaro o modo como se justiçava a gente naquele tempo, sugeriu que se usasse um aparelho de degolar já existente na Itália. Deram-lhe licença para o aperfeiçoamento da máquina de matar, e êle construiu a primeira «guilhotina», nome que deram ao engenho, em homenagem a êle. Isso, porém, sempre lhe causou muito desgôsto, e êle sempre protestou contra tal nome. Guilhotin morreu normalmente, e indignava-se quando falavam em «guilhotina»...

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de normônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência especifica. da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6280.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

A TRAGÉDIA DO «CHAMPOLION»

(Cont. da pág. 42)

Chile, que viajava com sua espôsa; sr. Charles de Catalogne, delegado da UNESCO; sr. C. Harris, pintor norte-americano; monsenhor Jacobes, dignitário da Igreja Copta e muitas outras personagens. Afinal, foi pequeno o número de vítimas, assim mesmo entre os que se atiraram ao mar.

Clube de Correspondência

Intercâmbio Cultural, Sentimental e Social

Se V. deseja fazer Amizades, ou conhecer pessoas do sexo oposto com propósito Sentimental ou Cultural, podemos ajudar-lhe.
Temos listas com centenas de descrições e fotos, de pessoas sinceras e de ótima aparência, de tôdas posições sociais, religiões e graus de cultura, que desejam corresponder-se.
Atenção especial a cada associado e máximo segrêdo.
Escreva-nos hoje. Mencione o seu endereço a esta revista e receberá GRÁTIS um folheto informativo.

Clube de Correspondência — Caixa Postal 2632 — S. Paulo

(Nossos envelopes não têm timbre)



Eis aqui o modêlo de uma família de antanho que os tempos modernos vêem raramente: — a viúva do Doutor Júlio Cesário de Melo acompanhada de seus sete filhos: — da esquerda para a direita — Fernando Luís, Maria da Glória, Júlio Maria Vicentina. Sentados, na mesma ordem: — Maria de Lourdes, a viúva Dona Antonieta, José Antônio e Maria Marta. Vê-se — ao fundo — o retrato do chefe da família.

O "PAJÉ" DO SERTÃO CARIOCA

VIDA E MORTE DE CESÁRIO DE MELO ★ MODÊLO DE MÉDICO DA ROÇA ★ POLÍTICO QUE O VOTO SECRETO ELIMINOU

Fotos de A. MIRANDA

COM o desaparecimento do dr. Júlio Cesário de Melo, que todo o sertão carioca chamava carinhosamente de «Pajé», desaparece também do cenário nacional uma figura que representa bem uma geração com características próprias, atuando na política através de uma vida de bondade e dedicação sincera ao povo.

Cesário de Melo era um médico de aldeia. Porém era também até a revolução de 30 um político eleitoralmente poderoso e de prestígio inegável entre os eleitores do Estado do Rio, com repercussão na política nacional dada a sua influência junto ao último presidente da República velha.

Montado em seu cavalinho ia pelas estradas do sertão carioca levar o confôrto aos doentes, conselho aos abandonados, uma palavra amiga a um aflito. E assim em tôrno do seu nome foi-se criando uma auréola de benquerença



O consultório modesto, cuja cêrca é de bambu, foi cenário de várias operações e recinto de trabalho fecundo. A modéstia de Júlio Cesário de Melo se refletia em todos os costumes.



Cesário de Melo fazia a clínica a cavalo. Eis aqui sua nora D. Mercedes Barreto Cesário de Melo, acariciando «Sereno», seu manso e fiel tordilho.



Chapéu prêto, guarda-chuva que o abrigava da intempérie em suas contínuas excursões pelo sertão carioca, onde atendia todos com solicitude.



Seu instrumental cirúrgico de emergência era o mais simples que se poderia imaginar. Pinças, tesoura, estôjo de injeção. Mas fazia prodígios.



Trinta e nove anos de casados, não são trinta e nove dias! — diz a viúva Júlio Cesário de Melo — Dona Antonieta — senhora talhada ao modo antigo, boa e cheia de virtudes.



O advogado Caldeira de Alvarenga, seu amigo de muitos anos e testemunha de sua permanente ação social, mostra o bastão que Cesário de Melo sempre levava em suas saídas.

que aumentou sempre até o momento de sua morte.

Porém, com a queda de Washington Luís, politicamente, tudo mudou. O voto secreto estabeleceu novo **modus vivendi** entre os chefes políticos e seus amigos. Antes, o voto era certo e a gratidão uma moeda altamente valorizada. Hoje o voto secreto desmancha os castelos de todos os que sonham galgar posições político-eleitorais fazendo o bem e contando com os amigos.

Cesário de Melo é um exemplo vivo desta realidade. Ainda que o seu prestígio como médico caridoso sempre aumentasse, sua estrêla política declinou irremediàvelmente. Chegando mesmo a não pesar em nada na balança eleitoral, segundo se verificou pela contagem dos pleitos mais recentes.

O PAI DOS POBRES

As testemunhas são inúmeras da vida dedicada e prestimosa de Cesário de Melo. Muitos choravam de fato e sinceramente.

— «Perdemos um pai, um verdadeiro pai... Igual a êste jamais teremos outro!» — Assim se lamentava o sr. Djalma José Marques, rememorando os benefícios que o morto prestara ao povo suburbano e a êle mesmo. Recordou também que operara sua filha na cozinha de sua casa modesta.

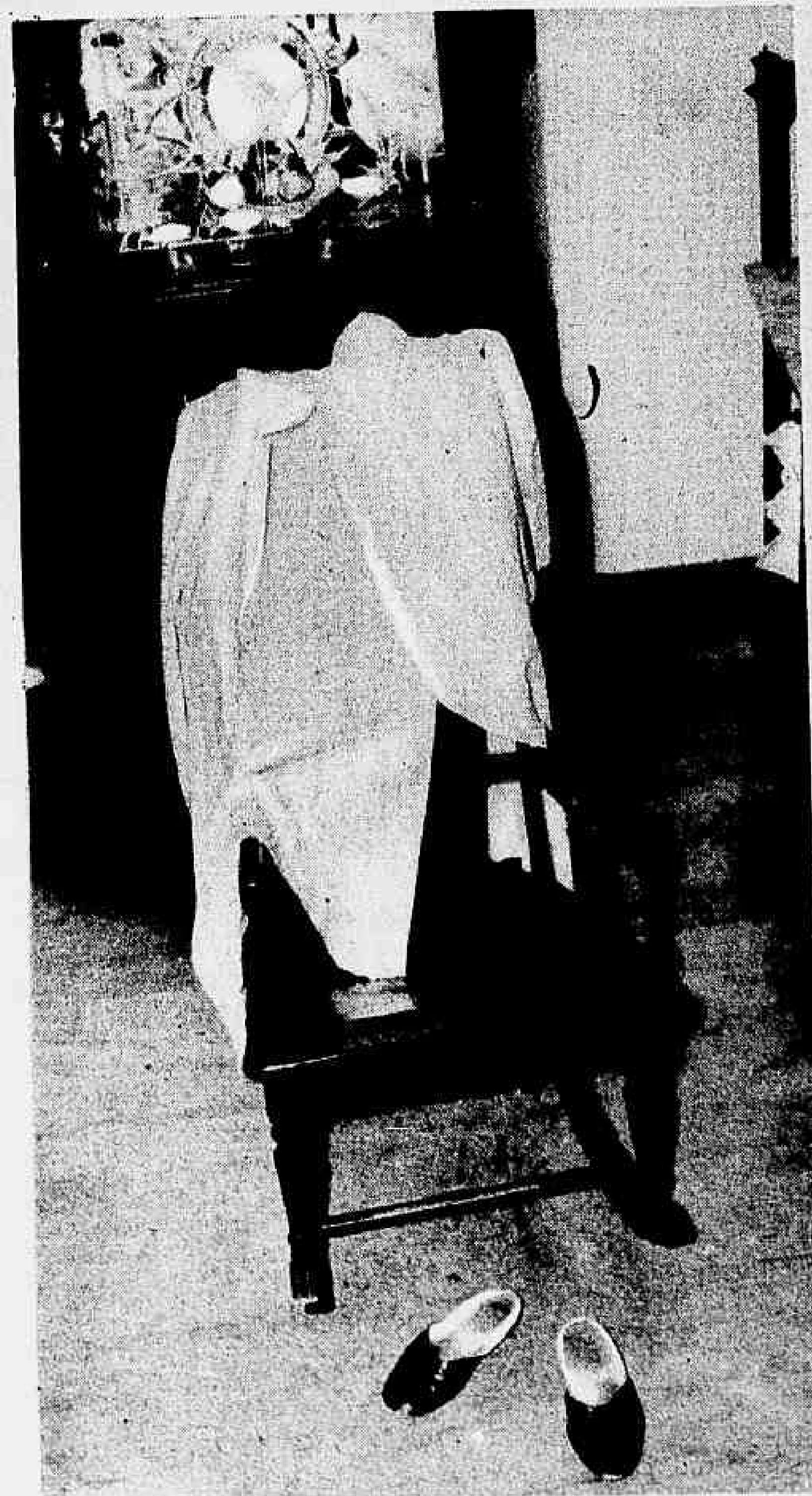
Foi assim, conta o sr. Djalma: «Eu o chamara com urgência. Ao examinar minha filhinha, disse: «Preciso operar a menina agora mesmo. E' caso de vida ou morte...» E, com efeito, arregaçou as mangas da camisa, desinfetou ràpidamente os ferros de cirurgia e realizou notável operação. E ao perguntar-lhe quanto lhe devia, recebi a seguinte resposta: «Djalma, uma vida nunca poderá ter preço. Portanto para mim, a melhor paga é ver que fui bem sucedido e que pude realizar a vontade de Deus.»

Outros, no mesmo tom de gratidão, confessavam que deviam ao «Pajé» sua vida que a doença quis arrebatar.

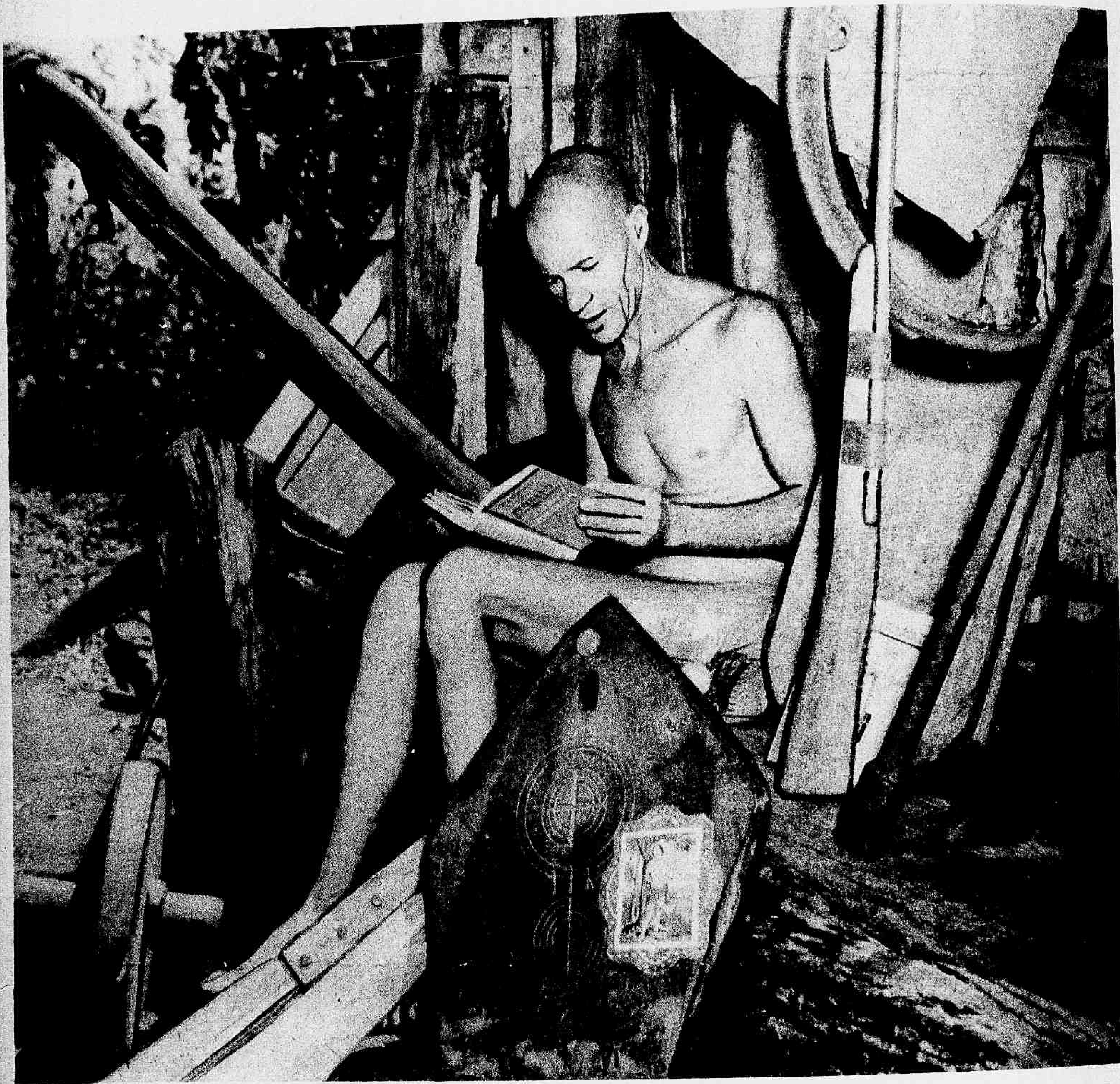
ENTRE A POLITICA E A CARIDADE

Em tempos idos, havia o dr. Cesário de Melo promovido algumas «peixadas cívicas» que se tornaram célebres. A elas acorriam todos os nomes em evidência na política nacional. Senadores da república se abalavam para as praias de Sepetiba para concorrer

(Cont. na pág. 48)



Homem da família — apesar de estar sempre fora a serviço da caridade e da medicina — Cesário de Melo lia sempre os jornais e também descansava nesta cadeira.



ÚLTIMO FLASH

NEM «ELAS», NEM «ÊLES»

OLIVIO Rodrigues da Silva, com 47 anos de idade, fugiu da sociedade humana há 24 anos, indo enfurnar-se na fazenda «Sempre Verde», município de Marília. Vive completamente despido, mas não é nenhum louco. Trata-se de um homem desiludido de homens e mulheres, especialmente delas, «tentações prontas a arrastar o homem para o mau caminho». E' um misantropo. De seis em seis anos vai à cidade para fazer compras e obter alguns livros. Estuda o latim e se entrega a meditações. Tem roça e cultiva um pomar, alimentando-se de frutas e tubérculos. Sempre que pode, mata uma caça, a fim de variar o cardápio. Sua «casa» é uma gruta construída por êle mesmo, e se acha um homem feliz, sem complicações e gozando de uma vida de asceta, integrado na Natureza.

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projeto da CASA NUNES

TAPÊTES feitos à mão em lindos desenhos e em tôdas as côres



CORTINAS

Grupos estofados

— especialidade de nossas oficinas —

TAPÊTES e PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as larguras, em côres lisas e com flores

AGORA, a

preços que animam a comprar



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

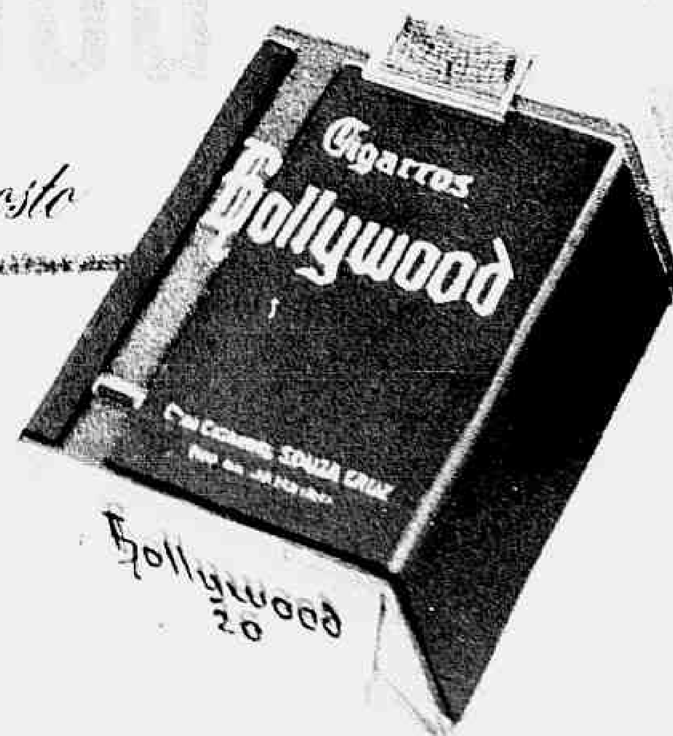
Uma legítima consagração...

O apurado bom gôsto e o agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegancia, deram aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.154